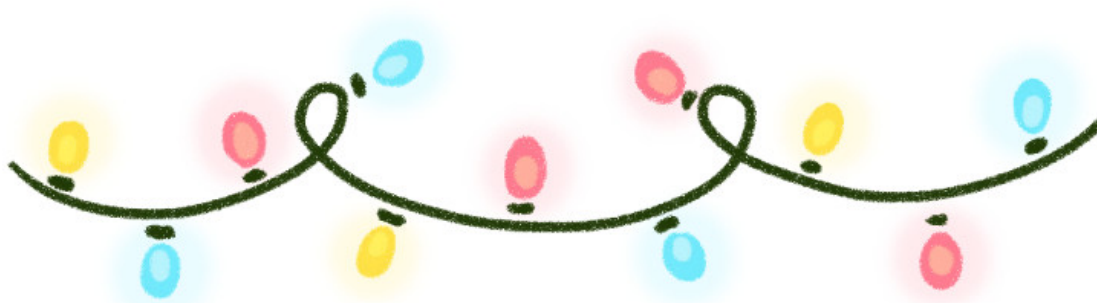
ALLIAH • BÁRBARA MORAIS • LUCAS ROCHA
MAREKSA CRUZ • VITOR MARTINS
Todas as cores do natal
página7
AGÊNCIA LITERÁRIA

Sumário

Apresentação

Olá, leitor(a)!

Quando o Vitor Martins nos falou sobre a ideia de criar uma coletânea de histórias LGBTQ+ de Natal, ficamos enlouquecidas com o projeto. É tudo o que apostamos na literatura juvenil brasileira: ter histórias de qualidade e que, ao mesmo tempo, tragam diversidade para a realidade de quem lê. Não é maravilhoso ler algo e se identificar? Pertencer, se sentir parte de algo? Ou ver os seus amigos nesses personagens e sentir que há espaço para todo mundo? Esse é o maior objetivo dessa coletânea. E é preciso ter tato para falar de temas que fogem ao padrão da sociedade, por isso, acreditamos muito na leitura de sensibilidade e em dar o lugar de fala para quem tem propriedade no assunto. Sabemos que a época de fim de ano pode ser muito difícil para algumas pessoas, por conta da intolerância e da estupidez em não respeitar o próximo. Por isso, ficamos felizes em trazer contos divertidos e acolhedores. A Agência Página 7 é feita de amor, amizade e respeito. Nós somos um porto seguro para nossos autores e autoras serem quem eles quiserem ser e, com esse livro, desejamos que você se sinta confortável e amparado, não

importando quem você seja. Obrigada por nos apoiar nesse projeto e esperamos que se divirta com as histórias tanto quanto nós nos divertimos criando-as. Um obrigada especial a nossos autores e autoras: Alliah, Bárbara Morais, Lucas Rocha, Mareska Cruz e Vitor Martins – vocês são todas as cores desse livro. E feliz Natal!

Beijos,
Gui Liaga e Taissa Reis

Vinte Bombons de Banana

Vitor Martins

Segunda-feira, 4 de dezembro de 2017

É muito difícil entrar no clima de natal quando você mora em um país onde, em dezembro, faz quarenta graus na sombra. Sinto outra gota de suor quente descendo pelas minhas costas enquanto tento sobreviver no ônibus lotado a caminho do curso de inglês.

Estou quase concluindo o segundo ano do ensino médio e as semanas finais de aula são aquelas em que todo mundo só aparece na escola para fazer prova e ir embora o mais rápido possível. Só preciso de mais duas semanas até alcançar minha liberdade de fim de ano. Duas semanas me separam das minhas férias oficiais, quando pretendo me trancar em casa com o ar condicionado em temperatura negativa. Eu nem sei se o ar condicionado é capaz de atingir temperaturas abaixo de zero, mas estou disposto a tentar.

Desço no ponto próximo ao curso e o alívio repentino de sair de um ônibus cheio é substituído pelo calor absurdo do sol de meio-dia. Sinto meu pescoço arder e tenho certeza de que logo, logo minha camiseta vai deixar uma marca de sol na minha nuca, dividindo a pele cor de rosa da pele branca. Minha cabeça está fritando debaixo do boné vermelho com um pequeno bordado de nave espacial. Na semana passada cometi o erro de deixar o Fernando, meu

irmão mais velho, cortar meu cabelo. Estava calor, eu achei que passar máquina e usar um corte mais fresco seria uma boa ideia. Meu irmão sempre cortou o próprio cabelo muito bem, o que poderia dar errado?

Basicamente, tudo. Fiquei parecendo um rato molhado e agora não tenho coragem de tirar o boné.

Chego no curso e encontro a recepção toda decorada para o natal. Não me surpreendo, porque as paredes estão cheias de cartazes natalinos com desenhos de Papai Noel desde o começo de *novembro*, mas isso não me impede de ficar revoltado com os flocos de neve pendurados no teto. Flocos de neve, sério? Se eles não fossem feitos de papelão, teriam derretido em menos de dois segundos no calor de São Paulo.

Eu não sou o tipo de pessoa que odeia o natal. Para ser sincero, não consigo entender como alguém pode odiar uma época do ano que envolve férias, presentes e comidas gostosas. Mas também não sou do tipo que ama. Não faço questão de enfeitar a casa toda e passar o mês de dezembro inteiro ouvindo músicas festivas. Minha mãe é desse tipo e, como já é de se esperar, minha casa também está toda enfeitada desde o início de novembro. Quando se trata de natal, acredito que estou na zona neutra, se é que isso faz sentido.

— Boa tarde, Renato — a secretária da escola de inglês me cumprimenta enquanto estou parado na porta da recepção, bem no ponto em que o ar condicionado sopra o vento gelado.

Me sinto aliviado.

Respondo com um sorriso e vou caminhando para a minha sala.

Minha turma não é muito grande, somos apenas dez alunos, mas quando abro a porta percebo que todo mundo já chegou. Pego o celular para checar as horas e descubro que estou quinze minutos atrasado para o início da aula. A professora parece não se importar porque está ocupada

demais tentando conter a empolgação da turma. Eu não faço a menor ideia do que está acontecendo.

As carteiras estão organizadas em círculo e isso só acontece em dias especiais. Sento na última cadeira vaga, ao lado de uma garota nada animada com a qual não tenho muita intimidade e retiro o livro da mochila.

— Não vamos precisar disso hoje — ela me avisa, e eu me sinto culpado por não saber seu nome.

No geral, eu sou bem ruim para decorar nomes. Ter entrado nessa turma em setembro, depois de ter saído de outra escola de inglês porque a mensalidade estava cara demais e não cabia mais no orçamento da família, não facilita muito as coisas. Cheguei de paraquedas em uma turma onde todo mundo já se conhecia e até hoje não consegui fazer nenhum amigo.

Não é como se na outra escola eu tivesse muitos amigos. Eu sou um garoto complicado quando se trata de fazer amizades. A maioria dos meus amigos de verdade, que sabem tudo sobre mim e com quem compartilho piadas internas e memes que mais ninguém acha graça, eu conheci na internet. Não entra na minha cabeça que pessoas conseguem fazer amizades assim de cara, conversando pessoalmente. Se você fala “oi, vamos ser amigos?” na internet, isso pode ser engraçado porque é só colocar um “hahaha” no final e mandar um GIF de dois gatinhos se abraçando. Mas na vida real você vai parecer um psicopata desesperado. A vida real sofre de uma séria falta de GIFs de gatinhos se abraçando.

— O que está acontecendo? — pergunto para a menina ao meu lado, um pouco tímido. Ela é alta, magra, tem cabelos loiros crespos e, aparentemente, veio para a aula de carro, porque sua pele branca está impecável, sem nenhum sinal de suor.

— Sorteio do amigo secreto — ela responde, revirando os olhos.

Eu mal tenho tempo de processar a informação porque, no segundo seguinte, a professora Tatiana está batendo palmas para chamar a atenção de todo mundo. A sala cheia de adolescentes barulhentos falando ao mesmo tempo fica em silêncio e todo mundo olha para ela.

— *Good afternoon, class!* — ela diz, com um sorriso no rosto, e só agora reparo que ela está usando um arco de cabelo com chifres de rena. Esse dia não para de ficar mais esquisito.

— *Good afternoon, teacher!* —respondemos em um coro meio desengonçado.

— Hoje é nossa penúltima aula, dia do nosso *final test* — anuncia ela, levantando uma pasta com as provas que faremos hoje.

Alguns alunos sussurram entre si, preocupados com as questões do teste final. Eu estou tranquilo porque, para ser sincero, sou bom em inglês da mesma forma que sou ruim em fazer amigos. Não se pode ter tudo na vida.

— Mas antes, vamos fazer uma coisa especial para encerrar o ano letivo? A Júlia sugeriu um *secret Santa* e eu adorei a ideia! — continua a professora, apontando para a Júlia, que está sentada a quatro carteiras de distância de mim.

Júlia está sorrindo de orelha a orelha porque ela é o tipo de aluna que se empolga toda vez que a professora fala seu nome. Nunca vou entender. A *teacher* Tatiana segue explicando como aquilo tudo vai funcionar.

— Minha sugestão é sortearmos nossos amigos secretos hoje e entregarmos os presentes na próxima semana, junto com os resultados finais e com uma festinha de encerramento da turma. Quem concorda?

Todo mundo levanta a mão lá no alto, eu levanto o braço o mínimo possível para mostrar que concordo, mas não muito, e a garota do meu lado permanece de braços cruzados. Eu jamais teria a coragem que ela tem porque não quero ser visto com o *Grinch* do curso de inglês.

A professora parece ignorar o resultado da enquete e começa a passear pela turma com uma sacola de plástico cheia de pedaços de papel dobrados, com o nome de todo mundo. Pego meu papel, desdobro e leio “Tatiana”. Ótimo, vou ser o aluno que precisa se esforçar no presente porque tirou a professora.

Começo a pensar em ideias de presentes genéricos para professoras (Havaianas? Chocotone chique?) quando um aluno (Augusto, eu acho) solta um grito.

— OPA, tirei meu próprio nome, volta tudo!

A classe começa a contar quem eles haviam tirado, gargalhando enquanto todo mundo devolve o papel para a sacola.

Na segunda rodada, outra pessoa também tira o próprio nome antes mesmo da sacola chegar em mim. Isso parece que vai durar uma eternidade. Na terceira rodada, quando todos os papéis já estão mal dobrados e a graça de sortear tudo de novo já passou, eu enfio a mão no fundo da sacola e retiro um nome.

Impaciente, abro o papel e minha expressão congela em uma cara de surpresa, alegria e desespero. Porque no meu papel está escrito “Daniel A.” e eu sinto meu coração bater mais forte só de ler o nome desse garoto. Eu sou ridículo. Fecho o papel com todo o cuidado e torço para que esse seja o sorteio definitivo.

Papai Noel deve estar lutando ao meu favor porque, dessa vez, ninguém tirou o próprio nome. Daniel Aoki é, a partir de hoje, meu amigo secreto. Mas meu *crush* secreto ele já é desde o primeiro dia de aula.

Levanto a cabeça e tento observar Daniel sem deixar muito óbvio que acabei de ler o nome dele em um pedaço de papel. Meu coração está batendo acelerado e eu tenho certeza que minha expressão grita “EU TIREI DANIEL AOKI NO AMIGO SECRETO” para a turma inteira. Eu seria um péssimo espião.

Daniel hoje está vestindo uma bermuda azul marinho e uma camiseta amarela estampada com um monte de mini abacaxis. Seus avós maternos são japoneses (ele contou isso em uma aula de conversação sobre família) (mas eu já sabia porque tinha visto em uma postagem antiga dele na internet) (tá legal, uma postagem *bem* antiga, de maio de 2013), então seus olhos ainda são puxados. Seu cabelo preto é liso e a franja está sempre com uma cor diferente. Hoje está um azul meio desbotado. Ele pintou pela última vez há três semanas e está na hora de retocar.

Falando assim, parece que eu sou um perseguidor obcecado que mapeia cada passo do Daniel, mas não é bem assim. Eu sou observador, só isso. Passei os últimos três meses pensando na maneira ideal de puxar assunto com ele e, para isso, eu precisei fazer algumas pesquisas para saber do que ele gosta. Camila, minha melhor amiga, me ajudou bastante nisso. Ela é excelente quando se trata de descobrir sobre o passado das pessoas.

Nas nossas pesquisas concluímos que:

a) Daniel gosta de meninos. Ele teve um namorado no ano retrasado e os dois postavam muitas fotos juntos. Sei que o namoro acabou porque Daniel passou alguns meses postando só fotos melancólicas em preto e branco com letras da Taylor Swift na legenda (*Missing him was blue like I'd never known*) enquanto, na mesma época, o ex-namorado publicava fotos em festas com outros meninos e outras letras da Taylor Swift na legenda (*The best people in life are free*). Ficou bem claro quem terminou com quem.

b) Daniel está solteiro porque na semana passada ele tuitou: "meninos, estou solteiro!!!!!".

c) Daniel quer um namorado porque ontem ele tuitou: "que caloooor! queria um namorado que tivesse um quarto com ar condicionado #exigências".

Bem, eu tenho um quarto com ar condicionado, então sou um candidato cem por cento qualificado. Se eu arrasar no presente do *secret Santa*, pode ser que Daniel finalmente

me dê uma chance. E, se eu fracassar, pode ser que ele sempre lembre de mim quando o assunto com os amigos for “piores presentes de amigo secreto”.

O resto da aula passa voando. Demoro para terminar o teste final porque minha cabeça está ocupada demais pensando no presente de Daniel. Depois que a professora reorganizou as carteiras nas três fileiras de sempre, ele ficou sentado praticamente do meu lado e a cada cinco minutos eu o observava pelo canto do olho na esperança de que, a qualquer momento, soltasse uma dica sobre o que ele quer ganhar.

Sou um dos últimos a entregar o teste e, apesar da minha distração, acho que fui bem. Quando saio da sala de aula, encontro Daniel na recepção conversando com Júlia (a menina que deu a ideia do amigo secreto) e Vinícius (o segundo menino mais bonito da turma). Eles são do mesmo colégio então faz sentido que também sejam amigos aqui no inglês. Quando passo por eles, balanço a cabeça querendo dizer “tchau, gente”, mas Julia faz um sinal me chamando para mais perto.

— Renato, na última questão você marcou A ou D? — ela pergunta.

Era uma questão fácil sobre tempos verbais, mas tinha um truque no meio. Muita gente pode ter marcado *past perfect* ao invés de *past perfect continuous*.

— Acho que foi a D — respondo com tom de dúvida, mesmo tendo certeza que a resposta certa era a D. Não gosto de parecer inteligente demais na frente dos outros.

— EU SABIA! ACERTEI ESSA! — Vinícius grita empolgado enquanto Júlia revira os olhos bufando.

— Não acredito que confundi. Eu passei o fim de semana inteiro estudando essa porcaria — diz Júlia, desapontada.

— Ei, calma! Eu ter marcado a D não significa que é a resposta certa. Essa questão era difícil — tento amenizar.

— Nem vem, Renato. A gente sabe que você sempre acerta — responde Vinícius, dando uma piscadinha para mim. De um jeito hétero, sabe? Aquelas piscadinhas seguidas de um tiro, como se as mãos dele fossem duas arminhas. *Pew, pew.*

— Peraí, gente. Não era a letra C? — Daniel pergunta, forçando uma expressão de coitadinho e eu tenho vontade de morder a cara dele.

Todo mundo começa a rir, e eu queria ficar aqui mais um pouco. Sinto que é assim que se faz amigos, mas não consigo pensar em nada engraçado para falar, então só invento uma desculpa e digo que preciso ir embora.

— Até semana que vem! Capricha no meu presente, hein? — diz Júlia, brincando comigo, e eu me sinto confortável como se fosse parte do grupo.

Estou quase na saída quando ouço a voz de Daniel falando comigo.

— Gostei do boné!

Eu não sei bem como responder esse elogio porque não é como se esse boné fosse uma escolha minha. Então eu só balanço a cabeça, dou um sorriso sem graça e amaldiçoo o verão quando abro a porta de vidro e sinto a baforada de calor vinda da rua.

Mandar uma mensagem para Camila é a primeira coisa que eu faço quando chego em casa. Camila é a minha melhor amiga, mas, infelizmente, a gente nunca se viu pessoalmente. Camila também tem dezesseis anos, mora em Fortaleza e nós nos conhecemos no Twitter há quase três anos. Viramos amigos por causa dos nossos interesses em comum (Harry Potter, animes e séries norte-americanas de gosto duvidoso) e ela sabe praticamente tudo sobre a minha vida. Foi para a Camila que eu saí do armário pela primeira

vez, para ela que contei sobre o meu primeiro (e único) beijo e, claro, sobre minha paixãozinha pelo menino do inglês.

Lembro que, no dia em que entrei na classe do Daniel, mandei mensagem para Camila falando sobre um garoto lindo de família japonesa que estudava na turma, mas não sabia o nome dele porque tinha chegado depois da chamada. Literalmente oito minutos depois, Camila me enviou todos os *links* para todas as redes sociais nas quais Daniel tem um perfil.

Camila entrou na página do meu curso de inglês, listou todas as pessoas que deram *check-in* na escola, filtrou todos os meninos, depois todos os que tinham sobrenomes japoneses, todos os que tinham idade para estudar comigo e, por fim, todos os que faziam meu tipo. No fim, sobrou só o Daniel e eu passei a noite inteira olhando as fotos e os posts dele.

É muito bom ter uma amiga que tem talento para trabalhar no FBI.

Renato: você não vai acreditar! vai ter amigo secreto no curso de inglês!

Camila: odeio amigo secretoooo.

Renato: e eu tirei o Daniel!!!!!!!!

Camila: !!!!!!!!!!!!
isso só pode ser um sinal do destino!
você já sabe o que vai comprar pra ele?
o presente tem que ser romântico sem ser cafona
na verdade acho que pode ser cafona sim
mas ironicamente cafona
tipo pelúcias no formato do emoji de cocô!

Renato: ótima ideia
eu posso entregar um tênis de corrida junto pra ele fugir de mim!

Camila: para de fazer dramaaaa

vou te ajudar a pensar no presente perfeito

Renato: hoje eu fui de boné para o curso porque estava com vergonha do meu cabelo e na saída ele falou "gostei do boné" e eu não sei o que isso significa!!!

Camila: significa que ele gostou do boné????

Renato: e se ele quis dizer ~algo a mais~?

Camila: HAHAHAHAHAHAHA

Renato: sou muito iludido, pode rir

Camila: não é isso
to rindo da foto que você mandou na semana passada
depois que o seu irmão cortou seu cabelo
desculpa, ainda não consegui superar!!! HAHAHA

Renato: tchau, camila.

Na hora do jantar, a família toda está reunida à mesa. Não somos o tipo de família tradicional que faz as refeições com todo mundo junto na sala de jantar. Geralmente comemos espalhados pela casa. Meus pais na sala, eu e nosso cachorro Tomada no quarto e o Fernando eu nunca sei, porque desde que começou a faculdade no começo deste ano, ele nunca está em casa. Mas hoje ele está.

Ontem minha mãe testou uma receita nova de suflê de espinafre que ela quer fazer na ceia de natal para impressionar a minha tia Suzana (porque as duas meio que vivem em uma competição silenciosa de quem cozinha melhor) e hoje estamos comendo o que sobrou do suflê. Ficou bem gostoso e, se a competição da melhor cozinheira fosse oficial, eu estaria bem confiante no prato da minha mãe.

Tomada corre embaixo da mesa na esperança de ganhar um pouco de comida também. Ele é um vira-lata que adotamos quando eu era criança. Seu pelo é branco cheio de manchas cinzas e seu nariz é empinado, deixando as duas narinas à mostra. Ele tem nariz de tomada, e foi assim que eu escolhi seu nome.

— Já sabe se a Alice vem passar o natal aqui, Fê? — minha mãe pergunta enquanto se serve.

Alice é a namorada do Fernando. Os dois estudaram juntos a vida inteira, mas só foram começar a namorar nesse ano. A vida deles é, provavelmente, a história mais clichê que já vi acontecer. Alice é a menina bonitinha que precisou levar um pé na bunda do *bad boy* para perceber que o amor da vida dela sempre foi o melhor amigo nerd. Eu fico muito feliz que a história de Fernando e Alice teve um final de filme da Sessão da Tarde porque os dois são um casal bem legal.

— Ela ainda não sabe, mãe — Fernando responde. — Provavelmente vai passar o fim de ano na casa de alguns parentes do interior, mas está negociando com os pais dela para passar a noite do dia vinte e quatro aqui com a gente.

— Maravilha! Espero que ela consiga vir — diz minha mãe.

— Eu também! Não sei se vou aguentar mais um ano de tia Suzana me perguntando sobre as namoradinhas. Vou passar essa bola pro Renatinho, aqui! — Fernando responde, dando três tapinhas nas minhas costas.

— Não quero saber de namoradinha nenhuma! — respondo, ainda com a boca cheia, deixando um pouco do suflê escapar entre os meus dentes. Minha mãe arregala os olhos. — Não agora — completo, para tentar amenizar o clima.

O clima não se ameniza.

Minha mãe se levanta para pegar qualquer coisa na cozinha, meu irmão revira os olhos e meu pai elogia a comida mais uma vez para ninguém em específico.

E o Tomada, tadinho, continua esperando um pedaço de suflê.

Terça-feira, 5 de dezembro de 2017

Renato: já pensou em ideias pro presente? preciso da sua ajuda!!!

Camila: está muito calor
não consigo pensar no calor
me dá dois dias

Renato: dois dias é tempo demais!!!!

Camila: você já parou para pensar na possibilidade de você estar sendo MUITO FOLGADO?

Renato: tudo bem, camila.
eu vou dar o emoji de cocô de pelúcia mesmo
certeza que o daniel vai adorar
MUITO OBRIGADO PELA AJUDA!

Camila: você já parou para pensar na possibilidade de você estar sendo MUITO DRAMÁTICO?

Quinta-feira, 7 de dezembro de 2017

Dois dias depois, Camila aparece com ideias maravilhosas. Claro que nesse meio tempo nós falamos sobre um monte de outras coisas. No meio das conversas, ela sempre mandava algum *link* para uma notícia bizarra (tipo um cara que pediu a noiva em casamento na Inglaterra com um outdoor personalizado e a menina disse não) como sugestão de presente para o Daniel.

Me vejo em uma situação difícil porque eu quero que o presente seja surpreendente e também um convite para um encontro, sei lá. Eu nem sei se as pessoas fora dos filmes realmente saem em encontros ou se elas só falam “vamos ali rapidão” e se beijam. Mas, independente disso, já decidi que quero fazer desse amigo secreto uma tentativa para alguma coisa a mais com Daniel.

Eu poderia ter tirado qualquer um dos dez alunos. E o sorteio foi feito três vezes até que eu tirasse o papel com o nome dele. Só pode ser um sinal do universo. E ele também disse que gostou do meu boné! Isso é tudo o que eu tenho para me motivar e, por enquanto, me parece o bastante.

Camila: dá uma olhada nisso aqui.

Abro o *link* que Camila enviou. É um *post* do Daniel de abril do ano passado.

Vantagens de ser o único da família que gosta de bombom de banana: na páscoa eu como tudo sozinho porque é sempre o que sobra nas caixas! #JusticeForBombomDeBanana

Abro um sorriso lendo isso e imagino um futuro onde eu sempre separo os bombons de banana para ele nas páscoas que vamos passar juntos porque, quando se trata do Daniel, eu simplesmente não consigo parar de projetar em cima de coisas que não são reais.

Renato: obrigado por encontrar um tesouro escondido em um *post* de quase dois anos atrás.
você é maravilhosa!!!!!!
mas eu não posso dar só bombom de banana
a não ser que sejam muitos.
uns 20?
20 bombons de banana são um bom presente???

Camila: CALMA!!! ainda não terminei.

E, então, ela envia outro *link*.
É de um *post* mais recente, de agosto de 2017, e tem uma foto daquele meme do gato com a cabeça enfiada em um pão de forma. Na legenda, Daniel escreveu:

EU AMO O GATO DO PÃO DE FORMA! EU USARIA UMA CAMISETA DO GATO DO PÃO DE FORMA!!! EU FARIA UMA TATUAGEM DO GATO DO PÃO DE FORMA!!!!!!!

Desse jeito mesmo, tudo em caixa alta.

Renato: você acha que um vale-tatuagem seria um bom presente?

Camila: não!!!!! mas a camiseta seria!
tá legal, o vale-tatuagem seria excelente.
mas eu não te deixaria namorar um cara que tem uma tatuagem do gato do pão de forma.

Sexta-feira, 8 de dezembro de 2017

Agora que tenho todas as ideias para os presentes, preciso colocar em prática. O amigo secreto acontece na próxima segunda-feira e eu só tenho o fim de semana para fazer tudo acontecer. E, logo na primeira parte da missão, já fico com vontade de desistir porque envolve pedir favores para o meu irmão.

Fernando nunca foi o tipo de irmão mais velho carrasco. Mas, por algum motivo que vai muito além da nossa diferença de idade, eu sempre tive a sensação de que ele é melhor do que eu em tudo. Ele faz contas de cabeça muito mais rápido, faz amigos com mais facilidade e sabe desenhar. Ele sempre consegue convencer meus pais quando precisa de dinheiro e é o mais querido pelos meus avós. Seu corpo é mais forte, seus ombros são mais largos, suas piadas são melhores, seus dentes nunca precisaram de aparelho e até suas espinhas não parecem tão nojentas quanto as minhas.

Depois do almoço, encontro meu irmão deitado em sua cama no quarto que nós dois dividimos. Ele está mexendo no celular e, pelo sorriso no seu rosto, posso deduzir que está trocando mensagens com a Alice. Ou que ele está se saindo bem em alguma fase do *Candy Crush*, já que passou do nível 250 enquanto eu estou até hoje agarrado na fase 77. Esta é só mais uma das coisas nas quais Fernando é melhor do que eu.

Delicious, é o som que sai de seu celular quando eu me aproximo. Definitivamente *Candy Crush*.

— Fala aí, Renatinho! — meu irmão diz, sem desgrudar os olhos da tela.

Só ele me chama de Renatinho. O apelido no diminutivo não faz muito sentido, já que eu tenho quase um metro e oitenta, mas nunca reclamei porque ele diz de um jeito carinhoso.

— Preciso te pedir um favor — digo logo de primeira.

— Depois da merda que eu fiz no teu cabelo, você pode pedir até dois — ele responde com uma risada. Eu também começo a rir porque é a única coisa que me resta.

Fernando é três anos mais velho que eu. Ele ingressou na faculdade de design gráfico no começo do ano, mas ele já era o artista da família bem antes disso. Meu irmão sempre foi aquele que fazia os convites de casamento dos parentes, as lembrancinhas de aniversário dos primos e a marca para todo empreendimento que alguma das minhas tias inventava de abrir mesmo sem ter nenhum planejamento prévio.

Desde novo, Fernando sempre soube desenhar, e minha facilidade para aprender matemática nunca pareceu tão divertida quanto os desenhos dele. É muito desonesto colocar desenhos complexos feitos com giz de cera para competir contra contas de dividir por três números. Eu sempre perdia.

Mas hoje eu tenho um objetivo e isso aqui não é mais uma briga por atenção. Eu preciso de Fernando do meu lado porque quero que meu presente para Daniel seja o melhor de todos. E é pensando assim que eu deixo todo o meu orgulho de lado e peço ajuda.

— Preciso que você faça uma versão estilizada do gato do pão de forma que fique legal o bastante para que alguém possa usar em uma camiseta.

— Ãhn? — Fernando responde.

— Preciso de um desenho seu. Para mandar estampar em uma camiseta. É para o amigo secreto do inglês e eu queria que fosse um presente especial porque, bem, porque sim. E eu poderia pegar a imagem da internet, mas não seria a mesma coisa que um desenho seu, porque você é o melhor desenhista que eu conheço. E, se você quiser, eu posso te pagar mais pra frente porque, você sabe, eu sou super contra a exploração de artistas mal pagos e…

— Cala a boca, Renato — meu irmão me interrompe enquanto se levanta da cama, deixando o celular de lado.

— Oi? — reajo um pouco confuso.

— Você não vai me pagar nada. Você é meu irmão, cara! Vem cá e me explica melhor como esse desenho tem que ser — diz ele, puxando a cadeira de rodinhas e se posicionando na frente do computador.

Juntos, buscamos as imagens de referência do gato do pão de forma e meu irmão faz alguns rabiscos em um bloco de papel, me mostrando algumas sugestões para a arte da camiseta. Não consigo me lembrar de quando foi a última vez que fizemos algo juntos, então mesmo se Daniel odiar o presente, esse esforço terá valido a pena.

Observo Fernando rabiscar no papel e transferir suas ideias para o computador. Aos poucos a ilustração digital vai ganhando forma e o gato do pão de forma, que já era originalmente fofo, vai ficando cada vez mais lindo. Administro uma *playlist* no meu celular para deixar meu irmão motivado e me divirto toda vez que ele tenta adivinhar quem é a diva pop que está cantando. É surpreendente a capacidade que ele tem de acreditar que *qualquer cantora* é a Britney Spears.

Vou intercalando as minhas músicas com as favoritas do meu irmão. Ele gosta de reggae, música eletrônica e *heavy metal*. Nunca vou entender.

Vinte e sete músicas depois, a estampa para a camiseta está pronta. Eu agradeço de forma genuína enquanto salvo o arquivo em um *pen drive*.

— Essa pessoa que você tirou no amigo secreto deve ser especial. Ninguém se empenharia tanto para uma festinha de fim de ano do inglês — meu irmão comenta, e eu sinto um tom amigável quando ele diz “pessoa” e não “garota”.

— Sim. O Daniel é um amigo especial — eu respondo, chamando Daniel de amigo na falta de uma palavra melhor.

— Amigo ou *amigo*? — Fernando pergunta com um sorriso.

E, de uma forma que eu não sei explicar, eu me sinto seguro.

— É um garoto de quem estou afim. Daniel Aoki. Ele é legal. E bem bonitinho — digo tudo de uma vez, dando nome e sobrenome para deixar tudo bem esclarecido entre meu irmão e eu.

— Eu meio que já sabia. Não sobre o Daniel. Sobre você — diz ele, colocando a mão no meu ombro, como quem quer me abraçar, mas não sabe se eu quero ser abraçado.

— Você acha que a mãe e o pai vão surtar quando descobrirem?

— O pai não. A mãe sim. Mas só um pouco.

A resposta de Fernando só confirma o que eu já suspeitava. Meu pai sempre foi tranquilão. Ele não se importa com nada e usa sempre um discurso de “cada um vive a sua vida do jeito que quiser”. Minha mãe é diferente. Ela sempre se esforça para se parecer mais com meu pai, mas não consegue segurar a língua quando aparece qualquer matéria sobre pessoas LGBTQ no jornal.

— Eu não vou deixar nada de ruim acontecer com você aqui em casa, Renatinho — declara meu irmão, finalmente transformando a mão no ombro em um abraço.

E, por um segundo, eu consigo dividir com ele todas as inseguranças que carreguei sozinho a vida inteira. Saber que alguém da minha família me aceita do jeito que eu sou e está disposto a me proteger se for necessário é o melhor presente de natal que eu poderia ganhar.

Talvez meu irmão seja mesmo uma pessoa melhor do que eu.

Renato: meu irmão sabe oficialmente de mim.

Camila: eu quero saber quando ele vai saber oficialmente DE MIM!
piscadinha sexy

Desde que eu postei uma foto com meu irmão no início do ano, e Camila descobriu que ele é "mais gato do que ela imaginava", ela não larga do meu pé por causa disso. É muito estranha essa coisa de alguém achar seu irmão bonito. Primeiro, porque nos dias onde minha autoestima está um lixo (quase todos) eu fico me perguntando onde foram parar os meus genes da beleza. Segundo, porque eu vi Fernando passando pela puberdade e posso garantir que ele era muito estranho. Terceiro, porque ele é meu irmão.

Renato: você pode deixar a sua TARA pelo Fernando de lado e prestar atenção nesse momento IMPORTANTE que está acontecendo na minha vida???

Camila: ok, conta tudo. Fernando descobriu que você é gay. e…

Renato: eu contei, na verdade.

Camila: e ele???

Renato: ele disse que vai estar sempre do meu lado, que nunca vai deixar nada de ruim acontecer, etc.

Camila: que fofo!!!
lindo por fora E TAMBÉM POR DENTRO.

Renato: sinceramente, eu desisto de você, Camila.

Sábado, 9 de dezembro de 2017

Acordo cedo para resolver tudo o que preciso. Estampar a camiseta é a minha prioridade e, no bairro da Liberdade, consigo fazer isso sem gastar muito dinheiro. Compro uma camiseta branca tamanho G e fico imaginando como os ombros largos e os braços grandes de Daniel vão se encaixar direitinho ali.

Encontro uma loja de camisetas que anuncia “estampas personalizadas na hora” e deixo tudo preparado. A atendente me pede trinta minutos e eu uso esse tempo para resolver a questão dos bombons de banana.

Andar na Liberdade em dezembro é quase uma missão impossível. As calçadas (e boa parte das ruas) são tomadas por pessoas correndo atrás de presentes de natal baratos e objetos de decoração para as festas de fim de ano. Vendedores ambulantes gritam de um lado para o outro oferecendo luzes pisca-pisca, descascadores de legumes e massageadores para as costas. Eu acabo comprando um massageador por impulso porque não tenho limite algum.

Entro em várias lojas de doces, mas, apesar do Japão inventar doces de *qualquer sabor* (incluindo sabão!!!!), não encontro bombons de banana em lugar nenhum. No desespero para completar essa jornada, buscar a camiseta na estamparia e voltar para casa, onde o ar condicionado me espera, acabo comprando vinte caixas comuns de bombom. Vou separar todos os de banana quando chegar em casa e os que sobrarem eu dou para o meu irmão como pagamento pela ilustração que ele fez para mim. Um pagamento justo porque eu acabei com todas as minhas economias de mesada comprando esse monte de chocolate.

Gasto um pouco mais de dinheiro em embalagens, papéis de presente, envelopes e um papel de carta engraçado com um pato de borracha usando um gorro de Papai Noel.

Entro no ônibus com as sacolas e, ainda assim, sinto que esses presentes não são o bastante. Encaro meu reflexo na janela e tenho uma ideia. Mando mensagem para Camila no mesmo instante, demorando um pouco para digitar com uma mão só, enquanto seguro as compras com a outra.

Renato: Daniel disse que gostou do meu boné!
e se.......
eu desse meu boné pra ele?

Camila: essa é a pior ideia que você já teve na vida, Renatoooo!!!!

Renato: pq?????

Camila: porque seu boné é um objeto usado e íntimo
ninguém dá objetos usados e íntimos no amigo secreto!
imagina ganhar um boné usado de alguém que tem piolho!!!

Renato: eu não tenho piolho!!!!!

Camila: mas o Daniel não sabe disso!

Renato: obrigado por ARRUINAR MINHAS IDEIAS.
e por falar de piolhos
minha cabeça está coçando agora
MAS NÃO SÃO PIOLHOS REAIS
é uma reação sensorial do meu corpo
acontece toda vez que eu leio a palavra PIOLHO

Camila: *sussurra baixinho* p i o l h o

Renato: tchau, Camila.

Domingo, 10 de dezembro de 2017

Deixo a pior parte por último. Quero escrever uma carta.

Não sei se entregar presentes que mostram que eu realmente me esforcei será o bastante para que Daniel entenda que eu quero tentar ser mais do que o amigo

secreto dele. Mas também não sei se eu teria a chance de encontrá-lo sozinho e a coragem de chamá-lo para sair. Uma carta me parece inofensiva. Depois de ler, ele pode me ignorar sem que eu tenha que passar pelo constrangimento de levar um não na cara.

Além do mais, eu me expresso muito melhor escrevendo do que falando.

Preparo um ritual silencioso antes de colocar as palavras para fora. Organizo todos os bombons de banana dentro de um pote de vidro, no qual passo uma fita de cetim vermelha que roubei das decorações de natal daqui de casa e tento fazer um laço bonito (ele fica razoavelmente aceitável depois da terceira tentativa). Dobro a camiseta do gato do pão de forma com cuidado e a embrulho com um papel de seda estampado com mais gatinhos (porque gatinhos nunca são o suficiente). Me sento na cama e Tomada entra correndo no quarto, pulando em cima de mim e bagunçando tudo. Eu não consigo ficar irritado, porque Tomada é o cachorro mais lindo do mundo. Pacientemente, pego o bloco de papéis de carta que comprei, escolho uma caneta de ponta fina e me esforço para deixar a letra bonita.

Oi, Daniel

É tudo o que eu consigo escrever porque sou interrompido pelo barulho de Fernando entrando no quarto, e sua namorada vem logo atrás. Alice, assim como meu irmão, é uma grande nerd. Seus óculos de armação branca contrastam com a pele negra e hoje ela está usando uma camiseta azul de Doctor Who.

— Então esse é o famoso presente de amigo secreto para o bonitinho do curso de inglês — Alice diz, espiando as embalagens de presente que estão espalhadas pela minha cama.

Olho diretamente para o meu irmão, porque não sei qual parte do bonitinho do inglês Alice sabe.

— Eu contei tudo, mas fica tranquilo — ele responde meu olhar. — A Alice não vai contar para mais ninguém.

— Seu segredo está a salvo comigo, Rê — diz Alice e eu gosto da maneira íntima como ela me chama de Rê. — Quando você conhece uma pessoa durante a sua vida inteira, que nem eu e seu irmão nos conhecemos, não sobram muitos segredos entre a gente. Daí quando estamos juntos a gente fala sobre os segredos das outras pessoas.

— A irmã da Alice é lésbica — Fernando joga a informação.

— Isso é meio ofensivo. Eu nunca disse “ei, eu tenho um colega na escola que é hétero” pra você — respondo.

— Não, não, não! Não foi isso que eu quis dizer, desculpa — Fernando responde apressado. — Eu só quis dizer que a Alice, você sabe, aceita.

— O que é o mínimo que se espera de qualquer ser humano decente — continuo provocando meu irmão porque é engraçado vê-lo se desculpando e piorando a situação toda vez que ele tenta melhorar.

— O que ele quis dizer —interrompe Alice, silenciando meu irmão com um olhar —, é que a gente passou por muita coisa ruim lá em casa. Um monte de merda envolvendo minha irmã e os meus pais. E eu não quero ver você passando por isso, Rê. Estou aqui pra te dar todo o apoio que você precisar. Mesmo sabendo que isso às vezes pode não ser o suficiente. Você pode contar com a gente.

Os dois estão de mãos dadas olhando para mim com compaixão e por algum motivo eu me sinto um alienígena gay no meio do quarto. Não quero me sentir assim agora.

— Parem de me tratar como se eu fosse um alienígena gay no meio do quarto — digo. — Mas, obrigado, vocês são fofos. Os melhores héteros que eu conheço.

Os dois começam a rir e se jogam juntos na cama de Fernando. Tomada pula da minha cama para a do lado, provavelmente pensando que lá ele vai receber carinho em dobro.

Tento voltar a minha concentração para a carta, mas é difícil manter o foco com os dois trocando risadas e mostrando coisas no celular um para o outro. Olho meu irmão e Alice compartilhando essas pequenas intimidades dentro da casa em que a gente cresceu e me pergunto se um dia farei a mesma coisa com Daniel. Ou com qualquer outro cara. Mas se fosse o Daniel eu não iria reclamar.

Me pergunto se, antes de namorarem de verdade, os dois sentiam o que eu sinto toda vez que encontro Daniel no inglês. Tento imaginar o momento exato em que eles começaram a se gostar e imagino se foi uma coisa simultânea ou se alguém gostou do outro primeiro. Penso que, comigo e com Daniel, eu sou definitivamente o que gostou primeiro.

— Vocês já trocaram cartas? — pergunto para os dois, em busca de inspiração para o que escrever no papel de carta de patinhos que vou entregar para Daniel.

— Eu nunca recebi nenhuma carta do seu irmão, mas na escola ele costumava pegar meus cadernos para ficar desenhando nas últimas páginas. Tem alguns que eu guardo até hoje — Alice responde.

Não sei desenhar, então isso está fora de cogitação.

— E como foi que vocês... Eu não sei perguntar isso de um jeito que não seja totalmente estranho, mas, como foi que vocês se declararam um para o outro. Tipo, "oi, estou apaixonado, blá blá blá".

— Foi no show de uma banda cover de Los Hermanos que a Alice me obrigou a ir — meu irmão responde segurando uma risada.

— Eu já pedi desculpas por esse show! — protesta Alice, dando um soquinho no ombro de Fernando.

— Mas foi assim — Fernando continua falando —, a gente assistiu ao show inteiro juntos e, naquela música da padaria...

— *Último romance* — Alice interrompe.

— Eu peguei na mão dela. E ela não soltou. E depois disso ainda tocaram mais umas duzentas músicas, nunca do show acabar. Quando finalmente acabou, a gente saiu ainda de mãos dadas e no meio do caminho eu disse que gostava dela mais do que como amigo. Ela respondeu: “Eu também, você é quase um irmão pra mim” — conta Fernando, fazendo uma péssima imitação da voz de Alice no final.

— Eu tava só brincando!!! — Alice grita, dando outro soquinho no ombro do meu irmão. Talvez soquinhos no ombro sejam o jeito deles dois se amarem. — Na hora que você contou que gostava de mim eu gelei, daí você sabe como eu sou quando tô nervosa. Eu faço piada de tudo.

Isso é totalmente verdade. Lembro de uma vez, quando meu irmão e Alice eram crianças e eu era mais criança ainda, em que os dois quebraram um vaso de plantas da minha mãe que, nem preciso dizer, ficou irritada com a situação. Enquanto ela varria os cacos e brigava com meu irmão, Alice claramente se sentia culpada, então ela começou a fingir que estava entrevistando a minha mãe para um programa de TV, tratando o vaso quebrado como uma grande calamidade. Minha mãe começou a rir e até hoje a gente lembra desse dia pelo menos uma vez por ano.

Alguns anos mais tarde, em um almoço de domingo, tia Suzana veio cozinhar aqui em casa. Ela fez uma pasta de berinjela que ficou horrível e ninguém gostou. Alice que, como sempre, estava aqui em casa, ficou sem graça porque não sabia como não comer o almoço da tia Suzana sem parecer mal-educada. Foi então que, aos poucos, ela decidiu pegar colheradas da berinjela e dar na boca do Tomada, que estava debaixo da mesa lambendo as pernas de todo mundo. Depois de Alice se livrar de quase metade do seu prato, tia Suzana percebeu que ela estava dando sua comida para o cachorro e, é claro, *também* ficou irritada com a situação. Na mesma hora, Alice pegou o Tomada no colo, abraçando ele por trás e brincando com os talheres, como se ele fosse um cachorro com braços humanos. Ela

começou a falar com uma voz engraçada e elogiar a comida como se nosso cachorro fosse um crítico gastronômico. Todo mundo riu (tia Suzana não muito), e Alice se safou de mais uma.

Fazer piada quando você está em apuros me parece uma saída razoável e, enquanto penso nessas histórias (e começo a rir sozinho lembrando do Tomada com braços humanos), me dou conta de que encontrei a solução para mim. Se Daniel não conseguir gostar de mim de volta, pelo menos eu posso tentar fazer ele rir. É com esse pensamento na cabeça eu pego a caneta e retomo a carta de onde parei.

Oi, Daniel

Segunda-feira, 11 de dezembro de 2017

Eu nunca vi a minha turma do inglês tão empenhada. Quando chego no curso (sem atrasos desta vez), carregando uma garrafa de refrigerante e o presente de Daniel, encontro a sala cheia e muito barulhenta. A mesa da professora se transformou em uma mesa de comidas, cheia de salgadinhos, doces e um panetone desses bem ruins que provavelmente ninguém vai comer.

Um prato me chama a atenção, mas eu não consigo decifrar o que é.

— Coxinha Noel — Júlia diz, aparecendo atrás de mim. — Minha mãe achou que seria uma boa ideia, mas acho que elas ficaram meio deformadas no meio do caminho.

Eu observo a bandeja cheia de Coxinhas Noel. Elas são de fato coxinhas, mas, com muito esforço, alguém havia decorado cada uma delas com o que me parece ser catupiry. A ponta da coxinha é o gorro do Papai Noel, com mini pedacinhos de azeitona preta fazendo o papel dos olhos, e todas as coxinhas estão em uma forminha vermelha, afundadas em mais catupiry (o que eu acredito ser a barba do bom velhinho). Algumas estão meio tortas, outras tem um olho só, e uma em específico está tombada para o lado

como se tivesse simplesmente desistido de viver. É tudo muito feio, mas ao mesmo tempo eu não consigo parar de olhar.

Se eu sobreviver ao dia de hoje, quero transformar a Coxinha Noel em uma tradição anual na minha vida.

— Pelo menos são gostosas — Júlia tenta se defender, pegando uma Coxinha Noel e enfiando na boca.

Eu faço o mesmo (de fato, são muito boas) e dou uma piscadinha para ela. Me viro para ir para outro ponto da sala porque não consigo sustentar essa conversa sobre as coxinhas decoradas da mãe da Júlia e dou de cara com Daniel entrando pela porta. Surpreendendo ninguém, ele está lindo.

— Oi Renato! — diz ele, segurando uma embalagem de presente com estampa de renas.

— Oi! — respondo, sem checar antes se minha boca está cheia.

Ela está.

Por um segundo Daniel consegue visualizar um Papai Noel feito de coxinha sendo massacrado dentro da minha boca. Mas ele parece não se importar. Sorri para mim, dá um soquinho no meu ombro e eu não consigo me mexer porque: SOQUINHO NO OMBRO!

Ficamos um bom tempo comendo, bebendo, interagindo e não chegando perto do panetone ruim que, como eu previ, ninguém comeu. A professora Tatiana preparou uma *playlist* com músicas de natal em inglês e, depois de umas sete versões diferentes de *Let It Snow*, estamos todos prontos para começar o amigo secreto.

Sentamos em círculo e eu não poderia estar mais nervoso. Coloquei os presentes de Daniel em uma caixa azul, do mesmo tom do azul da franja dele (que ainda não foi retocada, mas ainda assim continua linda), e fico batendo os dedos na tampa da caixa no ritmo de *Então é Natal*.

Professora Tatiana decide começar. Ela faz todo um suspense, diz que o amigo secreto dela tem dois olhos, um nariz e uma boca, todo mundo finge rir, e no fim das contas ela tirou o Vinícius, o segundo menino mais bonito da turma. Vinícius se levanta para buscar o presente (um box de Blu-rays da versão estendida de *O Senhor dos Anéis*), os dois tiram uma foto juntos e Vinícius assume o lugar lá na frente.

A mesma fórmula se repete por algumas rodadas. O suspense, a revelação, o presente, a foto. Em alguns casos as pessoas começam a gritar “É marmelada! É marmelada!” e eu apenas acompanho porque não conheço a turma bem o suficiente para saber quais relações interpessoais caracterizariam marmelada no amigo secreto.

As coisas mudam quando chega a vez de Marcos fazer sua revelação. Ele é um aluno sério, fechado e certamente não é do tipo que vai fazer um show para dizer quem tirou.

— Meu amigo secreto — diz ele com a voz grave e tímida — é japonês e tem cabelo colorido.

Ele joga as informações assim, sem suspense algum. A turma começa a gritar apontando para o Daniel, e eu fico completamente paralisado, porque alguma coisa está errada. Alguma coisa tem que estar errada. *Eu* tirei o Daniel porque o universo quis assim. Eu passei a semana inteira pensando nesse presente, eu saí do armário para o meu irmão por causa desse maldito presente!

Enfio a mão no bolso da minha bermuda e pego minha carteira, onde deixei o papel com o nome de Daniel guardado (talvez eu tenha pensado em emoldurar esse pedacinho de papel e dar de presente para ele no nosso aniversário de dez anos de casamento?). Preciso de provas de que Daniel é o *meu* amigo secreto antes de sair gritando como um louco.

Quando finalmente encontro o papelzinho perdido na minha carteira, eu me dou conta de como sou burro.

Burro demais.

O mais burro do mundo, talvez.

Porque no meu papel não está escrito Daniel A.

Está escrito Daniela.

A menina que sentou do meu lado na aula passada. Aquela que foi o Grinch do nosso natal. Ela se chama Daniela e só agora eu lembro disso.

Olho pelo canto do olho para Daniela e ela parece entediada. Tive todo esse esforço para, no fim das contas, entregar o presente para uma menina que nem queria estar aqui.

Minha primeira decisão sensata é lembrar da carta que está dentro da caixa azul no meu colo. Abro a tampa, tentando não chamar muita atenção. Tiro da caixa o envelope amarelo que guarda a minha declaração para Daniel e sento em cima dela quando ouço alguém chamar meu nome.

Levanto a cabeça e encontro Júlia no meio da sala enquanto toda a turma olha para mim.

— Renato, eu tirei você! — diz ela, sorrindo, porém impaciente. Não sei há quanto tempo ela está esperando.

Provavelmente Marcos tirou Daniel, Daniel tirou Júlia e Júlia me tirou. Levanto para receber meu presente e preciso fazer um esforço enorme para me comportar como um humano normal. Agradeço o presente, abraço Júlia de ladinho e nós dois posamos para a foto que a professora Tatiana tira em seu celular. A sala começa um coro de “Abre! Abre! Abre!” e eu abro a embalagem estampada com bonecos de neve. Júlia me deu um boné novo muito lindo. Ele é azul com um alien verde bordado. “Experimenta! Experimenta!” todo mundo grita em coro novamente, e eu tiro meu boné vermelho da cabeça, colocando o novo rápido o bastante para que ninguém consiga reparar no desastre que está o meu cabelo.

Estou quase voltando para a minha cadeira quando alguém me lembra que preciso entregar o presente. Por um segundo penso em contar toda a verdade para a turma.

Dizer que li o nome errado e ser parabenizado pela minha honestidade. Mas as pessoas só são parabenizadas pela sua honestidade em filmes. Isso aqui é vida real e eu preciso tomar uma decisão rápida.

Decido entregar o presente para Daniela mesmo assim e fugir de vergonha depois.

— A pessoa que eu tirei — começo, me lembrando repentinamente que não sei *nada* sobre Daniela. — Bem, ela é uma menina. Ela é… divertida. E… loira?

— DANIELA! — alguém grita, porque ela é a única loira da turma.

Daniela se levanta sem esconder sua impaciência para o ritual de amigo secreto. De coração partido, entrego a caixa azul para ela. Tiramos uma foto juntos e quando começa a gritaria do "Abre! Abre!" eu tenho vontade de começar um coro sozinho dizendo "É melhor nã-ão! Deixa pra lá-á!".

Mas é claro que ela abre a porcaria do presente porque hoje a missão do Universo é acabar com a minha vida.

— Uau, bombons de banana — diz Daniela. — Só de banana, né. Muitos por sinal. Meu Deus, eu estou lisonjeada.

Eu consigo sentir o deboche na voz dela, mas não a culpo porque não sei como eu reagiria se ganhasse um pote de vidro cheio de bombons de banana.

— E tem mais… — ela continua reagindo ao presente, enquanto tira a camiseta da embalagem de papel de seda. — Uau. Uma camiseta de um gatinho. Fofo. Infelizmente grande demais pra mim. Mas, *obrigada*, Renato.

Seu agradecimento é carregado de ironia e percebo que estou sendo feito de bobo por ela na frente de todo mundo. Me sinto desconfortável, envergonhado e estou com uma leve vontade de chorar.

A turma toda está em um silêncio solidário. Por Daniela, não por mim. Ela acabou de ganhar vinte bombons de banana sem contexto nenhum. Ela é a vítima, não eu.

Olho para a professora, sinalizo com a cabeça que preciso ir ao banheiro e nem espero a resposta dela para sair da sala. Corro para o banheiro com o rosto queimando de vergonha. Me tranco em uma cabine reservada, pego o celular e, com as mãos tremendo ao digitar, conto tudo para Camila.

Camila: renatooo!!!! meu deus do céu!!!
o que você vai fazer agora?
o que você quer que EU faça agora?

Renato: manda um helicóptero do FBI me buscar no banheiro.
eu não tenho coragem de sair daqui agora

Camila: calma, tá tudo bem.
conversa comigo.
deixa o tempo passar.

Renato: ganhei um boné novo de presente.
acho que vou transformar bonés na minha nova assinatura visual.

E então eu mando uma *selfie* para Camila, usando o boné de alien que ganhei. O que é totalmente estranho porque estou no banheiro, sentado numa privada. Mas não é como se o meu dia já não estivesse uma desgraça.

Camila: eu super acho que você fica bem de boné.
e não tô falando isso por causa do seu cabelo mal cortado.
eu não zoaria o seu cabelo nesse momento em que você está vulnerável porque não sou uma monstra.

Renato: às vezes você é sim.

E eu passo os minutos seguintes jogando na cara da Camila todas as vezes que ela foi uma monstra comigo. Ela se esforça para se justificar, me distraindo e me fazendo rir, porque é disso que eu preciso agora. Enquanto estou aqui,

pessoas entram e saem do banheiro. Eu faço o máximo de silêncio que consigo. Meu plano inicial é esperar pelo menos duas horas até criar coragem de sair para encarar o mundo novamente. Duas horas é tempo o bastante para garantir que a minha turma já foi toda embora.

Mas, como é de se esperar, depois de vinte minutos, eu já não aguento mais. Minhas pernas estão dormentes porque fiquei esse tempo todo apoiando meus braços no joelho enquanto esperava. Camila precisou largar o celular para ajudar a irmã mais nova em alguma tarefa. Gastei todas as minhas vidas no *Candy Crush* e continuo preso na fase 77 (eu não aguento mais!).

Nosso horário de aula no inglês geralmente termina às três da tarde. São três e vinte e dois agora e eu acredito que a maioria dos alunos da turma já deva ter ido embora. Decido esperar até três e meia só para garantir.

15h23.

15h24.

15h25.

15h26.

Argh, tá bom. Não aguento mais.

Respiro fundo, abro a porta do banheiro e saio pelo corredor afora menos envergonhado do que eu estava quando entrei.

Tento encarar tudo pelo lado positivo. Só terei que ver a turma toda novamente no ano que vem. Depois do natal e do ano novo, provavelmente ninguém nem vai mais lembrar que eu sou o menino que dá bombom de banana de presente. Possivelmente Daniela vai pedir transferência da nossa turma. Possivelmente *eu* vou pedir transferência da nossa turma. Hoje foi o último dia de aula e eu me sinto aliviado porque não terei que lidar com nada disso agora.

Mas é aí que eu me engano porque, quando chego na recepção, Daniel está lá. Sozinho, segurando meu boné vermelho e, provavelmente, me esperando.

— Oi — ele diz.

— Oi — respondo.

Silêncio.

— Então, eu fiz uma confusão com os nomes. Daniel, Daniela… Enfim… — me justifico.

— Eu imaginei.

Mais silêncio.

— Uma pena, eu gostei muito daquela camiseta — continua Daniel, com um sorriso dessa vez.

— Eu posso fazer outra pra você, se você quiser.

— Eu quero sim — responde ele. — Se não for te dar trabalho.

— Não vai dar trabalho nenhum.

Um pouco mais de silêncio.

— O boné novo ficou bom em você.

— Obrigado — respondo, sem graça. — Eu gostei muito.

— Eu que ajudei a escolher. Ele é de alien pra combinar com o seu de foguete — explica ele, balançando meu boné vermelho nas mãos.

— Eu ia te dar esse boné vermelho de presente também, mas uma amiga me convenceu que seria uma má ideia. Você sabe, piolho.

Daniel solta uma risada abafada.

— Você tem? — ele pergunta. — Piolho?

— NÃO! — eu quase grito. — Juro.

— Então eu vou ficar com ele — Daniel responde, colocando o boné vermelho na cabeça. Ele fica lindo de boné.

Minha mão está suando frio e eu não sei como continuar isso aqui. Seja lá o que “isso aqui” queira dizer.

— Você também deixou isso pra trás — comenta Daniel, tirando o envelope amarelo do bolso.

Meu coração para por um segundo. Na minha fuga para o banheiro, eu deixei a carta em cima da minha cadeira.

— Eu abri — continua ele. — Porque, bem, tinha o meu nome no envelope.

“Para Daniel” está escrito com a minha melhor caligrafia na parte de fora.

Silêncio.

Silêncio.

Risadinha sem graça.

— Pode ficar com ela — digo, finalmente. — Com a carta.

— Essa parte é sua — comenta ele, me entregando um pedaço de papel.

Eu desdobro o papel amassado, leio o que está escrito e abro um sorriso.

— Sorvete me parece uma boa ideia.

— Eu pago — avisa ele.

— Não! Eu que fiz a confusão, me deixa pagar.

— Eu pago o sorvete de hoje. Você paga o próximo.

Eu aceito porque não quero continuar com esse joguinho de quem vai pagar o sorvete.

— Vamos? — pergunta ele, apontando com a cabeça para o lado de fora e estendendo a mão.

Eu não sei o que ele espera com essa mão estendida, mas, em um impulso, eu seguro a mão de Daniel. Está suada como a minha, mas eu não me importo. Ele não solta minha mão e nós saímos juntos.

Eu não me importo mais com o calor, não ligo mais para o meu corte de cabelo desastroso, não quero nem saber se no próximo ano ainda vão lembrar de mim como o menino que dá bombom de banana de presente. Eu nem penso no que minha mãe diria se me encontrasse na rua de mãos dadas com outro menino, porque agora tudo parece tão certo. Como naqueles filmes de natal onde tudo dá errado e, no final, um milagre acontece.

Eu aperto forte a mão de Daniel e ele me dá um beijo rápido e tímido na minha bochecha enquanto andamos. Esse aqui é o meu milagre de natal.

Oi, Daniel.

Quando você estiver lendo esta carta, provavelmente já vai saber que eu sou seu amigo secreto. Ou que você é o meu amigo secreto. Não sei bem como funciona a hierarquia de amigos secretos, preciso pesquisar.

Se você for esperto (o que eu acredito que seja), deve ter reparado que os presentes que eu te dei foram baseados em algumas buscas feitas em suas postagens antigas na internet. Eu espero de verdade que você enxergue isso como dedicação e não como psicopatia. Se te faz sentir melhor, eu não investiguei sua vida sozinho. Minha amiga Camila me ajudou. (Pensando bem, acho que uma total estranha fuçando a sua vida online até descobrir que você gosta de bombom de banana não vai fazer você se sentir melhor, desculpa por isso).

Eu jamais teria coragem de te dizer isso pessoalmente, mas, aqui, nesta carta, eu me sinto um super-herói invencível. Então, lá vai: eu te acho um cara legal. E muito bonito. Dou risada das coisas que você fala durante a aula, mas nunca tive coragem de falar "essa foi boa, hein, Daniel" porque você nunca estava falando diretamente comigo.

Eu queria saber se um dia, em algum momento das nossas vidas, existe a possibilidade de a gente sair juntos. Ver um filme, tomar um sorvete ou qualquer outra coisa. Eu não quero transformar essa carta em um daqueles bilhetinhos de "quer ficar comigo? ( ) SIM ( ) NÃO" porque isso é coisa de criança e a gente já tem 16 anos. (Você tem 17, né?) (Tem sim, acabei de lembrar que você fez aniversário em outubro) (Aliás, parabéns atrasado!).

Mas, se a gente for parar para analisar friamente, isso aqui é SIM um desses bilhetinhos de marcar "sim" ou "não". Quem eu estou querendo enganar?

No fim desta carta, você vai encontrar uma linha pontilhada e, logo abaixo, um breve formulário. É só preencher e me entregar quando quiser. Provavelmente só no ano que vem já que, depois de te entregar isso aqui, eu pretendo sair correndo porque não tenho maturidade para lidar com as consequências das coisas que eu faço. Você é mais velho, conto contigo.

No mais, espero que goste dos vinte bombons de banana (dá pra comer um por dia até o fim do ano!!!) e da camiseta do gato do pão de forma (meu irmão que fez o desenho, ele é uma pessoa incrível).

Feliz natal!

Um beijo,

Renato.

VOCÊ QUER SAIR COMIGO?

(X) SIM

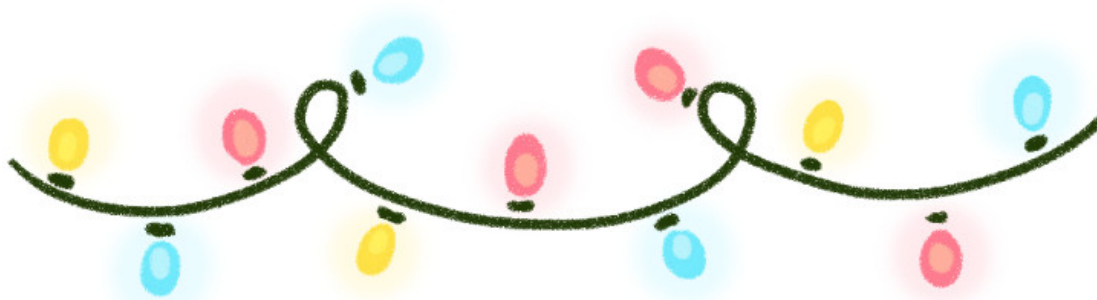
( ) NÃO

CASO A RESPOSTA SEJA SIM (oba!), AONDE VOCÊ PREFERE IR?

( ) CINEMA

(X) SORVETERIA

( ) QUALQUER OUTRO LUGAR

Garotas Mágicas Super Natalinas

Bárbara Morais

Nos últimos meses tenho recebido cada vez mais mensagens das novatas com as mesmas perguntas: como é que o *poder do amor* gera mágica? Como ser uma boa garota mágica, se você acha todo esse conceito de *cura pelo amor* extremamente brega? Como fazer para, em uma luta, a calcinha não entrar na sua bunda enquanto você executa uma acrobacia?

Eu fui como vocês, um dia. Eu, Sofia, a Guerreira da Sinceridade e Guardiã da Verdade, fui uma grande cética da chama que move nossa classe de guerreiras. Sei que vai começar a parecer um discurso religioso, mas é sério: até você sentir o poder dentro de si mesma, é bem difícil acreditar. Mesmo com animais falantes e entidades alienígenas que se apossam do corpo de inocentes.

Como foi que aconteceu essa transformação, vocês me perguntam?

É uma longa história. Vocês pegaram a pipoca e o refrigerante?

Então vamos ao que interessa.

Era um mês de dezembro, alguns dias depois do meu aniversário, e o Natal se aproximava numa velocidade assustadora. Fazia mais de quatro anos que eu havia tropeçado em um gambá quase morto no caminho da escola para casa. Eu acudi o animal e, como recompensa, ele me transformou em uma *Guerreira do Amor e da Justiça,* uma das centenas de adolescentes ao redor do mundo recrutadas para proteger a Terra das forças do mal. Minha família, é claro, não suspeitava de nada, então era sempre uma manobra extremamente difícil convencê-los a passar o Natal em Brasília.

Veja bem: Brasília é uma daquelas cidades em que todos os habitantes são de outro lugar do país. Dezembro é quando a cidade é entregue às moscas, com volumes crescentes de pessoas que viajam para visitar seus parentes durante as festas do fim de ano. Minha família não era muito diferente, com o meu pai sendo originário do sertão do Ceará e minha mãe, do interior do Paraná. Todo Natal era a mesma ladainha: eles decidiam passar a data com uma avó e o ano novo com a outra, e todo Natal eu precisava arrumar uma desculpa elaborada para não deixar a cidade.

Vocês já devem ter estudado os dados, mas dezembro tem a maior média de frequência de ataques dos nossos inimigos e é impossível deixar uma cidade sem proteção. No meu primeiro ano como Guardiã, decidimos deixar só duas guerreiras do nosso grupo cuidando da capital do país e teria sido um desastre quase irremediável se a equipe de Goiânia não tivesse aparecido para ajudar. Depois desse episódio, o Gregório, o nosso animal-mentor designado, havia proibido que saíssemos da cidade no período de fim de ano.

Dessa vez, ia ser mais fácil. Minha irmã havia começado a fazer faculdade em São Paulo e viria para passar o Natal conosco, o que impediria os planos megalomaníacos de viagem dos nossos pais (eles eram

meio loucos e queriam ir de carro até Fortaleza para depois ir dirigindo para Londrina!) e facilitaria o meu trabalho.

Isso é, se eu passasse na avaliação da nossa supervisora.

Qualquer pessoa que entrasse na sala de Ana Lívia se depararia com um consultório normal de psicóloga, mas a gente sabia a verdade: aquela moça de quase trinta anos e de cabelos curtos com luzes avermelhadas havia sido a Guerreira da Esperança e Guardiã do Futuro por quase dez anos, liderando o grupo de guerreiras que havia vindo antes de nós em Brasília. Eu estava na sala de espera sozinha, a última do meu grupo a ser atendida naquele dia, olhando para a pintura de cores quentes que adornava a parede à minha frente, tentando não pensar na reunião que iria acontecer em breve.

Laura saiu da porta com risadas e sorrisos imensos, seu cabelo crespo pintado de rosa amarrado num rabo de cavalo simples que combinava com seu ar despojado. Ela era o *legado* de Ana Lívia, e nos últimos anos a conversa se estendia por mais de uma hora, mas dessa vez havia durado só 15 minutos. Eu me levantei, enfiando a mão nos meus bolsos, e Laura fechou a porta atrás de si, soltando um suspiro alto ao olhar para mim. Por reflexo, passei uma mão no rosto para limpá-lo – eu sempre estava manchada de caneta quando estávamos no Ensino Médio.

— Sofia, é a sua vez — minha líder disse, se aproximando e segurando meu ombro. — Não se preocupe, está tudo certo.

— Você podia pelo menos ter ficado mais uns 10 minutos lá dentro para eu me preparar, né? — retruquei e ela riu, me dando um abraço. — Você falou o que a gente combinou?

— Ela não deixou — Laura pediu desculpas com um gesto corporal. — Mas ela está de bom humor agora.

Ana Lívia não estava de bom humor.

Me sentei na poltrona a sua frente sob seu olhar incisivo, passando uma mão pelo veludo verde escuro do tecido, encarando para o Papai Noel sorridente que enfeitava a mesa ao meu lado, tentando abstrair da expressão fechada que Ana Lívia exibia. Se a Sonserina tivesse um apoio pedagógico, seria como a sala dela: móveis claros cobertos por tecidos verde-escuros, quadros discretos e abstratos, luzes indiretas e suculentas na janela.

— Sofia — ela falou e levantei os olhos, empurrando os óculos no meu rosto. — Sofia, Sofia, Sofia.

— Oi — Falei, timidamente. — Como você está?

— Como *você* está? — Ela devolveu a pergunta, apoiando um cotovelo num braço da poltrona e levando a caneta à boca. — Pelos relatórios, nada bem.

— Uau, então vamos ser diretas essa vez. Ok. Consigo lidar com isso — as palavras escapuliram da minha boca e ela deu um sorrisinho. — Eu estou bem, a faculdade anda bem e minha vida tá caminhando legal. Talvez no próximo semestre eu consiga uma bolsa de pesquisa.

— Mas...

— Não tem nenhum mas — eu disse, cruzando os braços. — Todos os meus planos táticos com Gregório e Alice têm sido excelentes e meu time tem um dos menores tempos médios de resolução de conflitos do mundo, a gente só perde pras coreanas.

— Mas você ainda não conseguiu entrar em contato com a sua magia.

— Eu descobri um novo golpe ano passado — respondi, olhando para os meus joelhos e enfiando o dedo num dos rasgos do meu jeans.

— Completando a incrível quantidade de três golpes! — ela falou, com um tom de desaprovação. — Suas colegas já descobriram todos. Você entrou em contato com a Josie como eu recomendei no primeiro semestre?

Eu suspirei, levando uma mão às têmporas. Sim, eu havia entrado em contato com Josie, a antiga Guerreira da

Sinceridade e Guardiã da Verdade. Não, ela não parecia estar disposta a me ajudar e basicamente só me mandou um e-mail dizendo para eu ir para uma cachoeira meditar até encontrar o meu eu interior e tomar uns chás. Carol me disse que tinha certeza que ela estava só me zoando, mas mesmo assim fiz o que ela mandou e a única coisa que consegui foi uma pneumonia.

— Olha, Sofia, eu gosto muito de você e acho que você é bastante competente. Mas, conversando com as Anciãs, elas acreditam que existem novas recrutas em potencial que poderiam ter um desenvolvimento muito mais rápido do que o seu. Já são quatro anos — Ana Lívia falou, seus olhos grudados nos papéis que segurava a sua frente. Nem olhar para mim ela tinha coragem. — Eu e Gregório conversamos com elas e decidimos te dar mais uma chance: ou você entende como usar o poder do amor até janeiro, ou está fora.

— Você está me dizendo que ou eu arrumo um namorado ou namorada em menos de um mês ou vocês me expulsam? — perguntei, perplexa.

— É isso que significa o poder do amor para você? Se for, então é — ela respondeu e se levantou, indicando que nossa conversa havia acabado. — Eu desejo sorte para você. Não quero que acabe desse jeito.

Eu saí da sala sem saber se chorava ou quebrava tudo.

Aquilo tudo era extremamente injusto. Era uma comparação desleal, sabe. Não tinha como me igualar com Laura, que havia começado a namorar o Caio quando os dois tinham 14 anos e eram praticamente casados hoje. Tinha sido uma coisa de amor à primeira vista e era óbvio que ela ia ter todos os poderes completos no primeiro ano, principalmente porque ela era a nossa *líder.* Valentina havia tido uns 20

namorados desde os 15 anos, todos eles de um jeitinho diferente – e, bem, aos poucos foi descobrindo como usar seus poderes, com cada decepção e cada novo amor que encontrava. Alice detestava João, um menino da nossa escola, e agora que haviam ido para faculdade eles estavam namorando (não me pergunte, também foi uma surpresa para todas nós!), então acho que isso a ajudou a descobrir os poderes nos primeiros anos, né. E Carol, que nunca tinha namorado ninguém e eu achava que era a mais parecida comigo, havia desbloqueado o último poder mais de um ano atrás, mas ela era a própria guerreira do Amor, né.

E aí tinha euzinha – que nunca havia me interessado por ninguém, sentia cansaço só de ouvir as pessoas falando de seus relacionamentos e tinha outros interesses, como, por exemplo, salvar as baleias e rever *Buffy, a Caça Vampiros*. Como eles esperavam que eu descobrisse todos os meus poderes assim? Além disso, não fazia sentido nenhum que nossas magias fossem relacionadas às nossas *vidas amorosas.* Que tipo de sistema arcaico e machista era esse que reduzia o valor das mulheres aos seus parceiros?

Quanto mais eu pensava nisso, mais ansiosa ficava. Talvez eles estivessem me escolhido de forma errada, sei lá, e tinham ficado com pena de me expulsar no início, mas agora não tinha mais volta. Gregório era um gambá, né, e eu nunca confiaria algo tão importante quanto o destino do universo a um mamífero que solta fedor pela bunda quando fica assustado.

Estava pensando em tudo isso enquanto caminhava do ponto de ônibus para a casa da Alice, que era o nosso QG. A família dela criava bois ou avestruzes, nunca entendi direito, e eram cheios de dinheiro – resultando em uma mansão na beira do Lago Paranoá com direito à área de lazer e uma ilha. Sempre nos encontrávamos ali nos fins de semana, por mais contramão que fosse para algumas de nós (como eu, que morava na Octogonal e, num dia bom, pegava dois ônibus e demorava duas horas para chegar), e

usávamos o nosso tempo para treinar e ver filmes, ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Quando finalmente cheguei, estava esbaforida e toquei a campainha uma, duas, três vezes. Uma gota de chuva caiu nas folhas da árvore acima de mim, fazendo um barulho abafado, e depois outra bem no meu ombro, tão grande e pesada que chegou a doer. Me espremi contra as grades do portão, chamando as meninas, sem muito sucesso, e o céu desabou, com um estrondo tão alto que pareceu que o raio havia caído ao meu lado. Peguei meu celular, sentindo meu cabelo grudar na minha testa e pensando que seria uma maravilhosa morte se eu fosse atingida por um raio na porta da casa de Alice.

Eu acho que fiquei pelo menos uns dez minutos lá fora, patética, xingando mentalmente por não ter lembrado de trazer um guarda-chuva. Quem sai sem guarda-chuva em Brasília no mês de dezembro!? Quando o portão finalmente se abriu, eu já estava tão encharcada que dei a volta até a churrasqueira/sala de jogos por fora mesmo. Do que adiantava eu me proteger da chuva agora?

Entendi porque haviam demorado tanto para abrir ou ler as minhas mensagens: estavam todos, as minhas parceiras de equipe, seus namorados, as irmãs de Alice e as cachorras, acomodados nos sofás assistindo *O Estranho Mundo de Jack* como se fosse O Filme Mais Interessante de todos os tempos! Alice veio até mim, as bochechas vermelhas, me cobrindo com uma toalha e pedindo mil desculpas, e me emprestou uma muda de roupas para que eu não pegasse uma pneumonia *de novo*.

— Desculpa mesmo não ter escutado — ela repetiu pela trigésima vez, uma mecha do seu cabelo castanho caindo em cima de seu rosto enquanto ela abraçava o unicórnio de pelúcia vestido de papai noel que estava enfeitando a sua cama. Alice tinha unicórnios temáticos de todas as datas comemorativas possíveis. — Eu achei que

você ia ficar mais tempo com a Ana Lívia, dessa vez ela me importunou por duas horas inteiras.

— Foi rápido — eu falei, fechando o moletom da NASA que ela havia me emprestado, sentindo um nó na minha garganta. — Bem, ela me deu um ultimato: ou eu arrumo um namorado, sei lá, ou eu tô fora.

— Ela o quê!? — Alice pulou da cama, com as bochechas vermelhas. — Como assim, *arruma um namorado*? Que porcaria de orientação é essa?

— Eles estão insatisfeitos com a minha evolução com os poderes e tal. Não é nada demais — terminei de enxugar os meus cabelos com a toalha. — Talvez em janeiro vocês tenham uma outra pessoa no meu lugar.

— Não é possível! — ela repetiu, descrente. — Sério, se é só isso, a gente consegue resolver fácil. Me dá seu telefone aqui.

— O que você vai fazer? Alice, sério, pode deixar que eu me vi- — Ela levantou um dedo, impositiva, e pegou o meu celular de cima da escrivaninha.

— Você sabe, o Rafa tá praticamente implorando pra você sair com ele desde que você era monitora dele na escola, agora que você é veterana na universidade, deve estar praticamente idolatrando o chão que você pisa.

— Claro que não, o Rafael é meu amigo — eu rebati e ela cruzou os braços, e senti minhas bochechas ficarem quentes. — Não tem nada a ver, Alice!

— Você tem menos de um mês para arrumar um namorado, você quer o quê? Ir pro *Tinder*? Ou prefere que eu mande mensagem pra Lena?

Lena era uma menina que havia se declarado para mim no terceiro ano e tudo havia sido muito esquisito, porque eu basicamente tinha *ido embora*. Eu queria dizer que não tinha interesse, mas não queria que ela achasse que era algo de errado com ela, o problema era eu, mas isso era a coisa mais clichê do mundo. Então, no final, minha reação foi virar para o lado e sair correndo. Tinha sido

completamente constrangedor e rude, e eu tinha certeza que ela me odiava.

— Rafael. Rafael é melhor.

Então Rafael foi basicamente coagido a participar da confraternização das Garotas Mágicas como meu acompanhante. Ok, *coagido* é uma palavra muito forte, mas Alice fez um drama tão grande nas mensagens que enviou se passando por mim que ele, sendo a boa pessoa que era, não podia recusar a incrível oferta de ser meu acompanhante. Naquele ano, a festa aconteceria na casa da Laura e, quando chegamos, tudo estava ridiculamente *natalino.* Haviam papais noéis e renas e pisca-piscas, árvores de natal e laços vermelhos, o bolo era um boneco de neve, estava tocando Simone e *Laura estava vestida como mamãe noel,* o que combinava surpreendentemente com a pele escura e o cabelo rosa-choque dela.

Vocês precisam apreciar o empenho da Laura: ela não fazia nada pela metade. Todo evento era uma oportunidade para fantasias e decorações extravagantes. Não havia momento errado para uma dramatização ou para começar a dançar uma das músicas coreanas que ela amava (e que às vezes eram treino de novas formações de batalha para nós). A gente, claro, nunca a deixava sozinha e metade da diversão era tentar adivinhar qual seria a próxima loucura que iríamos fazer.

Mas Rafael não estava acostumado: o coitado ficou boquiaberto, olhando para mim e para Alice como se esperasse uma câmera escondida aparecer. Laura fez um grande auê para entrarmos e sentarmos e enfiou um copo de bebida na mão do garoto, sorrindo de forma radiante e dando uma piscadela para mim. Eu quis que o chão se abrisse e me engolisse viva.

— Eu tinha esquecido como ela podia ser… extravagante — Rafael comentou, seu sorriso formando uma covinha na sua bochecha. — Obrigado por me chamar, fazia tempo que eu não via ninguém da escola!

— Eu achei que você odiava todo mundo da escola — eu disse e ele riu.

— Do meu ano. Vocês sempre foram descoladas! — Rafael tomou um gole da sua bebida. — Principalmente quando Carol e Valentina estavam esperando por vocês na porta, a gente ficava *meu Deus, elas têm amigas de outras escolas.* Eu não sei porque isso parecia grande coisa na época.

— *Descoladas* — eu repeti com humor na voz. — Eu era monitora de biologia, Rafa. A Laura era, sei lá, a doida das fantasias. A Alice era monitora de física. Acho que descoladas é o último adjetivo que alguém usaria para nos descrever.

— Bem, vocês eram as pessoas mais legais do colégio — ele insistiu e, atrás dele, Valentina apareceu e fez uma série de sinais que indicavam que ela estava redirecionando um avião ou tentando me mandar uma mensagem silenciosa. — Eu também acho que se não fosse pela forma como você explicava as coisas para a gente, eu nunca teria considerado cursar biologia, sabe. Era com uma animação tão grande que qualquer coisa, até aquele experimento nojento do polvo, parecia legal!

— Ah, fico feliz em saber disso — eu respondi, sem jeito, e Valentina mexeu os braços de forma dramática. — Você quer comer alguma coisa? A torta gelada que a Carol trouxe é excelente!

Valentina praticamente me acossou contra a parede da cozinha, os seus olhos contornados com delineador prata me encarando de forma expressiva.

— Sofia, pelo amor de Deus! O menino só faltou dizer que você é o amor da vida dele e você responde com “fico

feliz em saber disso”? VOLTA LÁ E ENFIA A LÍNGUA NA GARGANTA DELE!

— Tina do céu, fala baixo, mulher! — eu rebati, empurrando-a para fora do salão. — Não é assim que funciona e eu nem sei se–

— Ah, olha pra cara dele! — ela exclamou, frustrada. — Olha para aqueles olhinhos castanhos e aquela expressão de cachorro que caiu da mudança e as tornozeleiras estranhas, que pessoalmente não gosto, mas que são a sua cara! Vocês estão destinados a ficarem juntos e irem salvar os peixe-bois ou sei lá o quê que vocês curtem.

Eu não sabia exatamente o porquê, mas estava completamente incomodada com toda a aura casamenteira que havia se apossado das minhas amigas. Sabia que se até janeiro eu não desse um jeito, provavelmente me transformaria na primeira Garota Mágica expulsa por incompetência amorosa, mas, só de pensar em começar um relacionamento com qualquer pessoa que fosse, me dava uma agonia, uma preguiça, sei lá. Não era algo que eu queria nem que via como essencial, apesar de todo mundo me dizer o contrário.

E Valentina tinha razão: não tinha nada de errado com Rafael, inclusive ele era extremamente divertido e eu gostava muito de conversar com ele. Eu conseguia ver como daríamos certo como um casal, mas não era o que eu queria. Não pensava nele desse jeito e parecia injusto demais fazê-lo acreditar em sentimentos que não existiam. Provavelmente Carol falaria que ele só não é a pessoa certa, mas eu nem sabia se eu *queria* que a pessoa certa existisse.

O resultado foi que eu, que amo Natal e confraternizações, amigos secretos e aquele momento em que todo mundo está meio bêbado cantando *Então É Natal* juntos, estava estressada demais para aproveitar qualquer coisa, porque não sabia quando alguma das minhas amigas ia ficar LOUCA, colocar um pé na minha frente e me fazer cair bem em cima do Rafael, como se isso funcionasse fora

de uma comédia romântica. Até a brincadeira anual de Grinch (era tipo Lobisomem, só que em vez de lobisomens, a aldeia era atacada por Grinchs que queriam roubar o natal) que eu amava tanto foi sem graça. Quando todo mundo estava empanzinado de salpicão, farofa e peru assado, saí do salão de festas para o jardim do prédio, bufando frustrada. Aquilo não ia dar certo.

Rafael estava lá fora, é claro. Fumando um cigarro que apagou com um pouco de desespero quando viu que eu me aproximava.

— Era um pirulito, não um cigarro! — ele exclamou e eu ri, franzindo o nariz com o fedor de tabaco.

— Ok, eu vou acreditar em você.

— Eu não fumo sempre, só quando eu bebo.

— Tudo bem.

— É sério, eu tô tentando parar. Eu sei que faz mal e vai me matar.

— Rafael, eu realmente não me importo — eu falei e ele parou, olhando arrependido para o cigarro quase inteiro que teve que jogar fora. — Se você quiser se matar, o problema é seu.

— Você está de mau humor — ele constatou e eu revirei os olhos, me sentando no canto do bloco, meus pés na grama a nossa frente. — Eu não sabia que as meninas eram desse jeito.

— Desse jeito *como*?

— Eu achei que elas eram mais tranquilas quanto… sei lá, casais? Não imaginei que mesmo você convidando alguém para ser seu acompanhante elas seriam tão insistentes em *juntar* você com o acompanhante.

Eu escondi o rosto nas mãos, morta de vergonha, e respondi algo inteligível. Ele se sentou ao meu lado, cruzando as pernas.

— Você não precisa se sujeitar a isso, sabe? — ele continuou. — Principalmente porque você fica visivelmente constrangida.

— Eu não sabia que era tão óbvio assim — resmunguei, abraçando meus joelhos e querendo matar Alice por ter me colocado naquela situação. — Não é nada pessoal, só não é recíproco.

— Não é recíproco o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

— Bem, eu e você e coisa e tal — falei, sem jeito. Se eu estivesse de pé, com certeza já teria ido embora.

Mas, para minha surpresa, Rafael gargalhou. Ele riu alto, de engasgar, do nariz fazer um barulho esquisito. Tinha certeza que ele estava louco ou possuído por alguma força alienígena que nós teríamos que combater, mas ele só encostou uma mão no meu ombro, olhou nos meus olhos e disse:

— Sofia, eu sou gay.

— *Você é gay*?

— Sofia, você já me viu no subsolo da UnB com o Vitor mais de uma vez — ele contou, segurando o riso. — Numa delas inclusive haviam peças de roupas faltando. Você almoçou com a gente e Vitor estava literalmente segurando a minha mão.

— Eu achei que vocês estivessem com calor, sei lá — eu falei, na defensiva, e ele riu. — E, no almoço, vocês podiam ser só amigos! Bem próximos! Eu não tinha como saber. Vocês estão namorando?

— Uhum, há quase dez meses.

Foi a vez de ele esconder o rosto nas mãos, não conseguindo mais segurar o riso e eu senti um alívio imenso, como se tivessem tirado um elefante das minhas costas, rindo junto com ele. Essa era a situação mais ridícula que eu já tinha passado na minha vida e, em retrospecto, agora que eu sabia que Rafael e Vitor, meu amigo do grupo de pesquisa, estavam namorando, tudo fazia sentido – como eles davam as mãos todas as vezes que se sentiam seguros, como os dois iam ao cinema toda a semana, como Vitor sempre se aconchegava em Rafael quando podia. Vocês

provavelmente estão me achando doida, mas lembrem-se que a amizade masculina possui mistérios inexplicáveis e homens são loucos, então achei que eles eram amigos muito próximos. As demonstrações de afeto deles eram muito parecidas com as que tínhamos entre nós no grupo de Guardiãs. Quer dizer, eram só abraços e mãos dadas!

— Quer dizer que eu te apresentei ao seu namorado? — eu percebi e ele assentiu. — Você tá me devendo o maior *milkshake* do universo, Rafa.

— Até dois, Sof — ele respondeu, rindo mais uma vez. — Eu não acredito que você achou que eu gostava de você *assim*.

— Em minha defesa, isso é coisa da Alice! — respondi sem graça. — E eu tô com um problema também, então estou meio desesperada…

Bem, a única coisa que eu tinha a perder a essa altura era meu posto como Guardiã, então o que custava pedir uma opinião externa sobre o que fazer? Rafael acendeu outro cigarro enquanto eu explicava tudo, seus olhos cada vez mais arregalados, e achei que iria ligar para o SAMU vir me internar ou algo assim quando finalmente terminei de falar. Ele se levantou, colocando as mãos nos bolsos.

— Primeiro, como você conseguiu fazer tudo isso e ainda tirar notas boas? — As prioridades dele eram claramente trocadas. — Segundo, existem meninos garotas-mágicas? Terceiro, seu gambá FALA?

— Rafael, nenhuma dessas perguntas realmente importa se eu for EXPULSA por não descobrir o poder do amor! — eu rebati, puxando meus cabelos, meio louca. — Mas, sim, existem tipo meia dúzia de garotos mágicos ou sei lá como chamar esse povo.

— Por que eu não tropecei num animal aleatório e fui escolhido, cara? Agora vou ficar o resto da vida pensando nisso — Rafael suspirou.

— Bem, você com certeza seria uma garota mágica melhor que eu.

—Sofia, você é a pessoa mais brilhante que já pisou na Terra e o seu cérebro é fascinante, então se o problema é só esse, a gente pode juntar uma comissão e tentar resolver.

— Todo mundo fala que o problema é “só” esse como se fosse uma coisa fácil arrumar um namorado, sei lá! — eu me levantei, irritada. — Mas ninguém nem pergunta se é isso o que eu *quero*!

— Você não precisa fazer nada disso — ele falou, muito mais tranquilo do que deveria. Era uma situação crítica! Ele não estava entendendo o que estava em jogo aqui. — Deve ter outro jeito, você não disse que Carol nunca namorou e conseguiu todos os poderes? Você tentou falar com ela?

Bem, ele tinha uma parcela de razão.

O problema era conseguir uma oportunidade de *conversar* com a Carol.

Achei que as meninas fossem brigar comigo, principalmente Laura, por ter contado para uma pessoa aleatória sobre o nosso segredo, mas elas agiram naturalmente. Talvez seja porque todas elas já haviam contado para um milhão de pessoas – os pais de Laura sabiam e seu namorado também, as irmãs de Alice e João, a avó e a tia de Valentina, o pai da Carol – e eu nunca havia contado para ninguém. Eu era a Guardiã da Verdade, o que significava que eu era muito boa em guardar verdades (ok, a Carol acabou de ler isso aqui e pediu para eu esclarecer que tecnicamente não é isso que ser a Guardiã da Verdade significa).

Por outro lado, era um pouco mais complicado fazer com que as pessoas fossem sinceras. Carol era a mais fechada de nós e talvez eu fosse a pessoa com a qual ela mais se abria, o que não era muito. Lembro que no primeiro ano todo mundo achava que ela odiava tudo, a gente, o

trabalho, o pobre Gregório – porque ela sempre estava séria, distante. O que Laura tinha de extrovertida, Carol tinha de introvertida. Aos poucos, ela foi se aproximando e descobrimos mais coisas sobre ela. Uma estratégia que eu sempre tinha era levá-la para um café ou algum lugar que tivesse doces finos e chocolate quente, aquilo sempre a fazia falar.

Mas como era a semana do Natal, Laura e Valentina vieram conosco para comprar presentes e foi um parto me livrar das duas. O shopping estava lotado, as pessoas brilhavam de tão satisfeitas, bêbadas pelo consumismo desenfreado. Era uma sensação legal porque todo mundo estava feliz, apesar do coro natalino infernal que não parava de cantar.

— Meu Deus do céu, esse povo não cansa? — eu perguntei para a garçonete quando trouxe a minha torta de chocolate e ela deu de ombros.

— Imagina trabalhar aqui, moça. Eles cantam umas seis horas por dia, direto! — ela reclamou e eu desejei boa sorte.

— Ai, tadinho do coral, é tão bonito! — Carol falou, tomando um gole do seu chocolate quente com Nutella. — Hmm.

— Nos primeiros dez minutos. Tem três horas que a gente tá aqui e eles não pararam ainda! — resmunguei.

— Eu nem vi tudo o que você comprou! — ela falou, mudando de assunto e puxando uma das minhas sacolas. — Já comprou algo pra sua irmã?

— Não, a Fran foi muito específica quanto ao que queria ganhar então pedi pela internet. Ainda vou ter que comprar o presente que meus pais vão dar, mas comprei o resto.

Quando terminamos de mostrar nossas compras uma para a outra, Carol estava relaxada o suficiente para eu me sentir confortável de violar sua privacidade um pouquinho.

— Carol... — comecei e ela levantou os olhos para mim, se encostando na cadeira como se esse fosse o momento que estava esperando. — Você conseguiu os seus cinco golpes, né.

— Sim, Sof — ela concordou. — E eu sei o que vem depois: mas você não tem namorado. Eu estou vendo você agindo sem parar pra pensar direito, feito um peru doido, e desaprovo completamente.

— Eu não consigo parar de pensar nisso! — eu falei, emburrada.

— Mas você está pensando errado — ela soou como o Yoda de *Star Wars*. — A questão aqui não é ter namorado. É outra coisa.

— Ana Lívia literalmente disse "aprenda a usar o poder do amor", Carolina. Eu devia ter gravado, porque ninguém parece acreditar em mim — bufei.

Carol juntou as mãos em uma postura contemplativa, igualzinho ao Gendou Ikari (pode procurar no Google, vale a pena), e me mexi na cadeira, desconfortável.

— Sofia — ela falou num tom sóbrio.

— Carolina — eu a imitei e ela levantou uma sobrancelha julgadora.

— Você lembra de quando conseguiu usar o seu último golpe? O *Thunder Sensation*? Não faça mais piadas envolvendo sobremesas de restaurantes australianos, por favor.

— Claro que eu lembro. Foi na véspera do vestibular.

— Sim, um Espírito-de-Porco se apossou do professor Everaldo e aí do nada todo mundo do cursinho estava *mais* obcecado que o normal. Lembra da menina que não conseguia parar de resolver provas até sair sangue dos dedos dela e as unhas levantarem?

— Aquilo foi horrível — levei uma mão ao rosto, tentando afastar a memória grotesca. O ambiente do cursinho já era meio louco e cheio de energias negativas, então a gente agiu tarde demais e as Forças do Mal já

haviam feito um estrago. — Eu nem acreditei quando você e Alice foram pegas também.

— Isso! — Carol se inclinou na minha direção, incisiva. — Eu e Alice fomos pegas, e aí o que aconteceu?

— Eu já te falei. Laura foi pra cima com tudo e não funcionou, Tina foi nocauteada porque não conseguiu te atacar, mesmo sabendo que não iria te machucar e aí ficou só euzinha.

— E aí o seu soquinho não funcionou.

— Respeita que ele tem nome, é o *Supremo Encontro com a Honestidade* — eu levantei um punho — *e a Verdade* — e levantei o outro.

— Eu não sei quem achou que dar liberdade para as pessoas escolherem o nome dos próprios golpes era uma boa ideia, cara — ela falou, rindo.

— Você tem uma sequência de golpes chamada *Meu Coração Bate Feliz*, Carol!

— E você tem uma que é *Chutes Intergalácticos* porque manda os adversários pro espaço! É exatamente por isso que não é uma boa ideia! — ela exclamou, ainda rindo. — Voltando ao dia, você lembra como se sentiu?

— Foi o primeiro inimigo que derrubou a Laura, eu não conseguia acreditar — falei, olhando para a torta de chocolate ainda pela metade, me sentindo enjoada só de lembrar daquele dia. Eu acho que nunca senti tanto medo. Foi a primeira vez que percebi que o que fazíamos era *perigoso*. No meio daquele ano, as guardiãs do Rio de Janeiro haviam levado a pior e a perda ainda estava fresca na nossa memória. — Eu achei… eu fiquei aterrorizada. E você e Alice pareciam estar sofrendo tanto, sabe? Foi horrível. Aí eu percebi que se eu não fizesse nada, eu iria perder vocês. Todas vocês, minhas melhores amigas.

— Isso. Guarda essa ideia. E aí…

— Começou a tocar *Call Me Maybe* na rádio da lanchonete do cursinho e é impossível não cantar essa música, né? Aí, no meio da ridicularidade do momento, senti

que conseguia contra-atacar. A Carly Rae Jepsen me deu forças para continuar.

— Isso mesm... não, pera.

— Hnmm… faz sentido — comentei, levando uma mão ao meu queixo. — Tudo aconteceu graças ao poder de Carly Rae Jepsen, então é só eu ouvir o álbum novo que tudo vai se resolver.

— Isso nem faz sentido, Sofia.

— Claro que faz! É isso, há uma correlação clara entre os álbuns da Carly Rae Jepsen e o desenvolvimento do meu verdadeiro potencial.

— Pare de falar o nome dela inteiro! E não tem nada a ver com a música! — Carol exclamou, frustrada. — Olha, todo esse negócio é sobre *sentimentos*. É isso que a gente faz.

— O álbum novo da Carly se chama *Emotion*, quer maior indício que isso?

— Sofia! — Carol chamou, mas claramente estava se divertindo. — Olha, deixa eu explicar num idioma que você vai entender. Para ter fogo, a gente precisa de combustível para alimentá-lo; de um comburente, o elemento que permite que o combustível queime e calor, que é o que faz com que a reação se inicie. Com a gente é parecido: existem os sentimentos das pessoas, bons e ruins, e eles são o combustível pra nossa magia e pra a magia do pessoal do Mal. O comburente são os nossos artefatos, que agem como um canalizador do combustível: o meu taco de beisebol, o seu soco inglês, o guarda-chuva da Laura... E o calor é o que Ana Lívia chama de *poder do amor*. Se faltar um deles, não tem a magia final.

— Hnm — eu franzi a testa, porque nunca tinha visto por esse lado.

— Pessoalmente, não gosto de chamar assim. É mais como se você precisasse estar bem ciente dos seus próprios sentimentos e não rejeitá-los, sabe?

— Eu sou muito boa em reconhecer e aceitar os meus sentimentos! Por exemplo, agora mesmo estou 20% irritada e 80% entretida com esse intervalo do coral em que tá tocando *Bate o Sino* versão funk.

— Não estou falando disso! — Carol suspirou, deitando a cabeça em cima da mesa, derrotada. — Olha, eu demorei um pouco para entender, mas a gente precisa aceitar como a gente é, todas as excentricidades, todos os defeitos, todas as qualidades, todas as vontades, pra isso poder dar certo. Por muito tempo eu neguei e tentei fingir ser uma pessoa diferente da que eu sou, sabe? Eu achava que ser tímida do jeito que eu era, que fazer as coisas do meu jeito era errado. E…

— E…?

— Bem... — ela se levantou e apoiou o cotovelo na mesa, seus ombros formando uma linha só de tensão. Quando falou novamente, sua voz tinha uma vulnerabilidade que nunca havia ouvido: — Você promete que não vai me julgar?

— Olha pra mim, eu tô curtindo funk natalino! — falei e ela riu, desviando os olhos.

— Eu percebi que eu sou apaixonada pela Valentina há muito tempo — Carol revelou em um volume quase inaudível e me policiei porque é extremamente rude encarar alguém de boca aberta.

Eu acho que meus poderes de Guardiã da Verdade finalmente estavam funcionando porque, meu Deus! Era o Natal com maior movimentação em armários desde o lançamento de *As Crônicas de Nárnia*!

Não que fosse uma surpresa. A cúpula composta por mim, Laura e Alice já havia cogitado essa hipótese. Carolina ficava tão irritada com os namorados de Valentina, porque, segundo ela, nenhum deles a merecia; ela era muito próxima de Valentina, mas tinha se afastado nos últimos dois anos e estava meio esquisita e distante. Além disso, a aura de ciúmes era palpável todas as vezes que Valentina

nos apresentava algum dos seus rolos. Mas ninguém esperava que Carol admitisse isso em voz alta, é claro.

Eu expliquei isso para ela, que pediu um *milkshake* como resposta. Era a sua forma de processar o que estava acontecendo. Ela pareceu um pouco perdida, porque claramente esperava uma reação completamente diferente, e, por fim, olhou para as próprias mãos com pânico nos olhos.

— Se vocês repararam, quer dizer que a Valentina... — ela falou e engoliu em seco, me segurando pelos ombros. — Me diz que a Valentina não sabe!

— Ela nunca comentou nada, mas acho que não? Talvez ela só ache que você a odeia.

Era tarde demais quando reparei que era a coisa errada a dizer, porque Carol ficou pálida, mesmo com a pele morena que havia herdado da parte indígena da família. Eu tentei consolá-la, mas, no fim, ela só fez um gesto que eu deixasse isso para lá e tomou o *milkshake* até o seu cérebro congelar.

— Isso aqui não é sobre mim, é sobre você — ela falou, apontando para si e depois para mim com as duas mãos. — Foi um processo bem estranho descobrir isso, porque, até conhecer a Valentina, eu nem *cogitava* a existência de relacionamentos românticos. Daí eu recorri à sabedoria milenar do Tumblr.

— Você resolveu sua sexualidade no Tumblr*?*

— Eu não resolvi nada! — ela exclamou, constrangida. — Eu pedi ajuda para os meus amigos virtuais, é diferente. Bem, tem um artigo que talvez seja bom você ler, pode te ajudar. É sobre assexualidade. Depois que eu li, eu percebi que sou demissexual. Por isso que eu demorei tanto para gostar de Valentina. Bem, me ajudou porque eu entendi que não tinha nada de *errad*o comigo, pode ajudar você também.

Eu queria fazer mil perguntas, mas um dos papais noéis da decoração de natal do shopping apareceu

flutuando atrás da Carol e eu tinha certeza que ele não deveria se comportar daquela forma. Quando olhei para trás, xinguei em voz alta quando vi que não era um, eram *todos* que estavam saindo do lugar, andando de forma robótica, enquanto o funk de natal tocava incessantemente, cada vez mais alto.

Era óbvio que o funk natalino era obra das Forças do Mal. Óbvio.

O grande trunfo dos nossos inimigos sempre foi saber exatamente quando atacar, parecendo inofensivos. Eles pegam a menor centelha de emoção e a transformam em algo negativo e corrosivo, aumentando-a até explodir e precisar se manifestar de alguma maneira — seja influenciando pessoas ou objetos. Não importava como, as Forças do Mal sempre conseguiam dar uma aura de normalidade na situação por mais absurda que fosse, seja adolescentes alucinados com o vestibular ou um Papai Noel Satânico.

Então, quando os papais noéis malignos começaram a se mover, todo mundo ficou maravilhado achando que era uma performance inovadora do shopping center. Ninguém reparou que eles tinham olhos vermelhos e sem vida como demônios ou, sei lá, coelhos (esses roedores parecem fofos, mas não se iludam!). Eu e Carol nos levantamos num movimento fluido, acionando Laura e Valentina através de nossos relógios comunicadores. Estávamos tensas, sem saber como a situação iria se desenrolar. Se os papais noéis demônios não fossem contagiosos, seria mais fácil, porque poderíamos destruí-los antes de achar a fonte da energia negativa. Caso contrário, alguém se machucaria.

O maior deles se abaixou e encostou em um grupo de adolescentes, que imediatamente ficou quieto como marionetes com as cordas puxadas. Prendi a respiração, torcendo para que não desse em nada. Só que aí eles começaram a gritar como loucos e entraram correndo na C&A, pegando todas as roupas dos cabides e jogando as

coisas no chão, e, a cada pessoa que esbarravam, passavam o frenesi: pessoas colocando roupas nas suas sacolas, brigando por peças, subindo em cima das mesas enquanto alguém anunciava uma promoção inexistente.

— O consumismo. Típico. Quem foi o responsável por esse ataque, Charles Dickens? — Carol falou cheia de sarcasmo, e Laura e Valentina nos encontraram quase no mesmo instante. Apesar da tensão, Carol olhou para Valentina com o canto dos olhos, provavelmente avaliando se ela a odiava ou não.

— Gregório, preparar transformações — eu falei na direção do meu relógio de pulso e a voz anormalmente grossa do nosso gambá-mentor soou no meu brinco, dizendo que estava pronto.

— Transformações em três! — Laura anunciou e nos posicionamos, cada uma com a sua postura inicial.

A minha era bem simples porque não consegui escolher nada melhor: as pernas cruzadas na terceira posição dos pés do balé e um dedo nos lábios como se eu fosse uma enfermeira pedindo silêncio.

Nas primeiras vezes em que eu me transformei, tinha tanta, mas tanta vergonha, que ficava vermelha durante toda a batalha. Era tudo meio ridículo, se você parasse para pensar: uma luz descia dos céus para nos iluminar, os movimentos que tínhamos que fazer para atingirmos a nossa forma de Guardiã, todo o glitter e purpurina que ficavam para trás. Depois de um tempo, eu sabia que ninguém iria se lembrar e começou até a ser divertido fazer as poses extravagantes, um tipo de ritual pré-guerra, sabe.

Eu sei que a maior parte dos times tem o combo de *collant + saias + botas* como uniforme, mas o nosso era uma das exceções — cada uma tinha a roupa que combinava com a sua personalidade. A da Laura era um collant branco com uma saia rodada verde-escuro cheia de anáguas e uma meia 5/8 com um sapato de boneca; Valentina se vestia com um macacão branco com um raio

laranja que combinava com o seu cabelo vermelho, o chicote, que era a sua arma, amarrado na cintura; Carol tinha um conjunto de top e calça branca e vermelha e eu, um macaquinho branco com uma saia azul meio translúcida por cima, como uma capa estilosa.

— Sofia, as informações estão no seu visor — a voz de Alice soou nos nossos brincos, que serviam como rádio. A garota não pode ir ao shopping naquela tarde, pois tinha que acompanhar os pais em algum evento de avestruz ou boi ou qualquer bicho que eles vendiam, mas conseguia se conectar com as guardiãs através do seu visor. — Os fluxos de energia estão muito bagunçados, vocês vão ter que diminuir um pouco a quantidade de adversários pra gente conseguir mapear o epicentro do ataque.

Nunca achei que teria tanta satisfação em socar papais noéis, mas eu estava me divertindo horrores. Normalmente, eu e Carol éramos a unidade de combate corpo-a-corpo, abrindo caminhos com os nossos saltos e golpes em sincronia. Um Papai Noel foi para cima da Carol e eu o atingi com o meu soco-relâmpago e ela aproveitou o meu movimento para atingir uma rena-satânica que estava atrás de mim com o seu taco de beisebol, e a estátua voou para longe com um barulho alto. Nós ficamos de costas uma para a outra observando a situação.

Laura havia encurralado todo mundo que ainda estava no corredor dentro da C&A, que havia virado um cenário apocalíptico, e atingia pequenos Quebra-Nozes-Zumbis com o seu guarda-chuva, visivelmente irritada. Ela jogou um para Valentina, que o pegou no ar com o chicote e o lançou contra um Papai Noel que estava vindo em nossa direção, fazendo-o cair e derrubar as duas renas que o seguiam. Carol olhou para o próprio taco, lambendo os lábios, tentando se concentrar no que importava. Haviam bonecos demais, pessoas demais, energia demais.

— Precisamos chegar na praça central! — eu falei para Carol, batendo a lateral dos meus punhos um no outro e

soltando uma faísca. — É de onde vem a maior concentração de energia, eu posso sentir.

— Então você os distrai e eu, Tina e Laura vamos para lá? — ela perguntou e eu concordei. Era nossa estratégia padrão. — Tina!

A garota veio na nossa direção, brandindo o chicote para tirar do caminho um boneco-de-neve endiabrado, empurrando-o para Carol, que o jogou em cima do Papai Noel que estava se levantando. Ela também parou com as costas encostadas nas nossas, sua mão segurando o chicote com força.

— Eu distraio todo mundo — Laura falou no nosso rádio e nós três nos olhamos, confusas com a mudança de estratégia. — Quando eu falar já!

As ideias de distração de Laura não são muito ortodoxas e mais uma vez ela não nos decepcionou: abriu os portões do Inferno, que dizer, da C&A, e todo mundo saiu desesperado para ir para as outras lojas, atropelando tudo o que tinha pelo caminho. Nós três saímos correndo com mais medo do que quando enfrentamos o chefão das Forças do Mal no Senado no meio do ano. A praça central estava de pernas para o ar: a casa de gengibre tinha duplicado de tamanho, as lojas estavam reviradas e até o forro do teto do shopping tinha buracos. As pessoas gritavam e se abraçavam em coisas, e dois homens trocavam socos em uma briga séria por causa de porquinhas decorativas vestidas com lingerie, tudo isso enquanto todos os objetos decorativos zanzavam por aí, passando por cima de pessoas e alimentando ainda mais o frenesi de compras.

E, para coroar, do nada começou a tocar aquela música da Simone: *Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel*...

— Meu Deus do céu, tá pior do que o aniversário do Guanabara! — Valentina exclamou, se referindo ao supermercado da cidade natal dos seus pais cariocas.

E aí eu comecei a rir.

Isso mesmo. Eu tive uma crise de riso NO MEIO do caos natalino daquele ano.

— Eu quebrei a Sofia, Carol! — Valentina falou, me segurando pelas costas para eu não ser levada pelas pessoas descontroladas.

Isso fez com que Carol risse também.

É uma verdade universal que crises de riso são contagiosas, então, em questão de segundos, nós três estávamos apoiadas umas nas outras, se dobrando ao meio de tanto gargalhar, nossos estômagos doendo, os maxilares dormentes. O problema era que a nossa energia atraia a energia negativa, então nós estávamos rindo *enquanto* precisávamos lutar contra enfeites de natal possuídos.

Deixa eu contar para vocês que não funcionou muito bem.

— O que vocês estão fazendo!? — Laura berrou de algum lugar e só consegui ver o guarda-chuva dela atravessando um trenzinho à distância. — A gente precisa dar um jeito nisso! Alice, acharam o centro do ataque?

— Não — Alice soou frustrada pelo nosso rádio, falando escondida diretamente de algum banheiro na mansão do dono da Avestruz Master ou algo assim. Ela e Gregório trocavam mensagens, tentando mensurar a taxa de energia boa e má do shopping através de seus *smartphones*. — Eu não sei o que está acontecendo! Parece que tem uma interferência. Vocês podem chegar mais perto da praça?

Laura abriu o seu guarda-chuva e flutuou acima da multidão graciosamente, parando no telhado da casa de gengibre como se fosse a Mary Poppins. Valentina segurou Carol pela cintura, como sempre fazia para se locomover e carregar alguém, e se pendurou no chicote como o Tarzan ao mesmo tempo em que eu pulei de cabeça de papai noel em cabeça de papai noel até chegar lá.

— Meu visor deu a louca — eu falei, dando dois tapinhas nele.

— Aqui também! — ouvi o som dos dedos de Alice batendo no teclado e Gregório a repreendendo. — Vocês vão ter que procurar manualmente.

— A gente podia só atacar tudo, não é possível que a gente não acerte qual deles é o original — Laura opinou, emburrada. — Se o presente da minha mãe quebrar por causa desses malucos, eu vou ficar bem irritada.

— Não é uma má ideia — Carol concordou e Laura olhou para ela com uma mão no peito e a boca aberta, em choque. — O quê? Eu concordo com você às vezes, Laura.

— Aleluia! Temos um milagre de Natal! — ela falou, brandindo uma mão aos céus. — Tina e Sofia podem anunciar uma promoção imperdível ou sei lá o que para tirar os humanos daqui e aí eu e Carol mandamos ver.

— Você sabe que se atacar uma pessoa que seja as coisas podem ficar piores... — Valentina avisou.

— Eu prefiro ajudar a Tina — Carol falou e Valentina olhou para ela como se ela tivesse virado um Papai Noel possuído.

— Quê?

— É, Sofia pode ajudar Laura enquanto a gente junta todo mundo bem longe daqui — Carol determinou e puxou a garota, segurando-a pelo pulso. — Vem.

Laura abriu a boca para falar algo, mas Carol e Valentina já estavam do outro lado da praça. Eu fiquei paralisada com o olhar que Laura me lançou, completamente insegura. Dava para ver na sua postura tensa que não me queria como dupla porque sabia que eu não seria de muita ajuda sem dominar todos os meus golpes. Era um sentimento completamente diferente de quando eu estava com Carol e Valentina, alguns instantes antes, em que eu me sentia parte de algo.

Conforme escorregamos pelo telhado da casa de gengibre e chegamos na parte de baixo, o sentimento tinha me dominado da cabeça aos pés. Eu não deveria estar aqui, Ana Lívia estava certa. As meninas não deixariam de ser

minhas amigas se eu saísse do grupo, deixariam? Elas ainda me chamariam para as confraternizações e os aniversários, mas eu provavelmente não poderia encontrá-las toda semana como fazíamos há quatro anos. Não teríamos as risadas, os filmes e as conversas pela madrugada, não teríamos os ataques combinados e as competições idiotas. Não teriam chocolates quentes com Carol, ou os unicórnios de Alice, nem as extravagâncias de Laura e a energia contínua de Valentina. Eu voltaria a ser uma garota normal, se eu ainda me lembrasse como era ser uma.

Levei uma mão para coçar meu nariz e senti minhas bochechas molhadas, me sentindo ainda mais patética por estar *chorando* no meio de uma batalha e funguei, alto, controlando o nó no meu peito que ameaçava desatar. Se eu fosse sincera, as meninas eram a coisa mais importantes da minha vida. Eu as amava, *muito.* Nós estávamos juntas em tudo, nas tristezas e nas alegrias, uma apoiando a outra e empurrando para cima todas as vezes que queríamos desistir. Me afastar delas era como tirar um pedaço de mim.

Laura se virou para ver se eu a estava seguindo e caminhou até mim, com passos pesados, sua expressão se contorcendo em desgosto quando viu meu estado emocional. Eu enxuguei os olhos com as costas da mão, respirando fundo, tentando me focar no que precisávamos fazer, mas meus olhos continuavam vazando. Eu não conseguia parar! Era horrível.

— O que você pensa que está fazendo? — ela perguntou rispidamente, de uma forma que nunca tinha falado antes, e eu me encolhi, pedindo desculpas. — É por isso que eu não queria que você ficasse aqui, argh.

— Desculpa — falei de novo.

— Pare de pedir desculpas! Se não vai ajudar, pelo menos não atrapalha. Fica aí sentada — ela soou como minha mãe e apontou para um trenzinho que não havia ganhado vida. Eu deveria obedecê-la ou segui-la no estado

que estava? Laura passou uma mão pelo cabelo, irritada, e praguejou. — Que porcaria de cabelo, só fica no caminho!

Foi *aí* que eu entendi porque ela havia falado assim: não era a Laura. Não havia algo que Laura amasse mais do que o seu cabelo — eles haviam começado com um relacionamento difícil, que demorou um pouco para ficar positivo, mas agora ela nunca, nunca falaria algo do tipo. Seu cabelo era o seu orgulho, as suas raízes, quem ela era em todas as suas nuances. Falar mal do cabelo dela era a mesma coisa de falar mal *dela*, e isso era inadmissível.

— *Você* é o centro do ataque, não é? — perguntei, sem nem me preocupar em enxugar o meu rosto, fechando os meus punhos. Foi quando entendi que metade daqueles sentimentos foram causados pela influência da Entidade que tinha se apossado de Laura. — Você aproveitou a confusão para usar Laura, por isso que a gente não conseguia detectar.

Os lábios de Laura se curvaram de uma maneira estranhíssima, e fiquei tão furiosa por mais uma vez eles fazerem isso, por a usarem como armadilha para nos atacar. As Forças do Mal sabiam muito bem que a melhor forma de nos desestabilizar era nos separando.

— Ficamos felizes que sua amiga tenha sugerido você para ficar comigo, porque aí vai ser mais fácil ganhar de uma inútil que nem você! — Ouvir palavras cruéis com a voz de Laura me deixou duas vezes mais irritada e eu senti o calor da fúria subir como uma onda pelo meu corpo, parando na minha garganta e nos meus pulsos.

Eloquência nunca foi minha principal característica, principalmente quando estou com raiva, então grunhi entredentes, afundando minhas unhas na palma da mão para não agir de forma precipitada.

— Nós sempre nos perguntamos a razão de você estar nesse grupo, porque a falha é tão óbvia. É quase como se vocês quisessem a nossa vitória! — a Entidade falou,

lambendo os lábios enquanto fechava o guarda-chuva de Laura, mas sem sair de onde estava.

Eu dei um passo para frente, controlando a minha respiração para não ficar furiosa e a Laura-Possuída deu um passo para trás, com a expressão inabalável. Havia algo estranho ali, porque os monstros sempre nos atacavam no momento em que descobríamos a fonte da infestação. Dei mais um passo para frente e outro, e Laura se afastou, como se estivéssemos numa dança. Suas sobrancelhas se franziram, como se aquilo não fosse o esperado.

Aí eu entendi.

— Vocês não acham isso — eu falei, com uma calma quase sobrenatural. — Se achassem, por que iriam manter distância de mim? Não é só você, é? Todos vocês, nenhum chega perto de mim. Eu nunca fui atacada no meio da rua como as meninas, nenhum de vocês nunca tentou me usar contra elas. Vocês têm medo de mim.

Os olhos de Laura se estreitaram em uma expressão que não pertencia a ela e deu mais um passo, ficando encurralada entre um Papai Noel gigante e eu. Todas as minhas amigas já haviam sido vítimas das Forças do Mal de alguma forma, menos eu. Era como se eu fosse imune aos poderes malignos — e aí tudo se encaixou. As formações que me colocavam na vanguarda, todas as vezes que fui ao resgate das meninas, às vezes só com astúcia e um bom plano, a forma como Gregório sempre pedia a minha ajuda para resolver problemas — eu podia não ter meus poderes bem desenvolvidos, mas eu era importante no grupo. Eu era útil.

Acho que vocês já leram as inúmeras descrições do sentimento que se tem quando todo o seu poder é liberado, mas eu vou adicionar a minha: quando percebi que eles tinham medo de mim por eu ser quem eu era, *inútil*, *com poucos poderes, a falha do grupo,* foi como se um peso saísse das minhas costas. Carol estava certa, como de costume: eu estava pensando no assunto da forma errada. O

Poder do Amor, essa essência sem forma e abstrata, não era só sobre amar *outras pessoas romanticamente.*

Foi como se milhares de possibilidades se abrissem na minha frente. Senti um calor se espalhar em ondas, me envolvendo e transbordando. Era como a sensação de tomar um banho quente depois de pegar chuva, de sentir cheiro de bolo de cenoura assando no forno, de deitar para dormir depois de um dia exaustivo. Era como ter uma crise de riso com as suas melhores amigas, era ficar feliz porque as pessoas que você ama estão felizes. Eu podia fazer qualquer coisa com esse sentimento, transformá-lo no que quisesse.

Abri os olhos, sentindo a energia se concentrar nas palmas das minhas mãos e encarei a Entidade do Mal, que estava envolta de uma fumaça acinzentada saída das narinas de Laura todas as vezes que ela expirava. O mundo estava todo assim: os enfeites possuídos envoltos com a mesma fumaça, as pessoas cobertas por uma névoa escura. Em algum lugar atrás de mim, dois pontos de energia pulsavam que reconheci como Carol e Valentina. *Eu conseguia vê-los.* Conseguia saber exatamente onde estavam, onde estava a maior concentração de poder, onde nós estávamos.

— *V*ocês estão *tão* ferrados agora! — sorri com o canto dos lábios e a Entidade arregalou os olhos com minhas palavras inesperadas. Mexi meus dedos, sentindo o poder escorrer pelos meus braços e se concentrar neles. Era uma sensação tão esquisita, mas tão *boa,* a de finalmente ter poder.

A Entidade gritou e em questão de segundos uma dúzia de enfeites possuídos estava me atacando, pequenos pinguins, bonecos de neve e quebra-nozes. Eu chutei um boneco de neve para longe e levantei os olhos, vendo Laura se afastar com alguma dificuldade. Provavelmente estavam lutando pelo controle, Laura e o que estava a possuindo. Eu não tinha tempo para brincar com esse povo e fechei os

punhos, sentindo a energia subir em ondas pelo meu corpo e se acumulando em algum ponto da minha testa.

— CHUVA DE CRISTAL! — berrei, saltando na direção da Entidade e caindo ajoelhada, com uma mão no chão.

Um clarão saiu de onde meu punho encontrou o piso claro do shopping, se espalhando como uma onda e empurrando monstrinhos e pessoas, ecoando nas paredes e rachando um pedaço do chão que ia de mim até onde Laura estava, sentada no chão, com uma expressão confusa. Eu respirei fundo quando percebi que não havia mais nenhum resquício da fumaça cinza ao seu redor.

— Sofia!? — ela perguntou, parecendo surpresa e preocupada ao mesmo tempo. — Sofia? Você está bem?

Ela começou a engatinhar na minha direção, claramente sem forças para ficar de pé, e eu sorri, querendo respondê-la, mas a única coisa que eu consegui dizer antes de tudo ficar escuro foi:

— Laura, eu consegui!

Nós fomos direto para a casa de Alice, que havia inventado uma desculpa esfarrapada para sair mais cedo do Almoço dos Criadores de Algum Animal Que Dá Dinheiro, e ela me recebeu com um copo de guaraná e uma bacia de salpicão, que devorei como se fizesse um mês que não comia. Ela precisou insistir muito para que eu a deixasse enfaixar a minha mão machucada, mas parecia satisfeita com o resultado do dia.

— Da próxima vez eu vou mandar o Almoço dos Criadores pro espaço, é sempre um monte de homem velho falando porcaria — ela reclamou, terminando de enfaixar minha mão. — Aqui, prontinho.

— Como Sofia está, Alice? — Laura perguntou do sofá onde estava deitada com uma venda nos olhos, por causa da

enxaqueca que sempre sucedia uma possessão. Ela, infelizmente, estava acostumada. — Quando ela desmaiou, eu fiquei tão preocupada. Tão preocupada! Ela estava tão pálida e um pouco gelada e eu achei que ela tinha, sei lá, usado toda a energia dela.

— É o golpe mais forte, né — Alice explicou e olhou para mim, colocando uma mão na minha testa. — Eu dormi durante três dias quando descobri como usar o meu.

Laura se sentou no sofá e fez um sinal para sentarmos ao seu lado, tirando a venda dos olhos. Alice começou a reclamar que ela deveria descansar, mas não tinha muita discussão quando Laura queria algo. Nos acomodamos, eu entre ela e Alice, e ela pegou as minhas mãos.

— Eu queria pedir desculpas, Sof — ela falou, com um suspiro. — Eu falei coisas horríveis para você lá no shopping.

— Você sabe que não foi você — eu disse, apertando suas mãos. — A gente devia treinar melhor a sua resistência.

— Pode não ter sido eu conscientemente, mas você sabe como eles funcionam. Eles não inventam nada — Laura confessou, constrangida, mas sem desviar o olhar. Alice encostou a cabeça nas minhas costas com um suspiro, como se aquilo também fosse pesado para ela ouvir. — Você é uma parte importantíssima do nosso grupo e eu havia até falado para Alice que, se você saísse, eu sairia também. Não quero comandar uma equipe que não tenha todas as minhas melhores amigas nela.

— Eu também — Alice falou, sua voz embargada. — Eu falei pro Gregório que sem você eu não continuaria.

— Ah, não, gente, a gente não vai chorar — repreendi, sentindo as lágrimas querendo sair. Alice riu e falou que já era tarde demais.

Nós nos abraçamos e Laura nos apertou, falando com a voz embargada também.

— Eu amo muito todas vocês — e passou uma mão no meu cabelo e depois no de Alice, de uma forma maternal.

Claro que quando Valentina e Carol voltaram do jardim, nós três estávamos chorando feito idiotas no sofá, abraçadas umas nas outras e elas se jogaram no abraço, preocupadas, nos apertando e consolando. Nem se eu tivesse pedido por amigas perfeitas, elas seriam tão boas quanto as que eu tinha.

— Gente, vocês são dramáticas demais — Carol falou, por fim, se sentando no chão, perto do sofá, e encostando a cabeça no meu joelho. Apesar das palavras, ela estava claramente mais relaxada do que nos últimos dias. — Era óbvio que ela ia conseguir. A gente ainda tem mais quatro anos pela frente e com o que Sofia pode fazer...

— Mas, sério, gente, *Chuva de Cristal*? — eu interrompi, levantando as mãos revoltada. — Eu sou o quê? A Xuxa pra ter um golpe com esse nome?

— O que importa é que você conseguiu! — Laura exclamou, me esmagando em um abraço novamente. — E que a gente vai ficar junto! E que provavelmente essas entidades filhas da mãe vão ficar mais cautelosas agora que você tem o poder do *Olho Que Tudo Vê.*

— Meu deus, Sofia, você é o Sauron! — Valentina conclui, arrancando risadas de todas nós.

— Eu só sei que agora a gente é *OverPower* demais e eles vão vir com tudo! — Alice falou, quebrando um pouco o clima. — O quê? É sério.

— Ai, é Natal, Alice! — Laura rebateu. — A gente pode tirar um diazinho para ver *Esqueceram de Mim* enquanto come rabanada, não pode?

— Só dessa vez.

Nos amontoamos na frente da televisão, deitando sobre almofadas no chão. Laura deu play no filme e apagou as luzes. Meus olhos pesaram um pouco e acho que nunca me senti tão confortável na vida, como se finalmente tivesse entendido qual era o meu lugar. Olhei para Carol do meu lado e falei:

— Carol, sabe o que eu lembrei?

— Não, porque ainda não leio mentes.

— Sabe que música estava tocando no shopping quando eu descobri meu golpe?

Carol olhou para mim com o canto dos olhos, pronta para qualquer besteira que eu fosse dizer.

— Simone?

— Não. *Emotion*, da Carly Rae Jepsen!

Ela gargalhou me fazendo rir alto também até Valentina jogar uma almofada na gente nos mandando calar a boca. E eu não poderia estar em um lugar melhor do que ali.

Bem, a lição aqui, crianças, foi a de que eu precisei entender que a principal mensagem que tentam nos empurrar em filmes e histórias é uma grande mentira. Afirmar que o único amor possível, o único sentimento que nos valida como seres humanos, é o amor romântico está completamente equivocado. Quanto mais eu penso nisso, mais percebo que talvez existam tantas formas de amor quanto existem pessoas na Terra e é estúpido assumir que todo mundo se enquadra na mesma experiência.

Então, para aqueles que estão descobrindo o seu lado mágico agora, uma dica: talvez esse seja o seu caso! Talvez o que esteja faltando para você conseguir liberar todo o seu potencial seja perceber que os seus sentimentos podem se enquadrar nos conceitos *bregas* de amor romântico ou não e que eles continuam válidos e importantes independente da forma que assumam – e é aceitar isso que te transforma numa ótima garota mágica.

A Aventura do Peru de Natal

Lucas Rocha

Danilo sabia que preparar um peru de Natal não era uma tarefa fácil: não é simplesmente colocá-lo no forno e esperar que o pino com a temperatura ideal suba, ao menos não para a sua mãe. Para ela, era necessário deixar a carne repousar – como se a morte da pobre ave já não fosse o descanso eterno –, enquanto separava a sálvia, o manjericão e o tomilho, descascava batatas, cebolas e cenouras, preparava uma farofa de miúdos e bacon para o recheio, colocava um disco antigo da Gal Costa para tocar e abria uma garrafa de vinho.

Aquele era o momento dela.

Danilo acreditava que preparar um peru de Natal, para dona Mariana, talvez fosse o encerramento definitivo do ano, tenha sido ele bom ou ruim. O garoto entendia porque a mãe dava tanta importância para aquele fato, mesmo que não ligasse a mínima se a carne estivesse suculenta, se as batatas estivessem macias ou se a disposição dos outros vegetais na travessa estivesse à altura de uma obra de arte de natureza morta.

Dona Mariana era a terceira de cinco filhas que, desde muito novas, aprenderam que a única forma de se sobressaírem umas às outras era através da disputa. Quando mais novo, Danilo não entendia muito bem porque

sua mãe exigia notas altas da escola enquanto dizia que "seu primo Carlos ganhou o primeiro lugar no concurso de matemática", ou quando o matriculava em uma das inúmeras atividades esportivas dizendo que "sua prima Cecília viajou para Belo Horizonte pelo time de futebol e ganhou o campeonato!". Ela tentava incutir nele sua própria competitividade, exibindo-o para as irmãs à primeira oportunidade, dizendo o quão inteligente, atlético e brilhante seu filho era – e tudo isso criando-o sozinha, talvez em uma tentativa de mascarar o que só ela considerava a maior falha de toda a sua vida: um casamento fracassado.

Mas, com o tempo, Danilo acabou se acostumando com aquelas disputas silenciosas, até porque sabia que sua mãe não era a única a jogar aquele jogo, principalmente quando suas tias o encontravam e falavam sobre seus próprios filhos, sobre o quanto se orgulhavam deles e sobre como o futuro seria brilhante para todos – menos tia Flávia, a única das cinco que não quis ter filhos e não entendia muito bem onde deveria ficar na configuração daquela competição quase medieval.

Então o peru de Natal era o resumo de tudo isso: não bastava ser um bom peru. Deveria ser *o melhor* peru, a estrela da noite, melhor do que o bacalhau espiritual da tia Cláudia, ou a salada de batatas e ovos da tia Olívia, ou a simplória farofa de cebola com passas (sim, passas!) da tia Eduarda. Dona Mariana tinha que ver toda a mesa disputar os pedaços da ave enquanto a família comia de olhos fechados, e repetia, e deixava para trás apenas ossos e carcaças, enquanto todos os outros pratos ficariam intocados sobre a mesa para o dia seguinte, já que não eram tão bons quanto o seu.

Para fazer o peru, dona Mariana acordava cedo: logo às nove da manhã, Danilo já conseguia ouvir o barulho de Gal Costa cantando *Objeto Não Identificado* ou *Mamãe Coragem* – as preferidas dela –, a taça de vinho ao lado da pia enquanto o forno pré-aquecia e as rabanadas da manhã

do dia vinte e quatro eram fritas em uma das bocas do fogão. Enquanto lavava o rosto para espantar o sono, Danilo a ouvia com seu bom humor natalino ao telefone com a avó, dizendo que já estava preparando o peru e que não poderia esperar a hora para que todos comessem. E, quando Danilo finalmente se sentava à mesa e sentia o cheiro de açúcar e da canela daquela que, para ele, era a melhor criação da humanidade – pão frito! –, a mãe dava-lhe um abraço, um beijo na testa e lhe desejava um feliz Natal.

Danilo adorava o Natal. Mesmo que fizesse um calor infernal no Rio de Janeiro e ele soubesse que pinheiros de verdade não existiam a um raio de pelo menos trezentos quilômetros, o clima natalino o deixava feliz. As luzes piscando nas casas da vila onde morava; a expectativa de ganhar presentes; as férias da escola e o merecido descanso depois de um ciclo de provas que, no ano que vem, seria ainda mais estressante por conta do vestibular; as maratonas de filmes bobos na TV ou a sua tradição de se estirar no chão da sala, único lugar em que o ventilador de teto o alcançava completamente, para ler a edição surrada de *Um Conto de Natal*, de Charles Dickens, que havia ganhado de sua mãe quando tinha apenas oito anos e ele, religiosamente, começava a ler no dia vinte e quatro de dezembro e terminava no dia vinte e cinco. Isso sem contar as rabanadas, a gemada, o panetone, os bolinhos de chuva ou a permissão que sua mãe lhe dava para beber vinho à mesa de jantar mesmo sendo menor de idade, sem se importar com a quantidade que ingeria.

O Natal, para ele, também era a época de avaliar o que havia feito ao longo do ano. Desde os doze anos, Danilo fazia listas na primeira semana de janeiro com tudo de diferente que pretendia fazer; depois a deixava de lado e, no final do ano, voltava ao caderninho esquecido no fundo do armário para avaliar se havia ou não sido bem-sucedido. Na maior parte das vezes, seus planos megalomaníacos – criar um aplicativo, escrever um livro, montar um computador

novo só com peças compradas de segunda mão, etc. etc. – não eram atingidos, mas as pequenas metas – cortar o cabelo de um jeito diferente, ler vinte livros ao longo do ano, assistir todos os filmes da Trilogia da Vingança e da Trilogia Cornetto – eram assinaladas orgulhosamente com um V de vitória ao lado da promessa.

Então, depois de equilibrar quatro rabanadas em um prato de sobremesa, encher uma caneca de café com leite e enfiar uma colher de sopa em um pote de Nutella para colocá-la sobre os preciosos pedaços de pão dourado – ouvindo o repórter do jornal matinal falar alguma coisa sobre uma tempestade para aquela noite de Natal –, Danilo foi até o quarto, ligou o Spotify em sua *playlist* natalina (*All I Want For Christmas Is You*, na versão do My Chemical Romance, foi a primeira a tocar) e procurou pelo caderninho no armário. Queria saber se, naquele ano, havia feito tudo o que tinha planejado.

PLANOS PARA 2017

1. Pular de paraquedas
2. Fazer uma trilha
3. Juntar dinheiro para comprar um celular novo à vista
4. Pelo menos uma vez por mês, visitar a vovó
5. Adotar um cachorro ou um gato
6. Ter coragem para puxar assunto com o Vinícius

Pff, pensou. Ainda não entendia porque se torturava olhando para aquelas listas que, a cada ano, diminuíam de tamanho e aumentavam de ambição. Riscou o primeiro item – quem, em sã consciência, pensaria em pular de paraquedas aos dezesseis anos? Ainda tinha muita vida pela frente para se arriscar assim! –, o segundo – as únicas trilhas que fez foram as trilhas sonoras de sua vida patética –, o quinto – esse ele já sabia que era uma batalha perdida, já que sua mãe só gostava de animais quando estavam

temperados com sal e pimenta do reino – e, quando encostou a caneta para riscar o sexto item, parou.

Levantou a cabeça enquanto mordiscava uma rabanada besuntada em Nutella, olhando para a janela que ficava em frente à sua escrivaninha. Não por acaso, ela dava para o outro lado da vila, de frente para a casa onde Vinícius morava (talvez ter colocado aquela escrivaninha ali com a desculpa de que a luz era melhor fosse apenas isso: uma desculpa). As persianas da casa da frente estavam fechadas e, de toda a vila, aquela era a única casa que não tinha absolutamente nenhuma decoração natalina, seja um pisca-pisca ou um daqueles papais noéis pendurados do lado de fora da janela.

Danilo não entendia porque era tão difícil puxar assunto com um garoto. Ele era uma pessoa comunicativa, que sempre tinha uma piadinha engraçada na ponta da língua para conquistar as pessoas ao seu redor e que mascarava sua insegurança com uma tonelada de referências à cultura pop. Não tinha problemas na escola além dos famigerados burburinhos que ainda ouvia dos meninos mais inseguros do que ele, que achavam engraçado o fato de ele andar com um grupo de garotas e de conversar sobre filmes e seriados que não eram *The Walking Dead* ou *Game of Thrones*. Ele adquiriu, com o passar do tempo, uma casca grossa contra todos os comentários, sejam eles os ditos aos sussurros ou aos berros, sabendo que aquele tipo de poder só era grande quando Danilo reconhecia que era capaz de afetá-lo.

Não que tenha sido um processo fácil ou livre dos seus tempos de crise, mas agora tudo estava melhor do que no ano passado, e ele sabia que o ano que vem seria ainda melhor. Estaria no terceiro ano, afundado em simulados e preocupações com o futuro que não o deixariam prestar atenção a mais nada.

Danilo sabia que, mais do que nunca, puxar assunto com Vinícius ao longo dos próximos meses seria difícil. O

garoto da casa da frente havia terminado o terceiro ano e agora era provável que mudasse sua rotina com uma nova faculdade – que Danilo, mesmo com todos os seus talentos para fuçar a vida online das pessoas, não descobriu qual era, já que Vinícius parecia ter alergia a redes sociais e só utilizava o mínimo necessário –, e, mesmo que ainda fossem vizinhos, seus encontros seriam cada vez menores. Vinícius conheceria novos amigos, passaria mais tempo fora de casa e, é claro, sequer notaria Danilo, que ainda pensava em que curso de faculdade fazer e olhava para a casa da frente ao mesmo tempo em que seu coração batia mais acelerado.

— Você não vai para a missa, vai? — dona Mariana perguntou, entrando no quarto de Danilo sem bater e arrancando-o de seus pensamentos.

Ela era uma mulher bonita e nem se dava conta disso: seus cabelos escuros estavam amarrados em um coque desleixado que a fazia parecer uma daquelas modelos de revista, e o avental que cobria seu corpo mirrado e baixinho combinava com seu pijama de tartarugas, mesmo que ela não tivesse a mínima intenção de combinar roupas naquele momento.

Era uma pergunta retórica. Danilo não ia para a igreja há, pelo menos, quatro anos, desde que ganhou autonomia o suficiente para ficar sozinho em casa sem que sua mãe pensasse que ele colocaria fogo em alguma coisa ou beberia desinfetante pensando que era suco de limão.

— Não — ele respondeu, fechando o caderno e pegando outra rabanada enquanto a música de natal mudava para a versão do Billy Idol de *Jingle Bell Rock*.

— Ótimo — ela respondeu, menos ofendida com o fim da fé católica de Danilo a cada ano que se passava. — Então você pode levar o peru para a casa da sua avó, não pode?

Ela sorriu.

Também era uma pergunta retórica.

— Esteja lá às nove horas, no máximo. Devo chegar por volta das nove e meia com a sua avó e suas tias, e o

resto do pessoal deve chegar lá às onze da noite — ela estendeu uma chave enfiada em um desses chaveiros que as pessoas compram às dúzias e de última hora em viagens, fazendo balançar uma versão em miniatura da Torre Eiffel. — Só você não vai para a missa, então a porta da sua avó vai estar trancada.

— Beleza — Danilo respondeu, pegando a chave e colocando-a sobre a escrivaninha.

A casa de dona Maria da Graça, a matriarca da família Cardoso, ficava a cinco ruas de distância. Carregar um peru assado de dez quilos não seria um sacrifício tão grande quanto ter que passar duas horas e meia ouvindo o padre falar novamente sobre tudo o que ele já tinha ouvido nas últimas vezes em que esteve na Igreja.

— Tente ir antes do temporal, ok? — dona Mariana o alertou.

— Temporal? — Danilo olhou para fora. O sol nunca esteve brilhando tão forte.

— O jornal disse que vai cair uma tempestade hoje à noite. E se você molhar o meu peru... — ela deixou a ameaça no ar, o que foi suficiente para ele não perguntar mais nada nem rir com a concepção dúbia de *molhar um peru*.

— Pode deixar, mãe.

Ela fechou a porta e o deixou sozinho, encarando o longo dia de folga que teria pela frente.

Danilo se espreguiçou, sentindo os pedaços de pão frito com Nutella estufarem o estômago. Abriu o armário, pegou sua edição surrada de *Um Conto de Natal* e foi até a sala, se jogando no chão enquanto ouvia os ecos de Gal Costa tocando no radinho da cozinha. Abriu o livro e, mais uma vez, começou a ler sobre o rabugento senhor Scrooge e os seus fantasmas.

Enquanto lia as primeiras linhas, se pegou pensando se Vinícius seria como Scrooge: será que também odiava o Natal? Era por isso que a casa dele era a única da vila que não tinha nenhuma decoração? Ou será que sua família era

judia e ele não comemorava como a maioria das pessoas? Será que ser judeu impossibilitava alguma pessoa de decorar sua casa? Eram só luzes de Natal, uma árvore de plástico e alguns bonecos de um velhinho vestido de vermelho! Isso estava longe de ser uma simbologia religiosa, então era provável que judeus, muçulmanos, xintoístas e umbandistas também pudessem decorar suas casas sem maiores ofensas.

Enquanto os pensamentos rodavam pela sua cabeça e as páginas do livro pareciam todas as mesmas – Danilo já estava lendo a história em modo automático, e só tinha noção do que estava acontecendo porque já conhecia a vida do senhor Scrooge praticamente de cor –, os olhos do garoto começaram a pesar. Talvez fosse o calor que deixava seu corpo mole ou o excesso de comida logo no café da manhã: tudo o que sabia é que ainda não estava cem por cento satisfeito com as horas de sono da noite passada. Por isso, deixou o livro de lado, bocejou e fechou os olhos, sentindo as fibras do tapete abraçarem-no de uma forma muito mais aconchegante do que seu colchão.

Danilo acordou com o barulho da campainha tocando.

Não sabia exatamente por quanto tempo havia dormido. A música havia parado, mas ouvia a movimentação na cozinha e sabia que sua mãe ainda estava batendo panelas e cortando legumes para o seu famoso peru de Natal.

— Atende para mim, Danilo!

O garoto esfregou os olhos e tentou parecer qualquer coisa que não um zumbi enquanto ia até a porta. Ao abri-la, uma pequena bola de pelos brancos correu em sua direção, entrelaçando-se em seus pés e lambendo o espaço entre os

seus dedos, farejando-o enquanto seu rabo balançava animadamente.

Sorriu ao ver Pingo, o West Terrier da vizinha da casa ao lado, agachando-se para fazer carinho no animal. Dona Marilene, na soleira da porta, tentou chamar o cachorro de volta, sem sucesso. Ela era uma senhora de seus sessenta e poucos anos, com os cabelos curtos e brancos cortados como se tivesse levado uma foto da Glória Menezes ao cabeleireiro. Seu rosto era magro e ela, assim como dona Mariana, desprendia um cheiro de comida de todas as partes do seu corpo, denunciando que também estava atarefada nos preparativos de sua ceia de Natal.

Dona Mariana olhou da porta da cozinha e acenou para a outra mulher. As duas eram amigas desde o primeiro dia em que Danilo e sua mãe haviam se mudado para aquela casa, após o divórcio, e Pingo era o único animal que Mariana tolerava dentro de sua casa.

— Mariana, minha filha, como está? — as duas trocaram um abraço e um beijo enquanto Danilo colocava Pingo no colo, fazendo carinho atrás de uma das orelhas dele. O cachorro, se é que isso fosse possível, ronronou. Ou fez um barulho de prazer no fundo de sua garganta que se parecia muito com o ronronar de um gato. — Olá, Danilo!

— Mas que surpresa boa! — Mariana, mesmo atarefada, sempre dava atenção para a vizinha. — Feliz Natal! Quer um cafezinho?

— Oh, não, minha filha, não quero tomar muito do seu tempo. Na verdade, queria pedir um favor para você, se não for abusar muito da sua boa vontade logo na véspera de Natal. Preciso de alguém que possa ficar com o Pingo por algumas horas.

Mariana sorriu, encabulada. Ela gostava de dona Marilene, mas o seu peru de Natal era muito importante para que pudesse se distrair com os cuidados do cachorro da vizinha.

— O que aconteceu? — perguntou.

Danilo percebia a cabeça de sua mãe trabalhando para encontrar qualquer desculpa que pudesse livrá-la daquela obrigação não programada.

— Tenho que ir ao aeroporto buscar meu irmão, e não encontrei nenhum táxi que permita o transporte de animais. Quase não consegui táxi, para falar a verdade! E não gosto de deixar o Pinguinho sozinho durante tanto tempo. — Ela olhou para a amiga, que secava o suor dos lados da cabeça com os pulsos, e acrescentou: — Sei que está todo mundo ocupado, mas juro que volto antes das três.

Mariana olhou para Danilo, os olhos suplicantes para que o garoto dissesse alguma coisa que a livrasse daquela tarefa.

— Eu posso tomar conta dele, dona Marilene — Danilo respondeu, colocando o cachorro de volta no chão, que continuou entrelaçado nas pernas dele.

Não seria uma tarefa difícil. Danilo já tinha ficado com Pingo antes e ele sempre havia sido um cachorro bonzinho. Quase nunca latia e, quando precisava fazer xixi, sempre rodava como um pião e lambia Danilo até que ele o levasse para o lado de fora. Era um animalzinho bem educado, e talvez pudesse até mesmo ser uma boa companhia naquele dia entediante.

— Oh, obrigado, Danilo! — dona Marilene o envolveu em um abraço e ele sentiu cheiro de alho e cebola refogados em seu cabelo curto. Ela enfiou a mão no bolso de trás de sua calça e puxou uma coleira vermelha e fina. — Se puder levá-lo para passear, eu ficaria muito agradecida. Não tive tempo nem para isso hoje!

— Sem problemas — Danilo respondeu, sorrindo. Era véspera de Natal, e uma boa ação era o mínimo que ele poderia fazer para alguém que ajudou a sua mãe no momento em que ela mais precisou de uma amiga.

— Tem certeza que não quer um café, dona Marilene? — Mariana perguntou enquanto a mulher ia em direção à porta.

— Tenho, minha filha! Ainda tenho que terminar de fazer a ceia de mais tarde. Somos só eu e meu irmão agora, faz tempo que não o vejo e inventei de comprar um peru! Eu não tenho a mínima ideia de como fazer um peru, e isso está me deixando doida!

Dona Mariana deu um sorrisinho de canto de boca.

— Acho que posso ajudar.

Enquanto sua mãe passava as instruções para que dona Marilene fizesse o melhor peru de Natal que já havia comido, Danilo mudou para um canal onde passava *Esqueceram de Mim*.

Quando mais novo, ele fantasiava ser Kevin McCallister e elaborava planos infalíveis para vencer bandidos que quisessem invadir sua casa quando estivesse sozinho. Não que isso tivesse acontecido alguma vez, mas sempre era gostoso lembrar de quando sua única preocupação era com ladrões imaginários.

Distraiu-se do filme e olhou para o celular enquanto acariciava Pingo, que se mantinha quieto em seu colo. Sabia que a manhã da véspera de Natal não era exatamente o dia mais movimentado das redes sociais, e que só à noite veria as fotos das famílias de seus amigos, das mesas de Natal, dos vídeos inúteis com dancinhas e trocas de presentes que, em vinte e quatro horas, sumiriam para sempre da vida de todos.

Sem nem perceber, entrou no perfil de Vinícius. Ele era a primeira pessoa na busca rápida da maior parte de suas redes sociais, mas, todas as vezes em que olhava para os perfis dele, encarava as mesmas fotos e os mesmos compartilhamentos de sempre.

Mas, dessa vez, havia uma atualização.

Não era algo muito claro nem chamava muita atenção. De tão pouco que Vinícius utilizava as redes, suas postagens tinham no máximo quatro ou cinco curtidas. Era apenas uma frase na linha do tempo, postada há uma hora e meia.

Há cinco anos, o Natal parou de fazer qualquer sentido para mim.

Simplesmente isso. Havia um tom de desabafo, mas Danilo não conseguia entender o que Vinícius queria dizer. Abriu a parte dos comentários, mas ninguém havia se dado ao trabalho de perguntar o significado daquela declaração. Frases pequenas passam batidas nas linhas do tempo, e Vinícius talvez soubesse disso quando a postou. Talvez quisesse falar alguma coisa, mas ao mesmo tempo não quisesse que ninguém lhe pedisse explicações.

Danilo bloqueou a tela do telefone e se concentrou em Kevin McCallister jogando detergente e tachinhas no chão, mas sua cabeça ainda se perguntava que mistérios envolviam o Natal daquele garoto que morava na frente da sua casa.

— Mãe, vou levar o Pingo lá fora! — Danilo falou duas horas depois, largando sua edição de *Um Conto de Natal* antes de Scrooge encontrar o primeiro dos três fantasmas.

Pegou a coleira do West Terrier, firmou-a no corpo pequeno do cachorro, evitando as lambidas animadas dele, e levou-o para o lado de fora. Só daria três voltas dentro da vila, o que significava que não estava nem aí se ainda vestia uma camisa furada e uma bermuda de moletom com mancha de café em uma das pernas.

Danilo não era exatamente o tipo que gostava de sair. Por sorte não era uma dessas pessoas pálidas que ouvem a todo o momento “você passa tanto tempo dentro de casa que está ficando transparente!”, mas as olheiras abaixo de seus olhos eram uma indicação mais do que eficiente de suas maratonas de séries e noites viradas jogando PlayStation.

Ele se via como mais um garoto na multidão. Enquanto andava com Pingo, se pegou pensando se seria alguma pessoa relevante ao longo da vida, ou se seria apenas aquele cara que aparece no fundo da foto e que ninguém lembra muito bem quem é ou o que estava fazendo ali. Se perguntava, com mais frequência do que achava normal, qual era o seu objetivo na vida. Nunca compartilhava esses pensamentos porque não queria que as pessoas o encarassem como o cara paranoico que vai terminar seus dias pensando tanto no que fazer da vida que efetivamente não vai fazer nada. Mas se questionava, sempre se questionava.

Pensava em objetivos, em sonhos, em planos. O que será que deveria fazer, ainda mais agora, quando o vestibular estava socando sua porta e obrigando-o a escolher uma carreira? Danilo odiava essa palavra: CARREIRA. Um peso tão grande para alguém que não decidia sequer se queria sorvete de creme ou de flocos, que ficava doido quando olhava para uma seção de camisas com estampas legais e só tinha dinheiro para comprar uma, que não tinha coragem sequer para, sei lá, pular de paraquedas ou fazer uma trilha ou falar com um garoto. Como poderia pensar em uma CARREIRA quando, até duas semanas atrás, sua maior preocupação era memorizar a estrutura de uma célula ou responder se a oração abaixo era coordenada ou subordinada?

Também se pegava pensando em como seria seu futuro. Danilo nunca havia sido do tipo que escondia das pessoas que gostava de outros garotos – seus gostos, seu jeito de falar, sua forma de se expressar e se vestir, tudo convergia para a conclusão óbvia –, mas ele ainda não tinha tido A CONVERSA. Sabe, aquela coisa estúpida onde você tem que fazer uma declaração formal para o mundo sobre a sua sexualidade, como se só assim as pessoas pudessem parar de especular sobre a sua vida e arranjar alguma coisa melhor para fazer. Ele tinha certeza de que sua mãe

encararia bem o fato, e que talvez sua tia Flávia fizesse piadas e sua tia Eduarda começasse a ligar para sua mãe oferecendo tratamentos de cura ministrados pela igreja. Danilo tentava não se importar, mas o peso de como o mundo o encararia às vezes o fazia passar noites acordado, pensando em cenários catastróficos onde sua mãe o expulsava de casa, sua avó dizia que ele era uma vergonha e seus amigos – que também sabiam analisar sinais óbvios, mas que ainda não haviam sido chamados para A CONVERSA – fingiriam que ele não existia. E ele nunca conseguiria arranjar um emprego, e um fundamentalista seria presidente do país e promoveria uma caçada a garotos que gostam de garotos e ele acabaria seus dias encolhido embaixo de uma ponte, mendigando em troca de um prato de comida.

— Au!

O latido de Pingo o fez olhar para baixo. Danilo balançou a cabeça a tempo de ver as patinhas traseiras do cachorro de dona Marilene se arrastarem para trás, tentando sem sucesso enterrar o conteúdo que anteriormente estava passando por seu trato digestivo.

Danilo tateou os bolsos em busca de um saco plástico, mas não encontrou nenhum. Pingo o encarava, esperando que ele fizesse o que sempre faziam depois que deixava um de seus preciosos montinhos amarronzados para trás, mas Danilo o puxou. Correria em casa e pegaria um saco plástico antes que qualquer um pudesse pisar ali.

— Sabe, não é muito educado deixar fezes de cachorro por aí — ouviu uma voz às suas costas.

Danilo pensou em ir embora sem olhar para trás e ignorar o comentário, mas se obrigou a olhar para trás.

Era Vinícius.

Meu Deus, como ele era bonito! Danilo não se importava que os braços e antebraços de Vinícius tivessem a mesma largura, nem que seu cabelo fosse uma bagunça loira e selvagem de um garoto que devia ter decidido virar

metaleiro mas que, no momento, parecia mais um surfista desleixado, ou que o aparelho nos dentes com elásticos verdes fossem esquisitos e fizessem parecer que ele tinha mastigado musgo. Tudo o que Danilo conseguia ver eram os olhos que se espremiam quando Vinícius sorria – mesmo que, naquele momento, o sorriso fosse de pura ironia –, o nariz que tinha a ponta levemente arrebitada e a barba loira que crescia em volta de seu rosto, dando ao garoto o ar de alguém que tinha muito mais do que seus prováveis dezessete ou dezoito anos.

— É, eu... É... — foi tudo o que Danilo conseguiu articular. Queria perguntar porque não haviam luzes de Natal na casa dele, porque em oito anos em que moravam ali e estudavam na mesma escola os dois nunca trocaram nada além daqueles acenos esquisitos de cabeça, porque havia escrito aquela frase no Facebook, porque não cortava o cabelo, pelo amor de Deus, estava fazendo duzentos graus! — Desculpa, eu... esqueci da sacola plástica.

Vinícius pulou o amontoado de fezes com um passo mais largo do que o necessário, claramente fazendo uma cena. Danilo continuou falando:

— Eu já... já ia buscar um saco e... pegar, sabe. Odeio quando deixam cocô pela rua.

Odeio quando deixam cocô pela rua. MEU DEUS, QUEM FALA ISSO?!

— É, eu também não sou o maior fã.

— Será que você... é... não, esquece.

— Será que eu o quê?

Pelo amor de Deus, Danilo. PARA. DE. FALAR.

— Será que você pode ficar aqui enquanto eu vou lá em casa pegar um saco plástico?

— Tipo, o guardião do cocô?

Aquela conversa estava indo ladeira abaixo. Danilo estava com as orelhas vermelhas, as axilas transpirando e tinha certeza de que as dobras da sua bunda estavam tão suadas que provavelmente a bermuda de moletom tinha

absorvido uma quantidade suficiente para fazer parecer que ele havia se mijado.

— É.

Vinícius sorriu mais uma vez, mas dessa vez era um sorriso espontâneo, que fez seus olhos ficarem tão pequenos que quase se fecharam.

Danilo queria tirar uma foto daquele momento só para poder lamber a imagem todos os dias assim que acordasse.

— Volto em um minuto — Danilo puxou Pingo, andando para trás sem se virar, com medo de que Vinícius visse as marcas de suor que escorriam por trás de suas pernas. A coleira se enroscou em suas pernas e ele quase caiu em cima da pequena bola de pelos, que balançava o rabo feliz no seu momento pós-evacuação.

— Não vou sair daqui! — Vinícius disse, colocando as mãos nas costas e afastando as pernas, como um segurança na porta de uma boate.

Quando estava em uma distância que considerou razoável, Danilo deu as costas e puxou Pingo pela coleira. O cachorro olhava para toda a cena com o interesse de um antropólogo que não entende muito bem interações entre seres tão esquisitos quanto humanos.

Que conversa havia sido aquela? *GUARDIÃO DO COCÔ?* Se Danilo pudesse, se trancaria em casa e nunca mais voltaria a pisar na rua. Tinha Netflix, tinha o PlayStation, tinha Wi-Fi e sua mãe ia ao mercado duas vezes por semana. É, parecia uma boa ideia. Fazer educação à distância, trabalhar com qualquer coisa em esquema de home office, fazer encomendas de pijamas e cuecas pelo Mercado Livre e pronto, nunca mais precisaria sair de casa até Vinícius se mudar ou, sei lá, morrer. Se até cinco minutos atrás não tinha um plano para o futuro, aquela conversa havia sido o incentivo que precisava para se tornar um ermitão.

Entrou em casa como um foguete, placas vermelhas de estresse aparecendo ao longo dos seus braços e do seu

pescoço, e foi direto para a cozinha, mortificado. Sua mãe terminava de rechear o peru com a farofa de miúdos e olhou para o filho como se ele fosse uma bomba prestes a explodir e sujar todas as paredes da casa.

— Saco plástico... Pingo, preciso lá... — ele balbuciou.

— Você está tendo um derrame? — sua mãe perguntou.

Danilo balançou a cabeça, colocando os pensamentos no lugar.

— O Pingo fez cocô e eu esqueci de levar um saco plástico. Preciso pegar antes que alguém, sabe... pise em cima.

— Ah, sim — sua mãe respondeu calmamente, pegando um saco plástico de um puxador na parede e entregando para ele. — Não precisa ficar estressado, Danilo. Não é como se as pessoas praticassem maratonas nas calçadas dessa vila.

Danilo nem respondeu. Correu para o lado de fora, arrastando o cachorro e rezando para todos os deuses que conhecia para que Vinícius não estivesse levando a sério o papel de guardião do cocô e já tivesse ido embora.

Mas é claro que, assim que saiu do portão da sua casa, o viu parado ali, ainda com as mãos nas costas, ainda com as pernas afastadas umas das outras, exatamente em cima do cocô do Pingo.

— Nossa, você foi rápido — ele disse, dando outro passo exagerado para frente e colocando as mãos nos bolsos. — Esse foi o trabalho mais fácil do ano.

Danilo manteve a cabeça baixa. Agachou-se e recolheu as fezes de Pingo, que latiu animadamente em sua coleira, a língua para fora como se achasse toda aquela situação hilária.

— Foi mal por isso — Danilo respondeu, sem graça, sabendo que agora seria conhecido eternamente como o-garoto-do-cocô-da-vila.

— Relaxa — Vinícius respondeu, sorrindo. — Eu só estava te sacaneando.

— Percebi.

— Então, é... a gente se vê por aí.

— É, a gente se vê por aí.

Vinícius passou por Danilo e começou a andar em direção à sua casa.

— Ah! Feliz Natal! — Danilo acrescentou.

Vinícius olhou para trás e sorriu, mas Danilo percebeu que era apenas por educação.

Depois continuou seu caminho, sem respondê-lo.

As nuvens ficavam carregadas à medida que a tarde passava. Danilo havia chegado na metade do livro, Pingo estava dormindo em um canto da sala e dona Mariana tomava banho, se preparando para a missa das sete da noite. Com o horário de verão, o céu ainda estava claro, fazendo descer a noite de um jeito tão devagar que ela parecia não querer ir embora.

Os olhos de Danilo estavam pesados. As palavras do livro começavam a se embaralhar e o barulho da TV, ligada em um canal qualquer de música, havia se tornado ruído branco. Dona Mariana saiu do banheiro e olhou para o filho, que lutava contra o sono, estirado no tapete da sala.

— Vai pra cama, Danilo — ela pediu, enrolada na toalha.

— Não. Aqui está... bom — ele respondeu, aéreo.

— Faz um mês que não passo aspirador nesse tapete, mas a escolha é toda sua. Só não me vai dormir e perder a hora do jantar!

— Uhum... Só cinco... — um longo bocejo, que fez Pingo levantar a cabeça para encará-lo — ... minutos.

Danilo só acordou porque um trovão ecoou por toda a vizinhança.

Inspirou profundamente, ainda grogue e um tanto assustado. A sala estava escura, como se a noite já tivesse caído, o que o deixou ainda mais confuso por alguns segundos. Deviam ser sete horas. Sete e quinze, no máximo.

Esticou a mão e alcançou o celular que estava embaixo do sofá. Olhou para o relógio e viu que já eram nove da noite.

Puta merda.

Levantou-se, abrindo a cortina da sala e encarando o céu, que havia mudado drasticamente de cor. Se durante a manhã os pássaros cantavam como em um filme da Disney e o sol brilhava como se aquele fosse um daqueles dias perfeitos para a praia, agora ele havia sido substituído por uma massa arroxeada de nuvens que deixavam cair gotas grossas e frias de chuva.

O vento balançava os topos das árvores da vila, arrancando folhas que se esparramavam pelo córrego que havia se formado no meio da rua, misturando-se ao lixo que entupia os bueiros e dificultava ainda mais que a água escoasse.

Um lampejo iluminou o rosto de Danilo, seguido de outro trovão que estourou no céu, dessa vez mais alto, fazendo o garoto dar um pulo e se afastar da janela em um ato reflexo. Pingo, que estava deitado em um canto da sala, acordou e começou a latir, e Danilo se perguntou o que o cachorro da vizinha ainda estava fazendo em sua casa. Dona Marilene não iria buscá-lo às três?. Ao mesmo tempo, ouviu o barulho de alguma explosão que vinha de muito perto e deixou seus ouvidos zunindo. Arregalou os olhos quando

dois carros da rua tiveram seus alarmes acionados e as janelas tremeram.

Imediatamente, a luz da vila apagou e o ventilador de teto da sua sala parou de girar. Ainda com as cortinas abertas, Danilo viu as silhuetas das cabeças dos poucos vizinhos que estavam passando o Natal na vila enfiadas para o lado de fora, todos com as casas igualmente apagadas.

Abriu a janela e sentiu uma lufada de vento frio invadir a sala, e o barulho de alguma coisa faiscando o fez ter certeza de que, se olhasse para o poste onde o transformador ficava, ele estaria soltando fumaça.

Não deu outra. O raio havia caído diretamente na fonte de energia elétrica de toda a vila.

Pegou o celular apenas para confirmar que aquilo não era um pesadelo e que ele realmente só tinha meia hora para tomar banho, trocar de roupa, pegar um peru de dez quilos, um cachorro abandonado pela dona e enfrentar cinco quarteirões de ruas alagadas e sem luz para chegar na casa de sua avó – tudo isso antes que todos estivessem lá.

Tentou ligar para a mãe, para dona Marilene e para a casa da avó, mas só na terceira tentativa descobriu que seu telefone não tinha nenhum sinal. Tentou não se desesperar, mas já ouvia ecoar em seus ouvidos o imenso sermão que levaria de sua mãe. Sobre ser irresponsável. Sobre não ter respeito pelo trabalho dos outros. Sobre sua falta de consideração. *Se estivesse na Igreja, nada disso teria acontecido*.

Calma. Calma. Calma.

Tentou colocar os pensamentos no lugar e organizar sua mente para trabalhar a seu favor durante aquele período de crise. Primeiro, tomar banho. Depois, colocar uma bota, pegar as chaves da casa da avó, um guarda-chuva, Pingo e o peru de Natal. Por último, partir para aquela jornada doida.

Estava pronto em menos de quinze minutos e, apesar do banho gelado pela falta de chuveiro elétrico, estava

suado e ofegante. Não tinha problema. Iria se molhar na chuva. Ninguém perceberia.

Pegou Pingo e encaixou-o embaixo de um dos braços – o cachorro fez festa e se contorceu, mas por sorte não o bastante para cair no chão em um duplo carpado – e tentou equilibrar o gigantesco peru com a outra mão. As chaves da avó já estavam no bolso, a porta da casa já estava aberta e ele não tinha uma terceira mão para o guarda-chuva.

Que se dane, iria na chuva mesmo. Sua mãe disse que ele tinha que levar o peru para a casa da sua avó. Nunca disse que ele não poderia servi-lo ensopado.

Quando fechou a porta de casa e olhou para o lado de fora, teve vontade de jogar o peru para o alto e chorar. Não havia nenhuma possibilidade de sair de casa com aquela tempestade. *Nenhuma. Possibilidade.* A água já estava na altura da sua panturrilha, e chovia tão forte que, caso conseguisse sair, ele, o peru de Natal e Pingo pareceriam ter saído de um lava jato.

Pensou em dar meia volta e encarar as consequências – não haveria peru nem Danilo durante aquele Natal, paciência, vida que segue – quando enxergou o que, naquele momento, parecia ser a única salvação da sua breve vida.

— EI! VINÍCIUS! VINÍCIUS! EEEEEEEI! — gritou a plenos pulmões para o outro lado da rua, encarando o carro estacionado com duas rodas em cima do meio fio e outras duas afundadas dentro do pequeno riacho que havia se formado dentro da vila.

As janelas do carro estavam levantadas, mas a luz interna estava acesa, e Danilo conseguiu ver a silhueta dos cabelos desgrenhados de Vinícius ali dentro. Ele sabia que o garoto tinha um carro – já o tinha visto entrar e sair da vila algumas vezes –, mas sua cabeça estava tão acelerada pensando em formas de não ser assassinado por sua mãe que sequer se questionou sobre os motivos que levavam o

vizinho a estar dentro de um carro fechado, do lado de fora, em meio a uma tempestade na véspera de Natal.

Vinícius girou a janela manual para baixo e encarou Danilo.

— DANILO? O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

— EU PRECISO DE UMA CARONA! — o garoto respondeu aos berros. — É URGENTE!

Vinícius também ficou tão perplexo com a cena que viu – um garoto, um cachorro e um peru de Natal em meio a uma tempestade – que nem se questionou sobre o que estava acontecendo. Simplesmente sinalizou para que Danilo atravessasse a rua, abrindo a porta do carona.

Com um agradecimento silencioso aos céus, Danilo correu, enfiando os pés dentro da água gelada enquanto Pingo latia e se contorcia, reclamando por conta do banho não autorizado. Com dificuldade, o garoto conseguiu dar passos largos e entrou no carro, ofegante e ensopado. Largou Pingo no banco de trás junto ao peru, torcendo para que o tempero de sua mãe não tivesse escorrido pela rua junto com toda a sua dignidade.

— Eu tenho muitas perguntas, mas você parece desesperado, então só preciso saber como posso te ajudar — Vinícius disse, apagando a luz interna do carro, mas não a tempo o suficiente para que Danilo não pudesse ver que as bochechas e o nariz dele estavam avermelhados e os olhos, inchados.

Vinícius fungou, limpando os cantos dos olhos.

— Eu... — Danilo começou, mas por um momento não sabia o que dizer. E não tinha nada a ver com o fato de estar sentado em um carro fechado ao lado do vizinho por quem sempre teve uma *crush*. O problema era que Danilo parecia ter interrompido um momento que Vinícius precisava passar consigo mesmo. — Desculpa, eu não devia ter entrado assim correndo. Você está bem?

Vinícius tentou disfarçar o rosto inchado com um sorriso, mas não conseguiu.

— É só que... tempestades me deixam muito emocionado, sabe — ele disse com um tom irônico, tentando quebrar o gelo e ser bem-humorado. Danilo achou aquilo fofo. — Os raios e os trovões, o alagamento por causa do lixo, é tudo tão... poético.

Danilo riu.

— E o que você, um peru de Natal e um cachorro estão fazendo no meio dessa chuva? — ele perguntou, genuinamente curioso. — É tipo o começo de uma daquelas piadas de revistinha?

— Eu tenho que chegar na casa da minha avó em... — ele pegou o celular no bolso e olhou para as horas, mas, ao invés de xingar, reformulou a frase. — Eu *deveria* ter chegado na casa da minha avó há cinco minutos e ter entregado esse peru para a ceia. O cachorro é da vizinha e, por algum motivo, ela não passou lá em casa para pegá-lo, o que fez com que a minha soneca de meia hora se tornasse um sono completo de quase quatro horas, o que me impediu de chegar na casa da minha avó antes da tempestade e que, por consequência, me fez estar dentro do seu carro, o que provavelmente me fará ser assassinado pela minha própria progenitora.

Por que eu falo tanto quando estou nervoso?

— Tem quem chame isso de destino — Vinícius rebateu, o que deixou Danilo ainda mais sem graça.

— Ou só má sorte, no caso. E, então, será que você consegue me ajudar? A casa da minha avó fica a cinco quarteirões de distância.

— A rua parece o rio São Francisco, cara.

— Por favor, eu te imploro.

— O meu carro vai pifar no meio do caminho.

— Se ele quebrar, eu pago o conserto — Danilo não acrescentou que todo o seu dinheiro guardado se resumia a vinte e três reais e trinta e cinco centavos enfiados em um pote de maionese no fundo do seu armário. — Por favor.

Você não quer ser o responsável pela morte de um vizinho pelas mãos da própria mãe, não é?

Vinícius olhou para Danilo com os olhos semicerrados.

Por fim, deu um suspiro.

— Tudo bem — disse, ligando o motor. — Mas se o meu carro parar de funcionar, eu juro que—

— Seu carro não vai parar de funcionar!

O carro parou de funcionar trinta e oito segundos depois, antes que eles conseguissem chegar ao portão da vila.

— Eu te disse — Vinícius falou enquanto o limpador de para-brisas ia e voltava como um louco, deixando Danilo cada vez mais tonto.

— É isso. Sou um homem morto. E falido — Danilo escorregou pelo banco do carro, fazendo seus joelhos baterem no porta luvas, e fechou os olhos, suspirando.

— A propósito, o cachorro da sua vizinha está comendo o peru.

— O cachorro da vizinha... — Danilo abriu os olhos e se virou para trás a tempo de ver a cara de Pingo enfiada em uma suculenta coxa de peru, que ele arrancou sem muito esforço. O banco de trás do carro de Vinícius estava imundo de óleo, pedaços de carne e baba de cachorro. — Não! *Não, não, não, não, não*! — Danilo choramingou, fazendo Pingo se afastar da carne como se aquilo, de alguma maneira, pudesse reverter o estrago já feito.

Danilo desistiu, enquanto Pingo pulava no banco de trás ainda mastigando. O garoto colocou as mãos no rosto e escorregou-as para baixo, esticando as bolsas de seus olhos e seu lábio inferior.

— É isso. Eu oficialmente acabei com o Natal da família Cardoso. Serei um pária para toda a eternidade

porque não consegui levar uma droga de um peru para a casa da minha avó na hora certa.

— Você é bem dramático — Vinícius disse com uma nota de bom humor na voz. — Não é como se não tivesse mais comida lá.

— Você não entende o que esse peru significa para a minha mãe. Ela vai acabar comigo.

— Ela vai entender.

— Ela vai acabar comigo — ele repetiu. — Eu acabei com o Natal.

— Pensa pelo lado bom: pelo menos você ainda tem uma família que se junta para celebrar o Natal.

As palavras de Vinícius cortaram o ar como navalhas, fazendo o silêncio se instalar dentro do carro. O barulho das gotas de chuva batendo contra a lataria do motor se tornaram ensurdecedores.

— Desculpa, eu não... — Danilo começou a dizer.

— Tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Desculpa — Danilo encarou Vinícius, tentando ver a expressão dos olhos dele dentro daquele carro escuro. Vinícius sorriu de volta. — Eu meio que reparei que a sua casa é a única que não tem decoração de natal. Pensei que você fosse judeu ou alguma coisa assim, mas aí vi sua postagem no Facebook e...

— Não sabia que a gente era amigo no Facebook.

— A gente não é — Danilo se ajeitou no banco do carona para que não parecesse ainda mais esquisito. — Foi mal. Alerta de *stalker*.

— Vantagens do século vinte e um.

Os dois ficaram em silêncio. Danilo não sabia o que dizer.

Por fim, Vinícius quebrou o gelo.

— Foi a minha madrinha — ele contou.

— Você não precisa...

— É uma história bem simples, na verdade. Mais uma entre tantas por aí — Vinícius continuou como se não tivesse

sido interrompido. Como se de fato quisesse compartilhar aquela história. — Minha mãe queria ficar em casa no Natal, mas eu insisti para a gente ir ver a árvore na Lagoa. Minha madrinha estava aqui para comer com a gente, porque ela nunca quis ter filhos e tal. E aí, depois de muita insistência minha, a gente finalmente entrou no carro. O problema todo foi parar no sinal em uma noite carioca com as janelas abertas, sabe? — Danilo engoliu em seco enquanto Vinícius pigarreou, tentando mascarar o tom de voz embargado. — Eu fiquei sem reação quando uma moto parou do nosso lado e o cara apontou a arma para a minha madrinha, mas ela tentou reagir, e aí uma coisa levou a outra e hoje ela é mais uma estatística de um crime sem solução.

— Desculpa, eu não... sabia — Danilo se sentiu idiota por dizer que o Natal havia acabado para ele por conta de uma coisa tão pequena quanto uma janta sem um peru cheio de baba de cachorro. Haviam problemas maiores no mundo, e alguns estavam bem ali, ao lado dele, e ele ainda assim não era capaz de enxergá-los.

— Não tem problema — Vinícius deu de ombros. — Só não é uma boa época para mim, porque eu sempre amei o Natal e, agora, é só um monte de memória ruim que eu e minha mãe ficamos remoendo.

— Onde ela está? Sua mãe, quero dizer.

— Na Igreja. Ela já devia ter voltado, mas deve estar lá, esperando a chuva passar. Eu não gosto muito de igrejas.

— Nem eu.

— Já temos duas coisas em comum: desgosto pelas instituições religiosas e natais despedaçados.

— Três, se a gente contar que também gostou do filme novo do Thor! — Danilo sentiu as palavras escaparem antes que pudesse segurá-las. Vinícius olhou para ele com o cenho franzido e o garoto se apressou a complementar: — Desculpa, você posta tão pouco no Facebook que, quando você faz um check-in, ele meio que se destaca na minha linha do tempo.

— Alerta de *stalker*.

— Vantagens do século vinte e um — Danilo respondeu, sorrindo sem jeito.

Os dois ficaram em silêncio mais uma vez. Pingo ressonava baixando, caindo em um sono profundo depois de uma excelente refeição.

A escuridão era confortável quando esses silêncios se instalavam.

— Tem esse cara que eu conheço que também odiava o Natal — Danilo comentou. — Depois que a mulher dele o largou, sabe. Ele envelheceu cada vez mais amargurado e só queria saber de trabalhar. Aí o sócio dele morreu, mas esse cara continuou trabalhando mesmo assim, só que agora sozinho. Um dia, um dos empregados dele pergunta se não quer doar um pouco do dinheiro para as comemorações dos pobres, e o cara fala que não vai dar dinheiro para vagabundos.

— E aí três espíritos aparecem, mostrando para ele o passado, o presente e o futuro. E no futuro ele está morto e ninguém se importa, então ele resolve mudar de atitude. *Um Conto de Natal*, não é? — Vinícius sorriu. — Um clássico.

— É o meu favorito — Danilo emendou, sentindo o coração acelerar. — Eu sempre fico meio desesperado no final do ano. Sabe, pensando sobre o futuro e sobre como não tenho a mínima ideia do que vai acontecer. Aí eu penso nessa história e em como ser uma boa pessoa pode fazer com que tudo seja melhor.

— Você já se decidiu? — Vinícius perguntou. — Sobre o futuro?

— Não consigo decidir nem o filme que vou assistir quando ligo a Netflix, quanto mais o meu futuro. E você?

Vinícius deu de ombros.

— Acho que vou terminar enfurnado na casa da minha mãe para sempre, vivendo às custas dela. — Ele deu um sorriso melancólico. — Não passei no vestibular esse ano.

— Que droga. Mas já sabe o que quer fazer da vida?

— E alguém sabe? Mas vou tentar psicologia. Quero conseguir ajudar as pessoas do mesmo jeito que o meu psicólogo me ajuda.

— Você não tem cara de alguém que faz terapia.

Vinícius riu.

— Como assim? Eu acabei de te contar uma história trágica!

Danilo se sentiu constrangido, mas a voz de Vinícius parecia divertida.

— É, isso foi meio insensível da minha parte. — Danilo respondeu. — O que eu quero dizer é que... você sempre anda com os garotos legais da escola, e tem esse cabelo, e seu rosto não tem nenhuma espinha e...

— Isso é a sua maneira de dizer que me acha bonito?

Danilo deu graças aos céus pela vila estar completamente escura e pela luz interna do carro estar apagada. Do contrário, Vinícius seria capaz de enxergar a vermelhidão das suas orelhas e bochechas.

— É — foi tudo o que conseguiu sair da boca de Danilo. — Desculpa, isso foi... sei lá, inapropriado?

— Você não está me vendo reclamar, está?

Danilo ficou, se é que isso fosse possível, ainda mais vermelho. Sentiu o suor se misturar à água da chuva que escorria pela sua nuca, quente como se estivesse dentro de uma chaleira fumegante.

— Meu psicólogo me ajudou quando as coisas estavam confusas na minha cabeça. Ele meio que me fez entender que eu não estava passando por uma fase ou nada do tipo quando falei que gostava tanto de garotas quanto de garotos. Nem eu entendia muito bem o que estava acontecendo e ele abriu as portas de um universo novo, que eu ainda estou conhecendo. Então, é, para resumir: psicologia.

Parecia que um macaquinho estava tocando címbalos na cabeça de Danilo quando ouviu o trecho “gostava tanto de garotas quanto de garotos”. Depois disso, todas as outras

palavras que saíam da boca de Vinícius se misturaram como uma daquelas gelatinas multicoloridas.

— Então quer dizer que você... que, hm... que você é...

— Bissexual. Sim.

Na cabeça de Danilo, fogos de artifício estouraram, as crianças correram para as ruas e fizeram a *ola*, os adultos brindaram e beberam até que a música começasse e todos dançassem durante toda a madrugada.

Mas tudo o que ele disse foi um constrangido:

— Legal. Eu sou meio que... gay.

— Você é totalmente gay — Vinícius o corrigiu. — E isso é maravilhoso. Eu talvez não tenha outra oportunidade de te dizer isso, mas, já que estamos aqui e você é só levemente *stalker* e não um cara babaca, lá vai: eu sempre te achei muito corajoso por não estar nem aí para os outros. Tipo, eu sei que não deve ser fácil, mas você sempre pareceu muito firme usando suas roupas coloridas e aquela mochila da Polly que você usou durante uma semana só para provar que podia. Isso é incrível.

— Obrigado — Danilo respondeu, sem jeito. — Dizem que a gente só dá poder para comentários maldosos quando reconhece que eles podem nos afetar. Eu tenho problemas maiores do que me preocupar com o que gritam ou deixam de gritar pelos corredores.

— E isso tudo sem nunca ter ido a um psicólogo.

— É. Mas a mochila da Polly era da minha prima. Eu tive que usar porque a minha rasgou e eu não tive tempo de comprar outra. Era isso ou sacolas de supermercado.

— Prefiro continuar acreditando que foi um gesto político. Assim você não perde o charme.

Dessa vez o silêncio não se instalou entre os dois, porque Vinícius logo tratou de complementar:

— E você? O que vai fazer da vida?

— Ainda não sei. Tenho o ano que vem inteiro para descobrir.

— Eu posso te ajudar, se você quiser.

— Já quer começar a exercer a profissão antes de se formar? Dizem que isso é crime.

— Estava pensando mais como um... — Vinícius parou, olhando para cima e pensando na palavra adequada.

— Amigo? — Danilo tentou.

— Parceiro — Vinícius o corrigiu.

Os dois olharam um para o outro em meio à noite penumbrosa.

E sorriram.

— Olha só — Danilo desviou o olhar e abriu a janela do carona, olhando para cima. — A chuva está passando.

— Até que enfim — Vinícius respondeu. — Será que o carro pega agora que a água está baixando?

Vinícius girou a chave e, para sua surpresa, o motor pegou logo na primeira tentativa.

— Ufa! — o alívio veio de Danilo. — Ainda bem que está funcionando!

— Você não tinha dinheiro para o conserto, não é?

— Nem um real.

Enquanto Vinícius ria, o bolso de Danilo começou a vibrar. O toque do telefone ecoou por todo o carro, fazendo Pingo dar um latido sobressaltado.

— Merda, é a minha mãe — Danilo disse, pegando o telefone e olhando para o identificador de chamadas. — Ela vai acabar comigo. Você quer ouvir a minha humilhação?

— A decisão é sua.

Danilo deslizou o dedo para atender a ligação e colocou o telefone em viva-voz.

— *DANILO GOUVEIA CARDOSO, ONDE FOI QUE VOCÊ SE METEU?*

— Mãe! Alô? Você está me ouvindo?

— *CADÊ VOCÊ, DANILO? O QUE ACONTECEU?*

— Eu fiquei ilhado em casa por causa da chuva, mãe! Estou esperando passar!

— *EU LIGUEI PARA CASA E O TELEFONE ESTAVA DESLIGADO!*

— A vila está sem luz, mãe! Por favor, você pode... se acalmar?

— *NÃO PEÇA PRA EU ME ACALMAR! EU PENSEI QUE VOCÊ TIVESSE MORRIDO NO MEIO DESSA CHUVA, DANILO!*

— Eu estou bem, mãe — Danilo parecia sem graça. — Mas eu tenho uma má notícia. Sobre o peru...

— *DANE-SE O PERU, EU QUERO SABER SE VOCÊ ESTÁ BEM!*

— Estou! Caramba, mãe, fala mais baixo!

— *Desculpa, filho* — finalmente a dona Mariana enviada das profundezas do inferno foi substituída pela sua versão normal. — *Mas eu fiquei preocupada!*

— Não tem problema, mãe. Eu só vou esperar a água abaixar para ir para a casa da vovó. Eu até tentei sair daqui, mas foi um desastre. Sabe da dona Marilene? O Pingo ainda está aqui.

— *Ela e o irmão dela estão comigo. E a Bárbara, mãe do Vinícius, também está. Sabe quem é, não sabe? O vizinho da frente?* — Vinícius olhou para Danilo e fez uma expressão confusa, porque não tinha a mínima ideia de que sua mãe e dona Mariana se conheciam. — *Ela estava tentando sair da igreja e eu ofereci uma carona, mas no meio do caminho ficou tudo alagado e não teve como chegar na vila. Está todo mundo na casa da sua avó, esperando a chuva passar. A gente vai esperar para levar a dona Marilene e a dona Bárbara para a vila quando a água abaixar, e aí eu pego você e o peru e a gente pode jantar!*

— Mãe, sobre o peru... — Danilo respirou fundo — ... eu tenho uma coisa para te dizer.

— *O que foi, Danilo? Aconteceu alguma coisa?*

Era melhor arrancar o curativo de uma vez, então ele disse:

— Euestragueioperudenataldesculpa.

— *O QUÊ?*

Danilo fechou os olhos.

— Eu... estraguei o peru de Natal. Eu inventei de sair com ele na chuva para chegar na casa da avó a tempo e ele, enfim... o Pingo comeu um pedaço e ele já era.

O outro lado da linha ficou silencioso por alguns segundos.

— Por favor, mãe, não me mata!

Ela riu.

— *Eu quero que você me conte como você fez para sair com um cachorro e um peru no meio da chuva! Oh, meu querido, não se preocupe. Tem muita comida aqui e, para ser bem sincera, eu meio que ia deixar sua tia Cláudia se sair bem com o bacalhau dela esse ano. Eu bebi tanto vinho que nem sei se fiz o meu melhor trabalho.*

Danilo deu um suspiro aliviado.

— Desculpa, mãe.

— *Querido, você se enfiou no meio de uma tempestade só para tentar trazer um peru de Natal a tempo. Se isso não é espírito natalino, eu não sei mais o que pode ser. Estou vendo que a chuva deu uma diminuída, então você pode fazer um favor para mim? Vai lá na casa da dona Bárbara e avisa ao Vinícius que ela está com a gente? Ela não consegue ligar para o telefone de casa e o celular dele deve estar sem sinal. Só para o garoto não ficar preocupado.*

— Na verdade, mãe... eu acho que tive uma ideia melhor — Danilo disse, olhando da tela do telefone para Vinícius. — A dona Marilene está aí?

— *Está sim. No que você está pensando?*

— Deixa eu falar com ela.

— *Tudo bem.*

Danilo e Vinícius ouviram o barulho do telefone passando de mãos e logo ouviram a voz fraca e bondosa de dona Marilene.

— *Oi, meu filho, está tudo bem? O Pinguinho está bem?*

— Está tudo certo, dona Marilene. Deixa eu te fazer uma pergunta: você ainda guarda uma cópia da chave da

sua casa embaixo daquela orquídea?

Para terminar a história, o famoso peru de dona Mariana estava destruído. Não havia a menor dúvida quanto a isso.

Mas isso não impediu que o Natal fosse celebrado.

Danilo e Vinícius chegaram na casa de dona Maria da Graça Cardoso com o enorme peru de Natal preparado por dona Marilene – com a receita de Mariana, não nos esqueçamos –, além de uma travessa de bacalhau, outra de farofa e uma de arroz. O jantar que dona Marilene havia feito para ela e seu irmão daria perfeitamente para umas quatro pessoas.

Os dois depositaram as comidas sobre a mesa e Danilo agradeceu a sua mãe por impedir que dona Bárbara, dona Marilene e seu irmão fossem embora.

Dona Maria da Graça nunca pareceu tão radiante. Adorava a casa cheia, a cacofonia de pessoas falando umas sobre as outras, os netos e filhas parando para abraçá-la e as músicas de Natal que tocavam graças a seleção que Danilo havia feito de uma *playlist* com canções tradicionais. Ela conheceu Vinícius e trocou um aperto de mãos que logo se converteu em um abraço e um beijo em cada uma das bochechas.

Danilo apresentou Vinícius às tias e primos, e todos pareceram adorá-lo. As piadas das tias pareciam domadas nesse ano, já que a família tinha convidados.

Quando o relógio soou meia noite, dona Maria da Graça pediu silêncio para fazer uma oração. Agradeceu à mesa cheia, à família reunida e deu boas-vindas aos convidados, dizendo com bom humor que nunca perdoaria Mariana por não apresentá-la a dona Marilene, com quem passou boa parte da noite conversando sobre como aquele bairro era bom nos anos 1960, e se perguntando como, a

cinco quadras de distância e cinquenta anos morando no mesmo lugar, nunca tiveram a oportunidade de se conhecer.

Vinícius se sentou ao lado de Danilo na enorme mesa de jantar, e os dois sorriam um para o outro sempre que seus olhares se encontravam. Quando dona Maria da Graça pediu que alguém lhe passasse a travessa com o peru, os dois estenderam as mãos e seus dedos se encostaram. Como se levassem um choque, os dois retraíram as mãos, e depois tentaram pegar a travessa mais uma vez, e sorriram mais uma vez quando perceberam o que estavam fazendo. Cecília, uma das primas de Danilo, revirou os olhos e pegou a travessa, acabando com aquela dança complicada de mãos.

Pingo se aconchegou aos pés de Danilo, com a barriga tão estufada depois de devorar a coxa do peru que sequer balançava o rabo ao sentir o cheiro da comida, e todos finalmente começaram a encher os pratos. O peru feito por dona Marilene foi fatiado por dona Maria da Graça e distribuído, e, quando as pessoas começaram a colocá-lo na boca, todas as conversas cessaram.

Era o melhor peru que Danilo já havia comido na vida, e ele tinha certeza de que todos ali compartilhavam da mesma opinião.

Até mesmo dona Mariana, que comia de olhos fechados e sorria.

PLANOS PARA 2017

~~1. Pular de paraquedas~~

~~2. Fazer uma trilha~~

3. Juntar dinheiro para comprar um celular novo à vista √

4. Pelo menos uma vez por mês, visitar a vovó √

~~5. Adotar um cachorro ou um gato~~
6. Ter coragem para puxar assunto com o Vinícius √

Entremarés

Alliah

Quinta-feira, 28/12/2017. Niterói, Rio de Janeiro

A casa de Letícia é uma construção simples com um pequeno quintal cimentado, encaixada entre outras casas que se esmagam, desiguais como peças de um quebra-cabeça defeituoso. Estão todos reunidos na sala. Sete corpos espremidos entre o sofá, o chão e as paredes, em frente a um notebook equilibrado sobre uma pilha de livros, em cima de uma cadeira. A transmissão ao vivo através do canal de Youtube de Letícia roda sem problemas depois de alguns soluços da conexão. Faz vinte minutos que o grupo tenta iniciar a conversa de forma coerente.

— ...não é de se espantar a quantidade de lixo, mas ir de polímeros de ácido ribonucleico... — explica Nicolas, apenas para ser interrompida por Joana:

— RNA.

—...e poeira cometária até armadilhas de polietileno tereftalato... — continua ela.

— PET, tipo garrafa PET— interrompe Joana novamente, explicando.

—...e tumores termoplásticos não é exatamente um salto evolutivo que se encaixa na narrativa egocêntrica da espécie humana.

— Eu vou ter que ficar traduzindo assim o vídeo todo? — sussurra Joana.

— E da ideia de uma natureza incorruptível — Letícia entra na discussão.

— Você gabaritou todas as provas de química e física do último ano — comenta Téo, em um sussurro.

Nicolas volta a falar, aproveitando o gancho de Letícia:

— Sim, uma natureza incorruptível e exterior ao indivíduo, o que é uma noção absurda. Vocês humanos são tão…

Uma algazarra de latidos e um ruído agudo semelhante a estática de rádio irrompem no quintal, interferindo com a captação de áudio.

— Alguém separa esses dois, por favor? — pede Mariana, esfregando as têmporas.

— Deixa que eu resolvo isso — responde Rodrigo.

Ele exibe a metade de um pêssego e caminha em direção à porta enquanto Letícia retoma sua fala:

— Bem, voltando, tem um artigo sobre as propriedades do plástico sob as condições do capitalismo na era pós-moderna…

— Ai minha saculeta… — grunhe Téo, que nem uma morsa entediada.

Letícia se interrompe:

— Algum problema?

— *Vários* — responde o demimenino. — Daqui a pouco cês vão começar a filosofar sobre a ontologia petroquímica do extrativismo e até a internet vai se recusar a transmitir essa chatice, bora logo pro que interessa!

Nicolas revira os olhos.

— Pois saiba que o mercado de carbono…

Téo sacode os braços para o alto, exclamando:

— Sereios! Magias! Monstros!

Mariana segura os braços do amigo.

— Acho que o Téo tem razão.

— Talvez seja melhor recomeçar pela chegada na ilha — sugere Letícia.

Joana folheia seu bloquinho de notas e faz um sinal de concordância.

— Uhum, se a gente contar tudo fora de ordem, ninguém vai entender nada.

— Se alguém tiver assistindo a essa joça… — resmunga Téo.

— Vamos dia por dia — sugere Mariana.

Nicolas concorda, dando a discussão por encerrada.

— Certo. E depois eu posso explicar melhor o levante.

— E qual a importância de a gente deixar todo mundo preparado nos litorais — complementa Mariana.

Téo levanta e se posiciona em frente à câmera, quase tampando o resto do grupo. Joana olha para ele, confusa com a movimentação repentina.

— O que cêtáfazen…

Téo levanta a camisa para o público, orgulhoso:

— E vamos falar de como eu ainda tenho sete dentes de tubarão fusionados nas costelas!

Téo nunca foi muito chegado a usar palavras incomuns fora das redações ou das respostas enchedoras de linguiça nas provas de História e Filosofia, mas *fusionados* não foi uma escolha aleatória, levando em consideração o processo de transmogrificação interespécie pelo qual seu corpo passou. Apesar disso, ele descreve o evento de maneira oblíqua como a performance *drag king* mais animalesca que já fez – contando a vez em que se apresentou em uma competição amadora montado como um demônio emplumado de pele azul.

A competição aconteceu na semana anterior ao Natal de 2015. Téo ficou em penúltimo lugar, ganhando apenas de

uma menina que errou a primeira metade da música e gaguejou o resto com o rosto em tons cada vez mais intensos de vermelho. Depois do evento, Téo e Mariana engataram em uma festa ao ar livre em um campo ali perto. Os dois passaram a noite toda se beijando entre eles e com outras pessoas, ainda com as roupas e maquiagens da competição e bebendo uma vodka aguada barata que mais parecia Sprite sem gás.

Mariana usava uma peruca rosa que ia até a cintura, um arco com orelhas felpudas de gato, coberta de glitter até a medula da alma e só queria saber de aproveitar o fim de ano com o melhor amigo e esquecer das dores de cabeça escolares. Na última semana de aula, ela e Joana tinham sido pegas pela inspetora se beijando no banheiro feminino. Como já era o final do ano letivo, as duas não levaram nada além de um sermão, mas Mariana foi obrigada a ouvir novamente que não deveria usar o banheiro feminino, apenas um banheiro separado que ficava fora do prédio, do outro lado da quadra esportiva. A escola não sabia lidar com alunos trans e tentava se virar em soluções tortas conforme Mariana e Téo exigiam seus direitos. A cada ano que passava, os dois amigos se preparavam para mais uma novela de conflitos que nunca se resolviam.

O Natal de 2016 não foi menos memorável, com o transformador do poste de luz na rua de Téo explodindo por culpa do ninho de fios. O fogo se alastrou para a casa do vizinho e desesperou o quarteirão inteiro. Quando deu a hora da ceia, havia mais de trinta pessoas sentadas em cadeiras arrastadas para a calçada dividindo comidas e bebidas a uma distância segura, enquanto os bombeiros acabavam de apagar o incêndio. Teve rodadas de caipirinha distribuídas ao som de Anitta e Simone, e pão de alho feito em uma churrasqueira improvisada pelo senso de humor torto do vizinho que quase perdeu a casa e foi acolhido na ceia coletiva.

Os últimos anos haviam sido, de acordo com as palavras de Téo, uma estranha sequência desenfreada de agonias absurdas, ou *absurgonias*. Mas o Natal de 2017 seria diferente. Ou pelo menos era o que Rodrigo havia prometido. O irmão mais velho de Téo havia planejado a viagem de férias com medidas precisas de cuidado e várias doses de ansiedade.

Dentes de tubarão fusionados em costelas do irmão não estavam na lista de expectativas.

Quarta-feira, 20/12/2017. Ilha da Água Branca, Rio de Janeiro

Rodrigo olhava para o casarão de dois andares cravado na inclinação que desembocava em uma praia de areia perolada e pensava que tinha entrado em um conto de fadas. A construção decorada no exterior com pedras escuras era suspensa por colunas grossas e uma fundação que a enraizava segura no solo. O deque de madeira estendia-se espaçoso na frente da casa, com acesso por uma escada de cada lado, e uma passarela alcançava o mar nas duas vezes por dia em que a maré subia.

Téo saltou do barco com os cabelos compridos bagunçados pelo vento, descarregou as duas pequenas malas que trazia consigo aos pés de uma das colunas e foi explorar o espaço sob a casa, cheio de carcaças de barcos antigos, cordas e correntes grossas enroladas nas paredes e equipamentos de pesca que pareciam em desuso há gerações. Ele notou que havia um espaço cheio de água no fundo, inacessível a não ser que ele se enfiasse pelo amontoado de madeira, pedras e areia, e ficou de checar outro dia.

Joana e Mariana subiram as escadas carregando o resto das malas e amontoaram tudo ao lado da porta de entrada, incluindo uma pequena árvore de Natal artificial, com os enfeites já fixados e uma fina camada de neve falsa colada nas folhas de plástico, que Rodrigo tinha feito questão de trazer. Joana, de short jeans, camiseta e cabelos encaracolados desarrumados, se jogou em uma enorme cadeira reclinada de estofado mole. Mariana, de vestido florido e cabelos crespos arrumados em um afro puff no topo da cabeça, caiu na rede do outro lado da varanda.

A ilha de Água Branca, localizada no litoral de Angra dos Reis, a uma distância considerável do continente que a deixava isolada de todas as ilhas vizinhas, era pequena o suficiente para que uma pessoa com fôlego e disposição pudesse completar sua circunferência a pé em um dia. De terreno pouco acidentado e baixa altitude, era coberta por mata densa e margeada por estreitos de praia, com braços de areia surgindo por entre trechos de terra e cascalho.

Rodrigo viu a picape de Jonas se aproximando pela estrada de solo batido que cortava a ilha de ponta a ponta. Enquanto os adolescentes descansavam, ele foi falar com o dono da casa.

Jonas era um homem negro, alto, com a cabeça raspada e um sorriso de dentes muito brancos e geométricos que brilhavam. Ele tinha a barba em degradê num corte impecável, um relógio de pulso de ouro que parecia valer o preço da ilha inteira, e ainda por cima era cheiroso. Rodrigo se sentiu meio mal-acabado perto de Jonas, com a camisa amassada e o pescoço pontilhado de irritações. Mas ele sempre se sentia meio mal-acabado perto de pessoas endinheiradas.

Graças ao trabalho com um estúdio alemão de jogos que ganhou uma pilha de prêmios com seu último lançamento, Rodrigo tinha embolsado uma quantia de dinheiro tão alienígena a sua realidade que a primeira coisa que fez quando viu os dígitos em sua conta bancária foi

passar a madrugada inteira chorando sozinho na cama. Recuperado da ressaca emocional na manhã seguinte, Rodrigo traçou uma série de objetivos. Enviar a mãe para passar o mês em um hotel fazenda que ela namorava de longe, incomunicável aos parentes que sugavam toda a energia dela sem ter noção do quanto eram inconvenientes, e pagar pela viagem de férias que o irmão nunca teve já era um começo.

Jonas tagarelava animado sobre as belezas da ilha e da casa, comentando o quanto foi difícil conseguir alugar o espaço. Eles eram os primeiros.

— Fiquem à vontade para explorar o terreno mato adentro. Não tem mais ninguém por perto por um bom pedaço, e por um bom pedaço eu quero dizer a ilha inteira. Eu tenho mais uma casa do outro lado, mas amanhã de manhã estou voltando para Angra e vocês terão a ilha toda para vocês.

— Eu lembro desse detalhe no anúncio — Rodrigo sorriu. — Meu irmão tá precisando mesmo dissipar essa energia toda que ele acumulou no último ano de escola.

— Ah, eu sei bem como é! Tenho um filho que está na mesma fase e o moleque parece uma bola elétrica de nervos e hormônios — comentou Jonas, gesticulando como se suas mãos fossem águas-vivas hiperativas.

Os dois trocaram mais algumas palavras sobre como se guiar pela mata através das árvores de canela e sobre a periodicidade das marés, que ali subiam o nível da água em quase dois metros devido à inclinação do terreno costeiro. Jonas despediu-se com um aperto de mão tão firme que Rodrigo sentiu seus ossos estalarem, entrou no carro e partiu rumo a sua casa.

— Achei que a gente fosse pra ilha da Caieira — disse Téo, se aproximando com as mãos cheias de conchas que acabara de caçar.

Ouvir o ruído do mar naquelas cascas era seu ritual de conhecer a frequência em que a ilha vibrava. Ele as

devolveria depois para que servissem de lar improvisado a novas criaturas desprotegidas.

— Eu achei essa casa meio que em cima da hora e mudei os planos — respondeu Rodrigo. — A diferença de preço é pequena e o lugar parece muito mais interessante e recluso.

— Cê sabe que esse é o começo de vários filmes de terror, né?

— Uhum, a gente só precisa avisar todo mundo que se alguém achar um livro antigo costurado com pele de gente ou couro de cabra, não é recomendável que alguém leia o que tá escrito em voz alta.

— Fechado.

Eles selaram o acordo de sobrevivência batendo os punhos fechados.

— Eu sei que vocês querem ficar afastados da civilização, mas quando quiser dar um pulo na cidade, me avisa que temos um barco só nosso também. E toma aqui a chave da casa logo.

— Beleza, *big bro* — Téo abraçou o irmão. — Obrigadão por tudo. Esse lugar é incrível.

E foi correndo se encontrar com as amigas.

Rodrigo sorriu satisfeito, sentindo o peito aquecido de afeto, e se permitiu meio minuto de contemplação antes de um incômodo fino e elétrico se encaracolar em sua espinha dorsal. Ele não era um homem de presságios, mas era um homem de prudência excessiva e, naquele momento, tudo parecia perfeito demais.

Como se quisesse provar suas ansiedades, um vulto preto do tamanho de um pombo saltou da água e voou rente aos seus pés para dentro da mata. Rodrigo deu um pulo e sentiu o fígado subir para a garganta. Assustado e curioso, ele seguiu o vulto, incapaz de identificar o animal. A forma rodopiou entre os troncos mais grossos e traçou ziguezagues querendo despistá-lo – ou talvez guiá-lo –, até

descortinar a mata e chegar a um trecho de praia estreita e pedregosa no oeste da ilha.

E só então, ao ver as manchas na areia, Rodrigo percebeu que o vulto deixava escorrer um líquido preto oleoso. Ao tentar se aproximar, ele tropeçou nas pedras escorregadias e evitou cair escorando-se em uma árvore, a tempo de ver a criatura mergulhar na água e sumir entre as ondas que quebravam na encosta.

Confuso, Rodrigo voltou pelo mesmo caminho que veio, achando que o calor e o cansaço haviam bagunçado o que seus olhos captavam na penumbra alaranjada do fim de tarde e embaralhado sua percepção. *Deve ter sido um pássaro desorientado ou doente*, pensou. Rodrigo lembrou do pombo de passos tortos que ele havia visto na semana anterior, arrastando as asas rente ao tráfego, indiferente aos carros a meros centímetros de distância. Ele não tinha esperado para ver se a ave tinha se desviado para a calçada ou virado uma pizza no asfalto. Rodrigo preferia ignorar a feiura do cotidiano, assim como ignorava as pequeninas poças da substância oleosa que escorreu da criatura e que agora era absorvida pela terra sob suas botas na trilha de volta.

Quinta-feira, 21/12/2017

O dia amanheceu ensolarado e de céu limpo, revigorado após uma pancada rápida de chuva que pontuou a madrugada. Mariana acordou pouco antes das oito horas da manhã e, aproveitando que todos ainda dormiam, resolveu dar um passeio para explorar a ilha sozinha.

Pegou o celular na cômoda, e ele se acendeu com um trio de mensagens não vistas que Paulinha, sua prima, havia enviado tarde da noite do dia anterior. Mariana ligou de

volta assim que leu as mensagens. A prima havia topado tomar conta de seu pai durante a viagem e prometido que só ligaria em caso de emergência. Assim que ela atendeu, Mariana já foi despejando um arsenal de perguntas. Paulinha se desculpou, explicando que estava tudo bem agora. O pai de Mariana havia se perdido na rua e esquecido o endereço de casa quando saiu para comprar um maço de cigarros. Mas o pessoal do bairro já sabia da condição de Seu Ademir e Paulinha foi avisada assim que viram o homem andando em círculos na pracinha, balbuciando incoerências.

Aliviada, Mariana levantou da cama e foi trocar de roupa para sair.

Sua caminhada pela praia seria a distração ideal dos estresses de casa se ela não tivesse esbarrado em uma enorme tartaruga derretendo na areia molhada. O animal, ainda vivo e movimentando a cabeça com o bico aberto como se buscasse ar ou socorro, parecia uma escultura realista que havia dado errado e da qual o artista resolveu se desfazer jogando-a em uma fornalha. O casco escorria grosso num líquido multicolorido e seus olhos borbulhavam.

Mariana viu a tartaruga se liquefazer por inteiro diante de si, o corpo robusto reduzindo-se a uma poça escura e oleosa, que começou a ferver como se alguém a cozinhasse com um maçarico. Em poucos minutos a poça havia evaporado, deixando um fedor amargo e uma fumaceira densa para trás.

E assim, num instante, a paisagem exuberante da ilha havia se transformado em uma terra minada de alucinações. Aquilo só poderia ter sido um resquício perturbado de sono, pensava Mariana, alguma parte do cérebro que ainda não havia acordado por inteiro. Ela saiu dali sem querer investigar as evidências, incrédula do que havia testemunhado, e apertou o passo de volta para a casa.

A familiaridade do grupo de amigos e o cheiro do café a trouxeram de volta à normalidade. Estavam todos já

despertos e reunidos na mesa da cozinha, organizando pães, bolos, biscoitos e pratos de ovos mexidos com torrada.

— Cês também ouviram um barulho esquisito essa noite? — perguntou Rodrigo enquanto passava o café.

— Foi o Téo que ficou desfilando entre o quarto e o banheiro a noite toda — disse Joana.

— Deu ruim no estômago? — perguntou Mariana, puxando uma cadeira e sentando ao lado do amigo.

— Eu só levantei algumas vezes pra fazer xixi.

— Cê ficou levantando praticamente de hora em hora — retrucou Joana. — Eu falei pra não beber um galão de mate antes de ir dormir.

— Tava um calor do cacete! — protestou o demimenino, erguendo os braços.

— E o calor só tende a aumentar nesta tarde — disse uma pessoa pálida de longos cabelos brancos que veio entrando pela porta da frente como se a casa fosse dela.

Aos olhos dos habitantes da casa, era difícil precisar tanto o gênero quanto a idade da intrusa. Corpo alto e esguio, mas de músculos definidos. Pele tão branca e imaculada que parecia mármore. Cabelos ondulados também brancos que alcançavam a cintura. Olhos grandes de íris amarelada. Andava com os pés descalços e vestia apenas uma túnica de tecido leve cor de creme que envolvia seu corpo em um arranjo que lhe dava total liberdade de movimentos.

Ela se movia com tanta confiança e conforto que todos se questionaram internamente se eram eles os verdadeiros intrusos.

Passando pelo grupo, ela foi em direção à geladeira, abriu a porta e puxou um pote preto de sorvete que estava enfiado no fundo. Ninguém sabia muito bem o que esperar, mas quando ela abriu o pote, pegou um punhado de lulas do tamanho da palma da mão e comeu os animais ali mesmo, Rodrigo foi trazido de volta à ação e gaguejou por meio minuto até conseguir perguntar quem era a invasora, o

que ela estava fazendo ali e *pelo amor de Deus, os tentáculos ainda estão se mexendo*.

— Nicolas, prazer em conhecê-los.

Ela estendeu a mão a Rodrigo, mas foi puxada para um aperto entusiasmado de Téo.

— Téo — respondeu ele, apontando para si mesmo e então para os outros — Rodrigo, Joana e Mariana.

Rodrigo arrastou Téo para longe de Nicolas, dando um puxão no adolescente pelos ombros.

— Cê toma juízo!

— Eu não tenho a intenção de machucar nenhum de vocês — disse Nicolas, fechando o pote de lulas e o guardando de volta na geladeira.

Antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa, ela se despediu e saiu pela porta da frente. Rodrigo foi atrás, mas ela já havia sumido de vista.

Se Nicolas não tivesse voltado a aparecer no mesmo dia, algumas horas depois do almoço, talvez eles tivessem combinado que haviam experimentado uma alucinação coletiva.

— Você de novo! — Rodrigo apontou, irritado. — Você não pode sair entrando na casa das pessoas assim!

— O solstício de verão acontece hoje às 4h28 da tarde. É imprescindível que eu realize o feitiço na janela de tempo que antecede o evento e, para isso, preciso coletar os artefatos que guardei na casa do Tiago.

— Tiago? Quem é Tiago? — perguntou Rodrigo enquanto ela entrava na casa. — Ei, eu falei que você não pode sair entrando!

Mas a sereia já saía de novo, carregando uma bolsa pendurada no ombro e um cajado recoberto de cogumelos.

— Você precisa me responder umas perguntas — exigiu Rodrigo a passos apressados ao lado de Nicolas, que agora marcava linhas na areia com o cajado.

— Faça suas perguntas enquanto eu apronto meu feitiço de faeplânctons.

— Quem é você? — indagou ele, escolhendo ignorar a palavra *feitiço*.

— Nicolas.

— Sim, mas... *Quem* é você?

— Eu sou uma sereia das águas abissais do Atlântico, por isso minha coloração despigmentada. Gosto de manter as aparências mesmo quando visto essa camuflagem humana. Também sou a última bruxa de um coven que foi caçado e assassinado séculos atrás.

Rodrigo queria muito voltar no tempo para quando ele ainda era um homem teísta e perguntar para as divindades o que ele tinha feito para merecer aquele castigo.

Atrás deles, Téo, Joana e Mariana pareciam um trio de coelhos elétricos que não se continham de animação e acompanhavam a conversa aos pulos.

— Qual é o propósito disso? — perguntou Rodrigo gesticulando vagamente.

— Se eu não estiver errada — respondeu Nicolas, traçando desenhos complexos no ar com gestos graciosos —, a manta de faeplânctons vai digerir as infecções dessa terra e metabolizar as fibras que estão dando nó e gangrenando ao redor da ilha. E isso aliviará a dor do [illegible] — ela fez um ruído agudo e dissonante que parecia um assovio remixado por uma serra cortando uma panela de ferro.

— Que... O quê? Quem?

— [illegible]. O tubareio que está encalhado em transe nas fundações da casa.

Rodrigo fez uma cara de quem conversava com um texugo escandinavo de sotaque japonês e tentava extrair algum sentido através dos movimentos ritmados de seu focinho.

— Quer saber? Eu desisto — ele saiu andando de volta para a casa. — Você que faça a maluquice que você quiser aqui fora. Téo! Meninas! Bora voltar pra dentro!

— E perder *isso*? — Téo protestou, apontando para Nicolas, que agora emitia um brilho alaranjado de seus dedos e rodopiava com o vento em espirais iluminadas. — Não, obrigado. Vamos ficar por aqui mesmo.

O faeplâncton, uma espécie de organismo microscópico feérico que habita a umidade do ar em zonas tropicais, cobriu o horizonte como uma grossa pincelada de azul elétrico, alargando-se em uma grande floração como as das algas epônticas, que tingem de verde as águas da Antártica. A manta se abriu inteira sobre a ilha e as águas ao seu redor, e desceu como um banho iluminado que deveria lavar o terreno e seus habitantes de todo o mal.

Por um breve momento, todos sentiram como se seus corpos perdessem o peso da gravidade e fossem aliviados de qualquer dor. O solo sob seus pés cantava e a vegetação ao redor espreguiçava-se e frutificava multicolorida. Mas a magia azedou antes que pudesse correr seu curso, e a manta de faeplânctons escureceu e se espatifou, quebradiça como uma folha velha. O pó foi varrido pelo vento e um frio repentino substituiu a atmosfera aquecida do feitiço.

Os adolescentes olharam desolados para Nicolas, e a sereia parecia tão desapontada e perdida quanto eles.

— Eu estava errada.

— Eu não acredito que você simplesmente já chegou se revelando e fazendo um feitiço daquele tamanho — comenta Tiago.

Nicolas se defende, olhando para a câmera:

— Eu estava exercitando minha honestidade…

— Mas em que…

— Como você sugeriu que eu fizesse quando conversamos sobre os primeiros passos de integração à

sociedade humana moderna sem disfarces ou criação de alteregos palatáveis.

— Mas a ilha da Água Branca não foi seu primeiro contato com humanos, certo? — questiona Letícia.

— Certo — confirma Nicolas. — Na primeira vez em que pisei na superfície terrestre do que viria a ser o seu país, não havia humanos no litoral. Na segunda, encontrei povos indígenas e colonos franceses, mas me limitei a observá-los de longe. Apenas na quinta visita, na época em que as primeiras iluminações públicas estavam sendo instaladas em uma praça no centro do Rio de Janeiro, foi que resolvi interagir com um pequeno grupo de humanos.

— A Nicolas é o exemplo em carne e osso do “quando eu cheguei aqui, era tudo mato” — brinca Téo, rindo.

Letícia volta a se focar no relato de Nicolas.

— Suas visitas ficaram mais frequentes.

— Sim, notei que as mudanças sociais e tecnológicas aceleravam a cada ano humano e a curiosidade me fez querer acompanhá-las de perto.

— Ano humano? — pergunta a garota, confusa pela especificação.

— O tempo da vida aquática flui diferente.

Mariana está compenetrada na tela do celular.

— Tem gente perguntando se estamos fazendo uma websérie.

— Eu falei que ninguém ia acreditar se a Nicolas ou o Mika não fizessem umas magias — diz Téo.

Joana dá uma ombrada de leve em Nicolas e abre um sorriso esperançoso.

— Faz aquela de golemificação temporária.

Nicolas concorda com um aceno de cabeça e olha ao redor da sala à procura de um objeto adequado. Ela gesticula para Mariana lhe passar a escultura de um filhote de veado revestida por uma camurça cor de rosa, com 15 cm de altura, posicionada ao lado de um vaso de plantas na mesinha de canto.

— Oooh, essa vai ser boa! — comenta Mariana.

Nicolas segura a escultura com as duas mãos, fecha os olhos e murmura o feitiço na língua das sereias. O filhote de veado estremece e se sacode, levantando bambo sobre as patas finas enquanto a camurça se transmuta em pelagem. Nicolas entrega a criatura a Joana, que o abraça animada.

— Cê fez um *mini* filhote de veado *rosa*! — exclama Tiago, cobrindo a boca com as mãos.

— Acredito que é do agrado de todos e serve ao propósito de demonstração — declara Nicolas.

— Tá todo mundo surtando nos comentários — diz Mariana, atenta ao celular.

Téo parece empolgado.

— Agora sim estamos famosos. Vocês já trancaram o Twitter?

— Letícia, você deixou sua caixa postal na descrição do vídeo? — pergunta Mariana.

Letícia geme de dor ao perceber o erro.

— Deixei. Eu sempre deixo. Nem passou pela minha cabeça…

— Vão te encher de bagulho.

Téo se aproxima do notebook.

— Deixa eu ver se dá pra editar a descrição com o streaming rolando…

Enquanto isso, Joana está distraída, brincando com a criatura pulando animada em seu colo.

— Quem é o veado mais lindo, hein? Quem é o veado mais lindo?

Tiago logo se voluntaria, erguendo a mão:

— Eu!

O fascínio de Joana pela magia de Nicolas não foi instantâneo. Levou algum tempo até ela se acostumar à

ideia e confiar naquele idioma esquisito que saía da boca arroxeada da sereia.

Testemunhar feitiços era sentir-se exposta ou, como ela descreveria depois, como mergulhar em águas onívoras. Você só poderia presenciar um fenômeno desses caso se permitisse imergir na linguagem, nos gestos e nas alterações físicas e químicas ao seu redor, como se caísse em um lago escuro e desconhecido que poderia dissolver seu corpo a qualquer momento.

Apesar dos faeplânctons não terem machucado ninguém, Joana permanecia receosa e com uma sensação desconfortável de paranoia. Talvez fosse efeito do cenário paradisíaco da ilha. Tudo parecia bonito demais. E Joana tinha um histórico de esperar o pior de boas situações, com a apreensão de quem observa um rabo de fogo consumir o pavio de uma bomba.

Na noite do dia 21 para o dia 22, Joana foi dormir com aquela apreensão rondando as vizinhanças do seu inconsciente e sonhou com uma gigantesca névoa negra se erguendo do oceano e engolindo a ilha. Era impossível enxergar um palmo além do nariz e a nuvem tóxica era tão densa que fluía como água e se enfiava pelas narinas e bocas dos pobres vultos desavisados que atravessavam seu caminho. Joana sentiu a névoa negra expandindo-se dentro dos seus pulmões e se integrando a sua corrente sanguínea, enregelando-a aos poucos, de dentro para fora, e pesando seu corpo para um sono ainda mais profundo.

Sexta-feira, 22/12/2017

Tiago nunca havia prestado muita atenção nas aulas de Biologia, preferindo guardar seu reservatório limitado de energia matinal para as aulas de História e os jogos de vôlei

do intervalo. Mas, depois de conhecer o tubareio, o rapaz pesquisou tanto que poderia apresentar uma conferência sobre o assunto. Ele aprendeu que tubarões são peixes cartilaginosos que existem há mais de 400 milhões de anos e que humanos matam três tubarões por segundo por culpa da cultura de medo criado ao redor dos animais, através da caça por esporte, pela carne e pelo uso supersticioso das barbatanas. Não havia recursos ou literatura especializada sobre tubareios, mas Tiago só poderia imaginar o quão pior a situação poderia ser se havia um espécime em sua casa que estava praticamente desistindo de viver.

Ele era o único humano com quem o jovem sereio da espécie dos tubarões-tigre, encalhado em Água Branca, tinha feito contato direto até então. Tiago teve que conferir se ainda não estava bêbado da noite anterior quando achou aquela criatura metade menino e metade tubarão, com os cabelos desgrenhados e o corpo nu colorido num misto cinzento de pele e escamas placoides, coberto por listras brancas na barriga e no peito. Desde que ele o encontrou preso nas fundações da casa – seu corpo machucado e desnutrido quase hibridizado com a terra molhada, as vigas e as pedras cobertas de crustáceos e moluscos – o adolescente inventava todo tipo de desculpa para escapulir e cuidar do novo amigo.

O tubareio foi parar ali durante uma maré cheia, quando nadou desorientado para o primeiro abrigo que encontrou. Seu organismo estava enrijecendo devido à infecção de microfibras de plástico e o acúmulo de mercúrio no cérebro começava a afetar sua cognição. Perdido e com o senso de direção comprometido, o porão aberto do casarão naquela praia de águas cristalinas parecia um refúgio seguro. Ali ele desmaiou e se entregou às defesas emergenciais que seu corpo conjurou para mantê-lo vivo em um estado baixo de energia.

Tiago precisou se arriscar a levar umas mordidas para tentar ajudar. Ele acabou ganhando a confiança do tubareio

na base da teimosia, do afeto e da oferta de latinhas de atum, cabeças de peixe de um caldo de restos que sobrava das refeições da família e pacotes de amendoim cobertos com chocolate. O tubareio chegou a se recuperar até o ponto em que ele e Tiago passavam longas horas conversando animados, Tiago mostrando seus gibis favoritos e sua coleção de vinis e o tubareio contando sobre banquetes de carcaças de baleia e encontros de sereios aprendizes de bruxos nos atóis colombianos. Durante esse período, Nicolas, que estava à procura do tubareio sumido de seu círculo social, achou os dois e resolveu ficar até que ele se recuperasse. Mas a infecção se agravou e o tubareio recaiu doente, dessa vez para não despertar mais totalmente lúcido.

A subida das marés duas vezes ao dia inundava o porão aberto e mantinha o tubareio hidratado e consciente de si, mesmo que ele não respondesse mais e seus olhos tivessem adquirido uma translucidez leitosa e opaca. Ele definhava aos poucos.

Fazia três dias que Nicolas não lhe dava notícias sobre o tubareio. Tiago estava inquieto e, assim que achou uma brecha, alugou um barco e partiu em direção à ilha.

Depois de testemunhar uma sereia bruxa manipulando a realidade como se fosse papel, o grupo de amigos não reagiu surpreso quando, durante o café-da-manhã, um adolescente negro de saia comprida e cabelo verde-limão em estilo militar chegou todo esbaforido perguntando se o tubareio ainda estava vivo.

— Ninguém tranca essa porta? — perguntou Joana.

— Pra que trancar a porta se a ilha é desabitada? — retrucou Rodrigo.

— Essa é a ilha desabitada mais habitada que eu já vi — comentou Mariana enquanto passava geleia de morango na torrada.

— Cê deve estar com a Nicolas, né? — perguntou Téo, terminando seu café e levantando da cadeira.

— Sim. Foi mal chegar sem me apresentar nem nada — o garoto teve a decência de parecer envergonhado. — Oi, meu nome é Tiago. Sou filho do Jonas.

— Ok, eu não sei mais o que tá acontecendo — declarou Rodrigo, limpando a boca com um guardanapo —, então eu vou ligar pro Jonas agora e tirar umas satisfações.

— Não, por favor não liga pro meu pai! — pediu Tiago, quase se jogando na frente de Rodrigo. — Ele acha que eu tô passando uns dias na casa do meu namorado. Já tá tudo andando meio fora dos trilhos com os planos da Nicolas e o tubareio não pode morrer! Por favor, não liga, por favor!

A discussão teria se estendido entre a exasperação de Rodrigo e o desespero de Tiago se o céu lá fora não tivesse se desviado para um tom caramelo que queimava as nuvens com rapidez e arrastava uma volumosa névoa negra atrás de si.

A atmosfera da ilha ficou densa e mergulhou na escuridão, transformando o dia em noite. Era difícil enxergar e respirar naquele breu úmido e gelado que pesava os pulmões e dava a sensação de que existia uma trilha de terra molhada colada ao fundo da garganta de cada um.

Acho que meu sonho vazou para a realidade, pensou Joana.

O que faltou em seu sonho foram as criaturas que emergiram da névoa logo em seguida. Formas monstruosas que se assemelhavam a animais marinhos, mas eram seres espectrais que se pulverizavam e derretiam enquanto atacavam com suas presas, garras e espinhos sólidos e afiados.

Perdidos em meio ao pandemônio, os humanos lutavam como podiam.

Téo tinha acabado de socar o que parecia ser um polvo de tentáculos que se partiram como isopor encardido, Mariana e Tiago tentavam se desgarrar de um cardume furioso de atuns desembestados de intoxicação por metais pesados e Joana atacava um novelo de enguias elétricas a vassouradas. Aos berros, Rodrigo passou correndo pelos três adolescentes, carregando sua pequena árvore de Natal debaixo do braço como se fosse uma lança. A ponta de plástico da árvore espetou uma das criaturas que parecia um peixe-boi, exatamente quando ela abriu a boca, e rasgou o bicho de dentro para fora, dissolvendo-o em uma nuvem pegajosa de sujeira e óleo.

As criaturas se desmanchavam e ressurgiam de todos os lados, seus corpos deformados solidificando-se da própria matéria poluída da névoa. Com as bocas arreganhadas e os olhos brilhantes de radiação, elas avançavam descontroladas e só se desintegraram além do ponto de regeneração quando Nicolas apareceu, convocando uma nova leva de faeplânctons. Os microorganismos mágicos digeriram o nevoeiro e metabolizaram suas distorções, limpando a ilha e os arredores em poucos minutos.

Quando conseguiram voltar a enxergar uns aos outros com nitidez, o grupo de humanos ainda se debatia contra o vento, golpeando os últimos resquícios da névoa, com os olhos arregalados e imundos da cabeça aos pés de fuligem, óleo e entulho.

— O que diabos foi isso? — perguntou Téo, tentando limpar a gosma acumulada nos cabelos e na roupa.

— Uma das manifestações do surto de plastinoia que acometeu o oceano — respondeu Nicolas, que permanecia incólume.

— Surto de que?

— Plastinoia. Há uma quantidade absurda de detritos urbanos, lixo industrial, dejetos tóxicos e plástico sendo despejados no oceano. Pense na plastinoia como a sopa resultante dessa mistura. Uma doença oceânica que mata

alguns animais lentamente, enquanto transforma outros em criaturas limítrofes, agonizando entre a decomposição de seus corpos traumatizados e a doença temporal que desregulou a harmonia de seus ambientes.

— É isso que o tal do tubareio tem? — perguntou Mariana.

— Quase. É isso que ele está desenvolvendo. Mas seu corpo se fechou em um estado de transe como defesa. O problema é que essa hibernação forçada está adensando o tecido do espaço ao redor dele e, consequentemente, da ilha.

— E atraindo o resto das criaturas.

— Sim. Aliás, alguém notou algo estranho ou fora de lugar nos últimos dias? — perguntou Nicolas.

Todos se entreolharam com a cara mais rasgada de culpa que ninguém conseguia esconder.

— No primeiro dia na ilha, eu vi um vulto do tamanho de um pombo voando pela mata e sumindo no mar — disse Rodrigo.

— Eu vi uma tartaruga derretendo até virar poça ontem de manhã — admitiu Mariana.

— Eu sonhei com a névoa negra essa madrugada — comentou Joana. — Quando acordei, tinha um pedaço da névoa bem em cima de mim na cama. Mas sumiu assim que eu passei a mão nela.

Nicolas fechou os olhos e massageou as têmporas por puro reflexo, de tanto observar o comportamento humano. Sereias não sofriam dores de cabeça a não ser em distúrbios neurológicos graves. Nicolas jurava que estava prestes a desenvolver a primeira dor de cabeça de sua vida.

— Todo mundo viu alguma coisa e ninguém falou nada? — Téo levantou os braços. — É assim que as pessoas morrem em filmes de terror! Porque ninguém se comunica!

— Algumas semanas atrás eu também vi uns vultos que nem ele e uns bichos estranhos meio que derretendo

que nem ela falou — confessou Tiago, de cabeça baixa, apontando para Rodrigo e Mariana.

Nicolas encarou o rapaz com um olhar gelado.

— Você tem me passado relatórios incorretos sobre o estado da ilha? —perguntou a sereia.

— Só um pouco? Eram coisas pequenas. Eu não queria te deixar tão preocupada, você tem se estressado tanto com isso nos últimos meses…

— Tiago, eu preciso dos dados corretos para calibrar os feitiços. Se realizei feitiços com potências insuficientes nos últimos meses, sabe-se lá o quanto de controle nós perdemos sobre a situação.

— E eu lá ia saber que magia funciona que nem remédio?

— Magias de reparação, mas sim. A dosagem e a periodicidade corretas são essenciais.

Téo tinha se afastado e estava encostado num canto, emburrado por ter sido excluído duas vezes: uma por não ter visto nada e outra por ninguém ter lhe contado o que viu.

Um estranho e longínquo ruído metálico chamou sua atenção, mas ninguém mais parecia tê-lo ouvido. O ruído aumentou de intensidade aos poucos, como se fosse um avião passando em baixa altitude, antes de explodir em um estrondo e um temporal grosso de três minutos cair sobre a praia. Um temporal de algo muito mais substancial do que água.

O grupo foi pego de surpresa por centenas de garças mortas que despencaram em peso e se espalharam pela praia, seus corpos quebrados e estraçalhados amontoados em um cemitério a céu aberto. Uma massa descolorida de animais presos em sacolas e embalagens plásticas, atolados uns sobre os outros, cobriam o solo para além da segurança da varanda. Parecia que alguém havia recolhido todas as aves vítimas do lixo despejado nos oceanos e desovado tudo ao mesmo tempo sobre Água Branca.

— Isso também é plastinoia? — perguntou Téo, tapando o nariz quando sentiu o fedor subir.

— Há poucas linhas nítidas na natureza — disse Nicolas, ajoelhando-se em meio às garças com os olhos cheios d’água à procura de alguma criatura que ainda respirasse. — Os oceanos são um só. Podemos sentir, nas correntes do Atlântico, a acidificação que dissolve as conchas de moluscos nas águas do Pacífico, o derramamento de óleo que sufoca as aves nas praias do Índico e as interferências industriais e militares que dizimam populações inteiras antes que elas possam se reproduzir nas águas glaciais.

— Você tá querendo dizer que isso que está acontecendo aqui pode acontecer em outros lugares? — perguntou Joana, com a camiseta cobrindo o nariz.

— O ▒░▒░▓▓░▓ está distorcendo a harmonia da ilha inteira — respondeu Nicolas. — Nós precisamos tirá-lo do transe antes que o horizonte de eventos se expanda até o litoral continental.

— O que acontece se chegar no litoral?

Nicolas pegou uma das carcaças de garça e a apoiou sobre as palmas das mãos. A bruxa murmurou um breve feitiço e uma fumaça esverdeada brotou de seus poros, envolvendo o corpo do animal em uma nuvem que se condensou e saturou em um musgo encardido até que as penas, a pele e o ossos da garça ardessem em chamas e fossem reduzidos a cinzas.

Sábado, 23/12/2017

Depois de passar horas organizando centenas de garças mortas em uma pilha, para que Nicolas pudesse incinerar todos os animais de uma vez só, os adolescentes pediram

que a sereia dormisse na casa com eles. Assim, eles se sentiriam protegidos o suficiente para adormecer sem acordar a cada meia hora no susto, achando que choveria golfinhos encalacrados em lixo hospitalar ou polvos cancerosos de latinhas de refrigerante.

— Esse feitiço deve segurar tudo por algumas horas — disse Nicolas na manhã seguinte, antes de sair para cuidar do tubareio. — Vocês estarão seguros durante esse período se não mergulharem na água.

Enquanto Nicolas não voltava, eles resolveram improvisar uma decoração de Natal para não deixar o feriado passar em branco e fingir algum senso de normalidade para acalmar os nervos. Sabe-se lá o que aconteceria nos próximos dias ou se eles sequer seriam capazes de celebrar o Natal, uma possibilidade que minguava a cada minuto.

— Vamos comer logo isso porque eu tive um trabalho do cacete pra fazer — disse Mariana ao abrir um pote grande recheado até a boca de biscoitos de gengibre moldados no formato de renas de nariz vermelho e árvores natalinas, decorados com glacê colorido.

Já que a árvore de Natal tinha sido sacrificada em batalha, Téo sugeriu que eles montassem uma árvore nova na base da gambiarra, aproveitando a mata lá fora. Uma hora e meia depois, todos estavam reunidos ao redor da nova árvore erguida no deque: uma pirâmide desconjuntada de galhos, folhas e tufos de mato ainda grudentos de terra, tudo amarrado junto com um barbante.

— Beleza — disse Téo, dando alguns passos para trás e observando o resultado com as mãos na cintura. — Agora a gente acende esse arbusto de Natal com um fósforo e invoca qual demônio?

Tiago deu um pulo tão grande que parecia ter uma mola atarraxada na bunda.

— Nem brinca com isso, cara! Nenhum demônio é bem-vindo aqui! Nenhum! — Ele começou a berrar, se

movimentando em círculos. — Nenhum demônio pode pôr o pé aqui!

Todo mundo caiu na risada e Tiago ficou indignado.

— Vocês tão me zoando, mas até uns três dias atrás ninguém aqui acreditava em sereias e agora olha aí.

— Você conhece um demônio também? — perguntou Mariana, séria.

— Não que eu saiba — respondeu ele. — Mas minha vida tá toda de cabeça pra baixo no momento, então eu não duvido da possibilidade.

— Beleza, mas já que ninguém aqui é cristão, a gente ainda pode repaganizar esse Natal e transformar tudo em uma Saturnália Tropicalina — opinou Téo, enquanto arrastava a árvore-arbusto, o que fez o conjunto de galhos e folhas desmoronar e se esparramar todo pelo chão. — Ou não.

— A gente teve tanto trabalho...— Joana se largou deitada na rede.

— Que fique como lição, crianças! — Rodrigo foi pegar uma vassoura para limpar a bagunça. — Às vezes a gente se esforça e trabalha duro pra no final não dar em nada.

Depois de limpar tudo, Rodrigo reapareceu com um rolo de fita crepe e começou a colar um desenho na porta de entrada. Demorou alguns traços cruzados e uma silhueta quase completa para os outros perceberem que ele estava criando uma árvore de Natal. As linhas da fita se entrecruzavam com precisão geométrica e, de longe, parecia que alguém tinha colado uma escultura de palha trançada na parede. O resultado era surpreendentemente delicado e bonito.

Todo mundo aplaudiu e ele foi pegar uma cerveja na geladeira, sentindo-se satisfeito com seu trabalho.

— Eu não acredito que o único com talento artístico aqui é o hétero — zombou Joana.

— Eu não sou hétero— retrucou ele, dando um peteleco na tampinha da garrafa de cerveja com o dedão e

tomando um gole. — Acho que sou assexual e panromântico.

Pelo silêncio repentino que se seguiu, Tiago deduziu que aquela era a primeira vez que Rodrigo falava de sua sexualidade com os amigos, então tentou quebrar o clima esquisito que havia se instaurado.

— Ei, bem-vindo ao clube!

— Por que eu só tô sabendo disso agora? — perguntou Téo.

Quando Rodrigo não soube responder, o irmão se levantou, desceu as escadas e saiu andando em direção à praia. Rodrigo foi atrás dele e os dois pararam onde as águas lambiam a areia.

— Olha, esse lance todo é novo pra mim também — explicou Rodrigo, se aproximando do irmão e oferecendo a cerveja.

Téo sabia que sua irritação exagerada não era justificada, mas ele estava magoado por não ter sido o primeiro a saber. Com ciúmes, talvez. Ele queria ter a euforia de dividir esse momento só entre os dois.

— Quando cê percebeu? — perguntou Téo, dando um gole na bebida.

— Lembra do Engel? O cara do estúdio que veio passar um tempo aqui no Rio para a gente trabalhar no jogo? Então, eu meio que me apaixonei por ele. Não aconteceu nada. O cara é hétero. Mas foi quando eu me liguei, sabe? Quando eu me liguei de verdade, além dos sentimentos confusos que ignorei durante a adolescência inteira.

— Mas você ainda tava com a Letícia na época, né?

— Uhum. A gente terminou pouco depois. Eu gosto muito dela, mas queríamos coisas completamente diferentes do relacionamento. Somos melhores como amigos.

— Ei, agora você pode entrar pros Filhos do Fauno! — Téo riu.

— Filhos do Fauno? — indagou Rodrigo, tentando decifrar a referência.

— É como a gente chama nosso grupo lá no colégio. Porque é todo mundo pan, saca?

Rodrigo riu.

— Boa. Vou entrar. Mas só se não tiver nenhum ritual bizarro de iniciação. Desculpa não ter te contado primeiro. E pelo resto todo. Essas férias tão um desastre. Era para ser as férias perfeitas que a gente nunca teve. Desculpa, Téo, eu…

— Não, cara, você tá fazendo tudo certo. O universo é que às vezes tem outros planos pra gente.

— O universo *sempre* tem outros planos pra gente.

— Pois eu acho que nossa Saturnália Tropicalina vai muito bem, obrigado. Mesmo com bruxarias. *Especialmente* com bruxarias.

— O que mais falta acontecer, né? — Rodrigo brincou.

O rapaz se arrependeu logo em seguida quando viu uma névoa negra se transformando em uma tempestade sobre o mar.

— Ei, cê não acha que aquela névoa é a…

— Mesma? É a mesma. Corre!

Apesar daquela manifestação nevoenta de plastinoia ser igual à anterior, o ataque teve um desfecho diferente. A escuridão engoliu a ilha, tão densa quanto antes, e trouxe sua horda de criaturas atormentadas e raivosas. O grupo de humanos mais uma vez se armou dos primeiros objetos que suas mãos alcançaram, entre vassouras, garrafas de cerveja e um espeto de churrasco. Mas, antes que eles pudessem se defender com golpes às cegas, rezando para acertar as criaturas e não uns aos outros, um borrão corpulento de cauda longa rasgou a névoa e fez a limpa pelo caminho, consumindo os monstros em bocadas que espirravam sangue e óleo para todos os lados.

— Que porra é essa? — gritou Joana em meio à confusão, tentando se proteger com uma tampa de panela.

Quando uma formação de raias estufadas de lixo e enganchadas por tarrafas se espatifou em anéis de latinhas de alumínio e abriu um clarão na névoa, Tiago reconheceu que era Mika, o tubareio, quem devorava as criaturas. Sua forma imponente de tubareio-tigre se sobressaía, inconfundível, entre os monstros espectrais.

Nicolas chegou em cena quando as criaturas restantes já haviam recuado e a névoa negra se dissipava para um nevoeiro esparso e granulado de cinzas. Ela distinguiu a figura de Mika ajoelhada no deque. Nu, sua cauda ainda em processo de transição para pernas, e a boca e o torso encharcados de sangue e petróleo. O tubareio tentou levantar ao ver a sereia, mas, sem forças, acabou caindo desmaiado.

Ela correu para socorrê-lo, seguida por Tiago.

— Ele está faminto — disse Nicolas apoiando o corpo de Mika em seus braços e sentindo o pulso fraco no pescoço do tubareio, onde uma série de pequenas fendas se abriam em guelras semiformadas. — A névoa e a magia chegaram em um ponto crítico, que acabou ativando o sistema nervoso dele e o despertando de seu transe. Ele veio nos salvar.

Os adolescentes, que ainda estavam atordoados e de mãos grudadas em seus armamentos domésticos improvisados, se aproximaram assim que viram os dois largados no meio do deque.

— Ele não acabou de comer? — perguntou Téo, observando a boca ensanguentada do tubareio.

— Não, o que ele fez foi dissolver as criaturas atormentadas que nos atacaram. Foi um ato de misericórdia, não de predação. Agora temos que reanimá-lo.

— Como?

— Vamos precisar de bastante carne fresca.

— Tão enchendo as *mentions* com pedidos pra ver o Mika — avisa Mariana.

— Bora, tubaboy, vem se mostrar pra internet! — chama Téo, olhando para o lado.

Mika desencosta da parede de onde observava a conversa, fora do campo de visão da câmera, e se acomoda sentado no chão em frente ao sofá, entre as pernas de Tiago. Ele está descamisado e veste apenas uma sunga e um short curto de pano, e seus cabelos pretos cacheados estão bagunçados.

— Olá, humanos! — diz Mika, acenando para a câmera.

Téo abre os braços, como se estivesse apresentando Mika em uma exibição.

— Aí está, senhoras e senhores. O tubareio mais famoso das praias brasileiras!

— O *único* tubareio das praias brasileiras até onde as pessoas sabem, e elas acabaram de saber desse dois segundos atrás— corrige Joana.

— Tu é engraçaralha pra cacete, hein — rebate Téo.

Rodrigo entra pela porta da sala, carregando a rêmora fantasma no colo.

— Ela tava brigando com o cachorro por causa de uma pipa que caiu no quintal, mas já tá tudo resolvido.

— Obrigada, Rodrigo— diz Letícia.

— Perdi muito?

— O Mika acabou de aparecer no *streaming*— explica Mariana.

— E agora, como tá o chat? E as *mentions*? — pergunta Téo, agitado.

— Eu tô tentando acompanhar o chat no vídeo e a hashtag no Twitter, mas eu sou uma só, então sossega o

rabo e deixa que quando tiver algo relevante eu falo.

— A gente ganhou uma hashtag?

— Duas. Tão tuitando com #SaturnáliaTropicalina, mas agora também tem uma galera se oferecendo na #PegaEuTubareio.

— #SaturnáliaTropicalina não é meio grande para uma hashtag?

— Foi *isso* que te chamou a atenção? — pergunta Joana.

— As piadas são tão horríveis que viram do avesso e ficam boas. Metade é sobre ser devorado pelo Mika.

— Então basicamente só tão postando sacanagem na hashtag? — pergunta Téo.

Nicolas finge interesse, mas logo corta a conversa.

— Fascinante. Podemos prosseguir?

— Agora tão perguntando se ele tem dentes de tubarão quando tá em forma humana pra saber se podem rolar umas mordidas.

Nicolas revira os olhos.

— Mas que fixação que vocês têm…

— Ei, é uma dúvida científica válida — interrompe Mariana.

Mika se aproxima do notebook de joelhos. Seu rosto preenche o campo de visão da câmera e ele dá um sorriso brilhante de dentes humanos antes de abrir a boca e fazer suas presas crescerem pontiagudas e serrilhadas enquanto a estrutura óssea do rosto se transforma e os olhos enegrecem.

Domingo, 24/12/2017

— Eu tava guardando esse pernil e esse peru pra ceia de Natal — lamentou Rodrigo, enquanto retirava as aves do

refrigerador e as colocava em cima da pia. — Já estavam marinando e tudo.

— Uhum, mas esse plano você fez quando não tinha um tubareio desmaiado de fome no sofá da sala — retrucou Téo.

— E o que mais vocês tiverem de carne além disso, podem pegar também — disse Nicolas.

Rodrigo começou a tirar os pacotes de frango, carne de boi e linguiça que ele havia guardado para um churrasco de último dia das férias. Os adolescentes foram organizando as peças, tirando das embalagens e sacolas plásticas e raspando o gelo.

— Ei, me mata uma curiosidade — disse Joana, que se ocupava de descongelar uma série de coxinhas de frango sob a água da torneira. — Seu nome é Nicolas mesmo?

— É o nome que escolhi, então sim, é meu nome. Mas se você está perguntando por meu nome de sereia, eu me chamo ▓▓▓▓░▒▒░▓▓▒▒▓▓▓▓.

— E de onde veio Nicolas? — perguntou Téo, enchendo um prato de carne para levar até o tubareio, que já salivava só de olhar a comida sendo trazida.

— É, parece uma escolha incomum — comentou Mariana.

— Foi ideia da minha esposa — respondeu Nicolas.

— Cê tem uma *esposa*? — Téo tropeçou nos próprios pés e quase saiu catando cavaco, mas Rodrigo interrompeu a queda do irmão e salvou a carne de sair voando.

— Sua esposa também é uma sereia? — perguntou ele logo em seguida. — Ela tá por aqui? Há quanto tempo cês tão juntas? Casamento entre sereias é tipo casamento entre humanos ou vocês têm algum tipo de ritual diferente? Quando vocês casaram, teve fes…

— Téo — interrompeu ela. — Temos assuntos mais importantes para nos preocuparmos agora. Essa história fica para outro dia.

— Mas eu tenho tantas perguntas!

— Outro dia, moleque — reiterou Rodrigo, dando um tapa na nunca do irmão.

— Ai!

— Aliás, a gente precisa de um nome novo pro tubareio — falou Rodrigo. — Ou uma versão pronunciável desse sussurro ininteligível que você faz.

— Verdade — concordou Téo. — Você pode escrever o nome pra facilitar.

— A língua das sereias não possui escrita — explicou Nicolas.

— Mika — falou o tubareio, pronunciando *mai-ca*. — Vocês podem me chamar de Mika. Não é parecido com meu nome de sereio, mas eu gosto.

— Ele escolheu depois que viu meus discos de vinil do Mika — disse Tiago.

— As cores são muito bonitas — contou o tubareio. — Me lembrou dos meus corais favoritos.

Um vulto entrou voando pela janela e, movimentando-se rente ao chão, roçou na perna de Rodrigo, que deu um pulo e um grito quando viu aquela sombra comprida e pegajosa se insinuando toda cheia de tremeliques para o lado dos sereios.

— Foi esse o vulto que eu vi quando chegamos na ilha! — Ele apontou para a criatura se aconchegando no pescoço do tubareio.

— Linguado! — Nicolas se ajoelhou e estendeu a mão para tocar a criatura, que emitiu um sibilo entusiasmado e se deixou ser acariciada. — Essa é a Linguado, uma rêmora-fantasma que acompanha o Mika desde que ambos eram filhotes. Quer dizer, não é bem uma rêmora-fantasma, é mais uma rêmora que, atacada pela plastinoia, está presa numa fase de transição espectral intoxicada. Por isso a camada de óleo.

Mariana se aproximou para tocar a rêmora, que se sacudiu toda e fez círculos animados em volta da cabeça da menina.

— Vocês têm alguma fruta? A Linguado gosta de frutas — disse Mika, entre uma mordida e outra em uma peça grossa de carne de segunda.

— Desde quando fantasma come fruta? — Rodrigo se perguntou.

— Você não ouviu? — Téo chamou a atenção do irmão. — Não é um fantasma-fantasma. É uma transição espectral intoxicada que travou no tempo.

O tubareio terminou de devorar todas as carnes que lhe foram trazidas e estava lambendo os dedos. A textura da sua pele adquiriu um aspecto saudável e suas bochechas ficaram coradas. Visivelmente revigorado, Mika levantou do sofá alongando as pernas e braços, sentindo as juntas despertarem e os músculos se aquecerem. Sem dizer nada, o tubareio acenou para o grupo e saiu correndo porta afora. Quase deslizando pelo deque ainda sujo de óleo, ele pulou na água e sumiu na imensidão azul.

— Ele precisa nadar e caçar por algumas horas — explicou Nicolas. — Faz parte da recuperação do metabolismo. E eu preciso recalibrar meus feitiços, então tomem cuidado se saírem da casa. Nos encontramos amanhã.

Sereios não são de perder tempo quando o futuro do oceano está em jogo.

Segunda-feira, 25/12/2017

Nicolas voltou naquela segunda-feira natalina determinada a pôr um fim na plastinoia antes que ela atingisse e mastigasse o litoral continental até transformá-lo em um lixão de destroços ornamentados por corais esbranquiçados e ossadas plastificadas.

Os feitiços anteriores agiram como medicamentos e curativos, remendando as falhas na saúde da ilha e aliviando as dores dos animais que dependiam de suas ecologias. O novo feitiço sendo preparado pelas mãos hábeis de Nicolas agiria como uma cirurgia. O calcanhar de Aquiles era que, durante o processo, ela estaria completamente vulnerável ao mesmo tempo em que todas as barreiras de proteção à ilha estariam levantadas e permeáveis à névoa negra.

A quebra do ritmo por um milissegundo que fosse, um termo murmurado com a inflexão destoada ou uma ponta de linha desenhada fora do curso e Nicolas precisaria recomeçar o feitiço inteiro do zero.

Conscientes de seus papeis, Mika e o grupo de humanos formaram um círculo ao redor da bruxa e ela deu início ao feitiço.

O plano estava fluindo de acordo com as diretrizes da sereia e todos conseguiam impedir que as criaturas furassem o bloqueio, até que um monstro de cinco metros de comprimento no formato de um tubarão-branco, esculpido por uma massa de plástico derretido, avançou de surpresa contra Téo e abocanhou seu torso. Mas antes que ele pudesse afundar as presas por completo, Rodrigo pulou sobre a criatura e a desintegrou com um golpe bem dado. Ferido, Téo caiu no chão gritando de dor e desapareceu sob a névoa.

Rodrigo sentiu o sangue gelar e já estava prestes a se jogar no chão para resgatar o irmão quando uma onda colossal se arqueou sobre a praia e caiu como um dilúvio. Movidas pela magia de Nicolas, as águas ao redor da ilha foram reviradas da crista das ondas que cresciam violentas até o substrato do assoalho oceânico, arrancando e afundando um naco da floresta e desmoronando o terreno que sustentava o casarão ao mesmo tempo em que fazia emergir uma efervescência de criaturas sésseis e estruturas partidas de navios naufragados há séculos.

Arrastados pela enxurrada, os humanos só não foram parar um em cada quadrante das fendas mais profundas do oceano porque Mika os protegeu em uma bolha de isolamento que conseguiu conjurar com a força que lhe restava.

Passado o feitiço, demorou para que todo mundo conseguisse se manter de pé. Tinham as pernas e braços dormentes de exaustão, os cabelos desgrenhados e a boca cheia de areia.

Nicolas saiu das águas com uma graça e uma serenidade tão grandes que fez Mariana inventar um novo palavrão. Ela carregava Téo no colo e o posicionou com cuidado na areia.

— Téo, respire fundo e se concentre na minha voz — pediu ela, segurando o rosto do amigo entre as mãos.

— Eu acho que meu peito vai rasgar — gemeu ele, quase sem voz, sentindo a queimação da mordida se espalhar como se alguém estivesse cortando seu esterno com uma solda.

— Téo, tudo aquilo que se transforma na escuridão do oceano é matéria da minha carne e energia do meu sangue. Você está protegido pelas águas que fluem através das minhas vontades.

O demirapaz sentiu que as palavras de Nicolas o abraçavam como um bálsamo e a dor sumia aos poucos enquanto ela apalpava seu torso e transmitia alívio.

— Sete dentes de tubarão acabaram se fusionando às suas costelas durante a transição de volta — disse ela quando ele voltou a si. — É melhor eu não interferir para retirá-los. Mas não se preocupe, isso não será prejudicial.

Téo suspirou aliviado.

— Estou surpresa que não houveram mais consequências pontuais como esta — admitiu Nicolas. — Ainda bem que deu tudo certo.

— Você não sabia se ia dar certo? — Téo perguntou horrorizado.

— Eu tinha esperanças.

— *Esperanças*?

— O futuro é sempre incerto, Téo. Tudo o que podemos ter são planos bem elaborados e esperança.

— A minha já se extinguiu há tempos.

— A esperança não se extingue. Ela nasce meio torta e se forma oblíqua e serrilhada como os dentes de um tubarão. E assim como os dentes de um tubarão, a esperança também é descartável e numerosa. Você usa até desgastar, cair e nascer outra.

— Então depois dessa eu tô é banguela de esperanças.

Nicolas riu.

— Daqui a pouco nasce de novo.

Perto dali, Tiago ensaiava o que diria a seu pai para explicar os escombros do casarão e a proa quebrada de um navio português do século XVI que despontava do que antes era a cozinha.

— Alô? Pai? Oi, pai. Não, tudo certo. É só que... Eu não tô na casa do Bruno. Eu tô na ilha. É. Uhum, na casa. Não, eu só...Uhum. Uhum. Eu sei, eu sei, desculpa, mas deixa eu falar...Uhum. É que rolou um probleminha e... Não, não, eu tô bem, tá todo mundo bem... Mas a casa foi meio que engolida pelo mar.

— Cê mandou o link do *streaming* pra nossa mãe? Será que ela tá assistindo? — pergunta Téo.

— Mandei pelo celular, mas eu nunca sei o que ela sabe ver naquilo.

— Oi, mãe! — exclama Téo, acenando para a câmera.

Jonas entra na sala, carregado de sacolas.

— Fala, pessoal! Dá licença, dá licença. Eu trouxe japonês pra todo mundo. E um podrão pro Téo, como prometido.

Letícia levanta para ajudar Jonas com as sacolas e Mariana se vira na direção deles.

— Chegou na hora certa! A gente tava falando de quando a casa foi destruída.

— É, eu lembro bem dessa notícia — diz Jonas, fuzilando Tiago com os olhos.

— Ei, pelo menos eu liguei pra avisar!

— Alguém tá com wasabi a mais? Acho que veio faltando no meu.

— O gosto de sangue é incomparável, mas esse tal de teriaki até que é gostoso — diz Mika, enfiando uma quantidade absurda de atum na boca.

— Deixa eu provar o molho — pede Nicolas, segurando um sashimi de salmão.

— A gente não vai dar pausa no *streaming*? — pergunta Letícia.

Mariana dá de ombros e responde:

— Deixa rolando mesmo.

— Bem, agora deixa eu sair que preciso passar na casa de um cliente pra resolver um abacaxi de última hora. Tchau, pessoal!

Jonas vai embora se despedindo de todos. Téo olha para os amigos com ar de reprovação e a boca cheia de bacon e queijo:

— Não sei como vocês conseguem encher o rabo de peixe cru depois de tudo o que a gente passou.

Desalojados da casa de férias, o grupo de amigos andou até a segunda casa do outro lado da ilha, cruzando a mata pela estrada de terra e, bem lembrado por Rodrigo, se guiando pelas árvores de canela quando a trilha sumia sob a vegetação. A segunda casa era menor que a anterior, mas abrigaria todos confortavelmente com duas pessoas em

cada quarto, e, o mais importante no momento: estava estocada de comida e bebida.

Não havia muita conversa entre o grupo exausto e faminto enquanto repunham as energias com um lanche farto sobre o mesão da sala. Ao terminar de beber seu terceiro copo de suco de laranja, Joana soltou uma série de palavrões quando leu as mensagens mais recentes em seu celular.

— Atiraram no meu primo —respondeu à cara de interrogação dos amigos. — Ele teve um surto no terminal de ônibus e a polícia meio que já chegou mandando bala. Ele tá no hospital. Mas não é grave. Não pegou em nenhum órgão vital, nem deu nenhuma complicação.

— Que barra — disse Téo. — Mas que bom que ele foi socorrido a tempo.

— É, nem todo mundo tem essa sorte.

— Sorte? — perguntou Mika. — Não deveria ser comum alguém necessitado ser socorrido com eficiência?

— A espécie humana é um bicho desgraçado — disse Tiago. — Cê vai aprender isso com o tempo.

Sentindo-se inquieta, Mariana pegou o celular e mandou uma mensagem para a prima, perguntando por seu pai. Paulinha respondeu menos de cinco minutos depois, dizendo que estava tudo bem e que era para ela aproveitar o resto da viagem sem preocupações.

— Ei, bora resgatar o que sobrou do Natal — disse Tiago, tentando animar o grupo. — Meu pai ainda guarda as decorações aqui em uma caixa de sapatos enfiada em algum lugar. Vamos dar uma colorida nessa casa.

O grupo se mobilizou para decorar a sala com todas as peças natalinas que Tiago conseguiu encontrar. Guirlandas desbotadas de tão velhas penduradas nas portas, bonecos de Papai Noel feitos de feltro espalhados nos parapeitos das janelas, bolas metalizadas de árvore de Natal penduradas nas cortinas e metros e metros de pisca-pisca amarrados, pendurados e enrolados na mobília e nos pregos de quadros

nas paredes. Ao final daquela arrumação em estilo barbárie kitsch, os amigos se acomodaram entre os sofás e os almofadões jogados sobre o tapete felpudo, iluminados apenas pelo pisca-pisca colorido.

— Nicolas, se outras sereias vão aparecer por causa dessa plastinoia, a gente devia dar um aviso pra galera, né? — perguntou Mariana.

— Sim, acredito que precisamos nos revelar por inteiro para os humanos para tentar aliviar o choque — disse Nicolas. — Alguma ideia de como faremos isso?

— Você tá mesmo pedindo ajuda pra sair do armário? — Téo começou a rir.

— Essa revelação não vai caber num textão — disse Joana.

— E eu não confio em site ou jornal nenhum — emendou Mariana. — Eles vão editar e mutilar a história toda pra dizer algo completamente diferente.

— Bora fazer um *streaming* — sugeriu Téo.

— Mas ninguém aqui tem canal — retrucou Joana.

— A Letícia tem um canal de ciências climáticas — disse Rodrigo.

— Quem? — perguntou Joana.

— Minha ex. Ela tá fazendo uma pós de geografia na UFF e o vlog virou meio que um programa de divulgação científica — continuou Rodrigo. — O canal não tem milhares de inscritos, mas tem um pessoal que acompanha e interage com frequência.

— Acho que serve — concordou Mariana, bocejando em seguida e disparando um ataque de bocejos nos outros.

— Beleza, beleza, mas agora eu vou dormir, gente — disse Tiago, já levantando e indo para o quarto.

— Eu também. Amanhã a gente vê direito como faz isso — falou Téo.

— Uhum, boa noite, pessoal — Rodrigo seguiu os dois.

E logo estavam todos largados sobre as camas, ventiladores no máximo e janelas abertas para afugentar o

calor e os resquícios de adrenalina.

Terça-feira, 26/12/2017

O dia seguinte foi reservado para ficar de molho na preguiça. Estava acordado que eles iriam embora na próxima manhã. Rodrigo e Mika deixaram Letícia a par dos acontecimentos e combinaram de fazer o *streaming* na ligação de telefone mais confusa que eles já tiveram. Depois de um almoço que acabou com os pacotes de macarrão da casa, o grupo foi assistir *The Good Place* na Netflix e Téo foi caminhar na praia de cascalhos que margeava aquele lado da ilha.

Nicolas o encontrou uma hora depois, sentado em uma das pedras da encosta baixa.

— Tudo bem contigo? — perguntou, se aproximando com passos macios sobre as pedras e sentando-se ao lado de Téo.

Seus pés balançavam na beirada, expostos aos respingos do mar e às cócegas da espuma.

— Pra ser sincero, tudo aconteceu rápido demais — respondeu Téo. — E eu ainda tô tentando processar a informação de que sereias existem. E *magia*! E que o oceano tem doenças, como se fosse gente.

Ela sorriu.

— O mundo não é como você imaginava.

— Ô se não é…

— Essa revelação acomete todo adolescente em processo de se tornar adulto. Terão outras muito mais cruéis nos próximos anos, então não se apegue demais a essa.

— Cê tá aqui pra me confortar ou pra jogar lenha na minha agonia?

Nicolas abraçou Téo pelo ombro para junto de si.

— Estou aqui para olhar o mar ao seu lado.

E assim eles permaneceram, em silêncio e admiração.

Mika chegou quinze minutos depois, com o mínimo de roupa que podia vestir para não irritar sua pele sensível: uma saia verde que ia até pouco acima dos joelhos, emprestada de Tiago.

— Eles descobriram um tabuleiro de War e agora o Rodrigo tá ensinando o pessoal a jogar — disse o tubareio, sentando-se ao lado de Téo.

O isolamento da ilha, a serenidade do clima fresco e o barulho do mar embalavam Téo numa paz que ele não experimentava há meses. O demirapaz se lembrou da última festa de aniversário de Diego, um amigo de turma. A festa era sempre um churrasco lotado de gente de quase metade do colégio, mais a família toda do garoto. Mas ele sempre achava um espaço perto do fim do churrasco, quando só restavam os amigos e parentes mais próximos e os últimos filetes de carne esturricada na grelha, para ir conversar com Téo num canto afastado do quintal. Eles olhavam as estrelas, discutiam constelações imaginárias e os últimos dramas de seus relacionamentos. Era um momento de intimidade que recuperava as energias de Téo e o deixava fortalecido para voltar à rotina feroz de sua adolescência no próximo dia, quando aquele santuário temporário evaporaria e Diego retornaria ao posto de borboleta social.

Téo imaginou se Nicolas e Mika também evaporariam para além do seu alcance.

— Eu não quero ir embora. E eu não quero que vocês desapareçam — confessou ele.

— Desaparecer pra onde? — perguntou o tubareio.

— Cês vão voltar pra água e eu vou voltar pra casa com meu irmão e nada vai ter mudado, na real. Aqui dentro tá tudo bagunçado de um jeito diferente agora — disse ele, batendo no peito com o punho. — Mas no mundo lá fora nada vai mudar.

— Muita coisa vai mudar, Téo. Eu e o Mika não seremos os únicos sereios entre humanos. Em breve nossas espécies precisarão aprender a conviver nos mesmos espaços.

— Uhum — concordou Mika. — Nem tudo se esconde em profundidades escuras. Muita coisa acontece na superfície, nas águas rasas, onde ainda dá pé.

— O mundo pode mudar, mas na escala pequena da minha vida tudo sempre continua o mesmo. Ou só piora — o demirapaz resmungou, desconsolado. — Sei lá, eu só tô com medo de ficar pra trás, eu acho.

— Ficar pra trás? — perguntou Mika.

— É, não cumprir nada que esperam de mim agora que acabou o colégio, sabe? Universidade, trabalho, relacionamento, família. O pacote completo. Eu já meio que quebrei metade das expectativas depois que me assumi trans e pan.

— Por que vocês se torturam tanto? — Nicolas se perguntou, sacudindo a cabeça e apertando o abraço em Téo. — Essas expectativas não estão cravadas na pedra e mudam a cada novo ciclo histórico ou, ainda mais rápido, a cada sacudida mais traumática na economia. O tempo da vida humana é tão curto e vocês tentam subdividir o pouco que têm se entupindo de obrigações e expectativas a troco de recompensas tão evanescentes.

Téo deu um suspiro tão carregado que os sereios não sabiam se era em concordância ou em desânimo para discutir. Os dois realizaram uma conversa inteira numa troca rápida de olhares e Nicolas deitou sobre a pedra, debruçando-se na beirada com a cabeça esticada para fora.

— Olha aqui — disse ela, apontando para baixo.

Téo e Mika deitaram ao seu lado e olharam para a encosta.

A inclinação rochosa de dois metros de altura estava coberta por uma série de faixas azuladas, amareladas, avermelhadas e alaranjadas, formadas por populações de

moluscos, crustáceos, esponjas, estrelas-do-mar e mais uma miríade de outras criaturas minúsculas, ocupando a pedra em diversos estratos biológicos que criavam uma paleta organizada de cores. Braços de algas esticavam-se, viçosos, da beirada onde os três amigos se debruçavam até onde a água batia naquela maré baixa.

Boquiaberto, Téo achava que só era possível ver aquele tipo de beleza em documentários sobre o fundo do mar, quando a câmera perscrutava os recifes de corais da costa australiana ou das ilhas indonésias.

— Isso é uma zona entremarés — explicou Nicolas. — Uma área que fica acima do nível da água durante a maré baixa e submersa durante a maré cheia. Boa parte do litoral dessa ilha está em uma zona entremarés, mas aqui desse lado fica mais fácil de ver.

— Parece artificial de tão certinho, todas essas faixas coloridas uma em cima da outra — disse Téo.

— Uhum, é o zoneamento natural que acontece de acordo com o nível da água. Por causa dessa mudança de condições e dos microclimas, as criaturas que florescem entremarés precisam sobreviver em meio a mudanças bruscas de temperatura e salinidade, e ao estresse mecânico que vem do impacto das ondas. É uma área rica de desafios, instabilidade e perigos, mas olha quanta vida e diversidade.

— Pera… — Téo virou o rosto para a sereia e semicerrou os olhos. — Cê vai dizer que minha vida também é tipo a desses bichos agarrados na pedra, né?

— Ei, era eu que ia fazer essa parte do discurso! — protestou Mika.

— Só tem uma diferença, Téo — falou Nicolas. — Aqui as marés têm hora marcada e a área que a água ocupa é sempre a mesma. Já na entremarés que você e os outros humanos vivem, nunca se sabe quando a água vai subir ou descer, tampouco qual será o nível de fertilização ou de

estrago da inundação. Mas, ainda assim, o terreno tende sempre a prosperar.

— Eu lembro de ter visto uma anêmona e um caranguejo-ermitão compartilhando a mesma poça de água numa depressão da pedra aquele dia, como se estivessem dormindo abraçados. Foi a cena mais peculiar… — lembra Nicolas.

— É sintomático dessas áreas também, né? É na instabilidade que as parcerias mais estranhas são formadas — comenta Letícia.

— Chegamos ao final? Acho que podemos concluir a história por aqui — diz Joana.

Téo continua interessado nas redes sociais.

— Ainda estamos populares no Twitter?

— Eu não consigo acompanhar mais nada nas redes sociais — diz Mariana. — E a gente já recebeu trocentos pedidos de blogs e jornais querendo fazer matérias.

— Não desejo falar com jornalistas — declara Mika.

Nicolas completa a fala do tubareio.

— E eu já disse o necessário. As próximas sereias a emergirem das praias podem falar por elas mesmas.

— Beleza, então acabamos.

Joana fecha o bloco de notas.

— Meio anticlimático.

Téo faz um floreio exagerado com as mãos e declara:

— *The end*.

A discussão é interrompida pela mãe da Letícia entrando na casa pela porta da cozinha. Margarete mantém as mãos esticadas na posição de quem acabou de fazer as unhas.

— A Lúcia tava contando no salão que mandaram fechar o comércio amanhã.

— Quem mataram dessa vez? — pergunta Letícia com um grunhido.

— Cabeça de Boi. Ou Cabeça de Vaca. Era Cabeça-de-algum-gado o nome do rapaz. Ah, e já acabou a água. Só vai cair daqui a dois dias.

Letícia leva as mãos à cabeça.

— Esqueci de encher os baldes!

— Ih, já acabou aqui, daqui a pouco deve acabar lá em casa também — comenta Joana.

— Deixa eu ligar pro meu pai e arranjar pra todo mundo ir pra cobertura em Piratininga — diz Tiago, tirando o celular do bolso.

Téo cruza as mãos atrás da cabeça, se reclina e suspira:

— Aaah, as vantagens de ser amigo do Jaden Smith…

— Aliás, a gente já pode aproveitar e ficar lá pro ano novo, se vocês toparem.

— Topadíssimo! Podia rolar da gente fazer um *repeat* do Natal também, hein.

Joana revira os olhos.

— Lá vem…

— Pra gente finalmente ter uma ceia! Sem cataclismos eco mágicos pra atrapalhar — diz Téo.

— Tu é folgado pra cacete.

— Só pensa em comer — comenta Mariana.

Letícia se levanta do sofá e se aproxima do notebook.

— Gente, o *streaming* ainda tá rodando.

Os Quinze Natais de Benedita

Mareska Cruz

A vida da família Moreira era muito calma, pacata, quase sem graça. As comemorações festivas não passavam em branco, mas também não eram nada memoráveis. Até Benedita nascer. Por fotos, depoimentos de parentes e flashes falhos de memória, a garota tinha uma vaga lembrança de como tinha sido seu primeiro Natal, com um ano de idade. Usava um vestidinho engomado, as mangas levemente bufantes e a saia rodada com tule, uma meia calça quase transparente com bolinhas brancas e sapatos de boneca igualmente brancos de verniz, com uma fivela prateada. Nos cabelos castanhos curtinhos, uma faixa de tecido perolado, como uma tiara. Parecia um anjinho. Mas só parecia.

Poucas horas depois, e alguns gritos, com a roupa suja de molho de frango, a meia calça rasgada e um pé de sapato perdido, enquanto alimentava o cachorro Bartolomeu com uma coxa de peru, Benedita já não parecia mais tanto assim um anjinho. Na verdade, vovó Benê, a Benedita original, tinha lhe chamado de vários nomes que a neta só aprenderia o que significavam muitos anos depois, o que fez Anita, mãe de Benedita, tirar a filha da sala e deixá-la de castigo no quarto para evitar maiores desastres.

Benedita olhou em volta, deu de ombros e nem ligou muito, afinal, tudo era colorido e piscante, mas seu quarto também era colorido e piscante todos os dias, com a vantagem de não ter que usar roupas que impediam sua mobilidade. Ela jogou sua boneca nova no chão para que Bartolomeu pudesse mastigá-la, deitou-se na pequena cama e dormiu, afinal ela não tinha nada a ver com aquela bagunça.

O Natal de dois e três anos de idade haviam sido passados na casa de praia dos avós paternos.

No de dois anos, fizeram uma grande ceia coletiva na areia junto com muitas outras famílias. Teve fogos de artifício, troca de presentes e comidas gostosas bem variadas dispostas em mesas compridas. Tinha até uma árvore de natal pequena, dentro de um vaso e sem pisca-pisca, mas ainda assim decorada com bolas vermelhas e azuis e uma ponteira em forma de estrela dourada.

Benedita correu e pulou no mar, sendo tirada de lá na marra e às pressas pelo pai, Marcelo, antes que as outras crianças se sentissem tentadas a imitar o gesto da filha. Depois Benedita caiu e comeu areia, e enquanto a mãe corria para tentar limpar a boca da menina, ela e o cachorro se esconderam atrás de uma pedra. Ficaram todos desesperados procurando os dois, enquanto Benedita dava risadinhas e alimentava Bartolomeu com uma coxa de peru.

O natal dos três anos foi passado dentro da casa de praia por causa da chuva forte (o que Anita agradeceu silenciosamente, era uma benção poder manter a pequena Benedita longe da praia), sem grandes incidentes pela maior parte da noite. A menina a essa altura já entendia a cumplicidade que existia entre ela e Bartolomeu, então foi por isso que quando percebeu que ele olhava atentamente para a árvore de natal, toda cheia de enfeites balançando, logo entendeu o que o amigo queria e foi prontamente atendê-lo. Com a ajuda dos primos Rafael e Maria Pia, Benedita sacudiu e derrubou a árvore de natal no chão,

enquanto o enorme labrador atacava os galhos todo feliz à procura de sua bola verde preferida, que alguém tinha jogado sem querer no meio da árvore. À medida que toda a família gritava desesperada e tentava descobrir quem era o culpado do assassinato do pobre pinheiro, o cachorro sorrateiramente roubou de cima da mesa da ceia uma coxa de peru e levou para dividir com Benedita atrás do sofá.

Com quatro anos, a introdução da figura do papai noel deixou Benedita meio confusa. Ela já tinha percebido que muito da decoração natalina girava em torno de enfeites de um senhor robusto, vestido de vermelho com botas pretas e uma touca vermelha com um pompom branco na ponta, e tinha sempre uma grande barba e óculos. Benedita não entendia porque é que ele podia se vestir ridículo daquele jeito enquanto ela era obrigada a usar os vestidos cheios de babados e frufrus e sapatos desconfortáveis que sua mãe escolhia para a ocasião. Ela também queria se vestir ridícula, oras. Também não entendia porque é que os primos gostavam tanto daquele cara esquisito de fantasia.

Se dependesse dela, até usaria um vestido bonito, como aquele da sua fantasia de Cinderela, mas junto com o cinto do Batman e um sabre de luz, afinal sempre ouvia sua mãe falar sobre como todo Natal algum desastre acontecia, e Benedita tinha certeza que podia proteger todo mundo. Bartolomeu, que era enorme, marrom e muito peludo, parecia concordar.

Benedita achou que o seu amigo canino parecia meio pelado em comparação a todo mundo, então deu um jeito de roubar um dos gorros do tal papai noel para colocar nele. Ainda achando que faltava alguma coisa, remexeu na gaveta de gravatas do pai e escolheu uma cor de vinho, amarrando como um laço ao redor do pescoço do cachorro. Todo mundo achou aquilo uma gracinha e as coisas finalmente pareciam dar sinal de que nada ruim ia acontecer, até que a campainha tocou. O pai foi atender, e Benedita e Bartolomeu ficaram observando de longe quem

poderia ser a pessoa atrasada e, pior, chegando justamente na hora da sobremesa. Todo mundo sabia que quanto mais gente na hora da sobremesa, menos sobremesa sobrava.

Os olhos de Benedita se arregalaram ao ver quem era aquela pessoa desconhecida, enorme, vestida de vermelho, rindo de maneira ameaçadora e segurando um grande saco marrom.

Era o papai Noel.

O problema é que ninguém tinha se prontificado a dizer a Benedita quem era o papai noel. O pai assumiu que a mãe tinha contado, que assumiu que a avó havia explicado, que assumiu que o avô tinha esclarecido tudo, que assumiu que alguém, em algum lugar, já tinha deixado a menina inteirada em tudo que havia para saber sobre quem era o papai noel e o que ele fazia.

Mas ninguém havia contado.

Foi por isso que Benedita, destemida como era, decidiu que, se os adultos não iam fazer nada a respeito daquela pessoa esquisitíssima invadindo a casa com um saco marrom para roubar a sobremesa, ela e Bartolomeu iriam. Benedita correu na cozinha e pegou o martelinho de ferro que a avó usava para bater carne na gaveta, correu em direção ao papai noel e antes que seus pais pudessem fazer qualquer coisa a respeito, passou na frente dos primos e jogou com toda a força dos seus quatro anos o martelinho na perna do homem, enquanto Bartolomeu latia e rosnava incessantemente. No susto, o papai noel caiu no chão e Bartolomeu aproveitou a oportunidade e pulou em cima dele, rosnando e olhando triunfante à sua volta, enquanto os pais de Benedita a seguravam no colo e a levavam para longe dali e os avós pediam um milhão de desculpas àquele que mais tarde diriam à Benedita ser só o tio Valter fantasiado.

Benedita e Bartolomeu ficaram trancados no quarto, de castigo, sem sobremesa e sem coxa de peru. Ela deu de ombros e deitou-se para dormir, com o cachorro ao lado,

porque adultos eram todos loucos mesmo e ela não tinha nada a ver com aquela bagunça. Sem contar que certamente Maria Pia já tinha escondido um pedaço de bolo para ela e uma coxa de peru para Bartolomeu.

Aos cinco anos, o natal foi no hospital. Benedita pegou uma virose muito forte e acabou sendo internada para tomar soro justo na tarde do dia 24, e teria que ficar lá o resto da noite em observação. Seus pais levaram para o quarto uma árvore de natal de plástico, pequena e meio feia, mas que teria que servir. Benedita, deitada na cama com o soro no braço, teve que se contentar com a comida ruim do hospital, enquanto seus pais comeram rapidamente na lanchonete do andar de baixo. Os avós, tios e primos fizeram uma visita rápida para levar os presentes, mas não poderiam ficar muito tempo - regras do hospital, então aquela noite seria apenas entre Benedita e seus pais.

Ela chorou um pouquinho, depois um poucão, porque o hospital não permitia a entrada de animais. Sua mãe garantiu que Bartolomeu não passaria o natal sozinho: seu tio ficaria cuidando dele naquela noite. Nada parecia acalmar a menina, até que a mãe entendeu a razão.

— A coxa de peru dele, mãe! — Benedita dizia, num chorinho doído de criança preocupada com o melhor amigo.

A mãe rapidamente pegou o telefone e depois de poucos minutos de conversa, garantiu a Benedita que Bartolomeu não ficaria sem uma coxa de peru no natal. A menina só ficou aliviada quando deu meia-noite e o celular da mãe apitou com uma mensagem do tio: uma foto de Bartolomeu ao lado de Rafael e Maria Pia, com um gorro de papai noel e uma enorme coxa de peru na boca. Benedita suspirou aliviada e deixou o sono levar a melhor.

Aos seis anos, Benedita passou o natal quieta e pensativa, o que deixou todo mundo preocupado. Ela ficou a maior parte do tempo sentada no sofá, Bartolomeu deitado com a cabeça em seu colo.

— Dita... — a mãe sentou-se ao lado da filha. — O que foi?

Tinha alguns dias que ela havia notado que a menina andava meio distraída, mas se aquilo tinha se arrastado a ponto de interferir no caos que todo ano sua cria causava no natal, devia ser algo importante.

— Na escola a professora disse que era pra gente fazer um presente de natal pra pessoa que a gente mais gostava — Benedita disse, a sobrancelha franzida, concentrada. — Eu fiz um desenho de tinta e dei de presente pra Clara.

A mãe sabia quem era Clara. Uma garotinha baixinha, de óculos e cadarços sempre desamarrados.

— E ela não gostou do presente? — a mãe perguntou com cuidado, pensando que talvez aquele fosse o problema. Ninguém gosta de ter um presente rejeitado.

— Ela gostou e me deu um abraço, e eu dei um beijo na bochecha dela, aí ela me deu um desenho de giz de cera e a gente ficou de mãos dadas, mas a professora disse que não podia.

— O que não podia? — a mãe voltou a especular. Talvez houvesse alguma regra de troca de presentes que as duas haviam quebrado sem querer.

— Não podia ficar de mãos dadas! — Benedita respondeu, cruzando os braços. Bartolomeu percebeu a irritação da menina e ficou observando-a com atenção. — Ela disse que a gente fica de mãos dadas com o menino que gosta, mas eu gosto da Clara, mãe.

— Claro que gosta, vocês são amigas, e não tem problema amigas ficarem de mãos dadas — Anita respondeu, sabendo que sua explicação não soava tão segura quanto deveria. O problema é que ela tinha uma leve desconfiança do que poderia ter sido o problema, mas tinha esperança de estar errada.

— Não, mãe. A Clara é minha amiga e eu gosto dela. Igual o Felipe deu um pedaço do chocolate dele pra Maria Fernanda e ela pegou na mão dele. Por que eu não posso? —

Benedita perguntou, sem esconder a frustração. Bartolomeu cutucou a barriga dela com o focinho, e Benedita, quando percebeu que a mãe não sabia o que responder, logo se distraiu fazendo carinho no cachorro.

Então o problema era aquele. Na verdade, nem deveria ser um problema. Obviamente a primeira coisa que Anita faria assim que as aulas recomeçassem seria marcar uma reunião com a professora e, caso fosse necessário, com a coordenadora e a diretora. Dependendo das explicações que ouvisse, mudaria a filha de escola. Teria que fazer uma boa pesquisa até escolher uma mais adequada, de preferência com professores compreensivos, mas aquilo era a parte fácil de resolver.

Seu coração de mãe já começava a apertar ao pensar nas dificuldades pelas quais sua filha ainda ia passar caso ela gostasse de outras Claras.

No natal de sete anos, Benedita passou o tempo todo no quarto. Bartolomeu, que já era bem velhinho, estava com um problema renal e sentindo dores nas patas traseiras, e enquanto o resultado dos exames não ficava pronto para saberem se precisaria ou não de cirurgia, ele passava quase todo o tempo deitado na cama, quietinho. Benedita se recusou a sair do lado dele, e seus pais decidiram deixar que ela ficasse lá. Improvisaram uma árvore de natal como a de plástico que usaram quando Benedita ficou internada e a enrolaram em pisca-pisca, pois Bartolomeu adorava as luzinhas coloridas.

O entra e sai do quarto de Benedita era grande, mas ela não parecia particularmente abalada. Seu melhor amigo estava doente, mas logo ia ficar bem novamente. Ela mesma já tinha passado um natal no hospital, e tinha sido bem chato, mas logo ficou boa e voltou para casa. Bartolomeu até em casa já estava! Ele parecia meio amuadinho, mas seria questão de tempo até que voltasse a correr pelas escadas e praticar suas caminhadas diárias ao

lado dos gatos da vizinhança, já que era um cachorro muito sociável.

Perto da meia-noite o pai de Benedita, vestido de papai noel, trouxe para Bartolomeu duas coxas de peru, que ele comeu bem aos pouquinhos, as luzes coloridas do pisca-pisca refletindo nos olhinhos castanhos dele e de Benedita.

O natal de oito anos foi o primeiro com os pais divorciados. Quando anunciaram a decisão, no começo do ano, Benedita não ficou surpresa. Ela era criança, mas não era boba. Já tinha notado que havia alguma coisa errada com seus pais: eles não eram mais tão carinhosos um com o outro como antes, sua mãe já não cozinhava mais a lasanha do jeito que o pai gostava e pareciam sempre mudar de assunto de última hora quando ela entrava na sala de surpresa.

Ficou decidido que Benedita (e Bartolomeu, obviamente) ficaria com a mãe na casa e o pai se mudaria para um apartamento. Ele ficaria com ela aos finais de semana, mas se quisesse vê-la também em outros dias não teria problema.

Os meses se passaram cheios de adaptações e um cede daqui o outro cede dali, até chegar a época do natal. Naquele ano, conforme o acordo do divórcio, Benedita passaria a data com a mãe. Ainda que o término do casamento tenha sido de comum acordo e os dois tentassem ao máximo manter uma relação minimamente cordial por causa da filha, mesmo assim se falavam apenas o mínimo necessário. Ainda havia sobrado algumas arestas entre eles que levariam mais do que alguns meses para serem aparadas.

Mas havia o natal. O primeiro em que Benedita não teria os dois pais em casa, e o primeiro em que um dos pais não passaria com a filha, e mesmo sabendo que esse era o tipo de situação que muitas famílias passavam todos os anos, quando o calo que aperta é nosso, dói muito mais. Anita e Marcelo não tinham muita certeza do que fazer.

Talvez a melhor resolução seria passar metade do natal com o pai e a outra metade com a mãe, assim nenhum dos dois teria que abrir mão de curtir o momento com Benedita.

Só que eles também não queriam correr o risco de perder experiências. E se a filha e Bartolomeu fizessem algum absurdo digno de ser filmado enquanto estivessem na casa do pai ou da mãe? Vídeos são divertidos, mas não é a mesma coisa do que ver ao vivo. Iam dividir o natal da filha ao meio?

Iam dividir o natal *deles* ao meio?

— Tem que ver o que vocês preferem, né — respondeu Benedita quando a mãe lhe perguntou como ela gostaria de fazer no natal.

Enquanto a filha voltava a brincar com o cachorro, Anita ligou para o ex-marido, e ao contar a resposta da filha, ficou meio óbvio, ainda que por telefone, que os dois murcharam um pouquinho. Benedita tinha encarado o divórcio deles da maneira mais madura que uma criança de oito anos poderia ser. Não ficou revoltada, não chorou, não fez birra. Papai e mamãe iam se separar, mas a amavam muito e a única coisa que mudaria é que eles não seriam mais casados. Benedita disse “ok” e os dois assumiram que tudo estava ok.

Então bateu o remorso que os dois sabiam que muitos casais divorciados também tinham no começo, mas o deles era mais dolorido porque era deles: mudaram toda a vida de Benedita, mas e se não estivesse tão ok assim? Se sentiram um pouco egoístas, como se estivessem tirando dela alguma coisa que eles não sabiam exatamente o que era apenas porque não se amavam mais. Benedita se adaptou da melhor maneira que pôde a todas as mudanças que eles fizeram, mas não tinham mais tanta certeza se tinham estendido a mesma cortesia à filha. Ficava cada vez mais claro que divórcio era uma coisa muito mais complicada do que só separação de bens e cada um ir para um canto.

Foi por isso que decidiram que ainda que os dois tivessem problemas não resolvidos, eles podiam respirar fundo e deixar essas diferenças para trás por pelo menos uma noite.

Benedita não compartilhava das mesmas preocupações que os pais. Tinha ficado triste no começo por eles não estarem mais juntos, mas aquilo não era também um bicho de sete cabeças. Ela tinha vários colegas na escola que também não tinham pais que moravam juntos, alguns inclusive já tinham casado com outras pessoas. Ela morava com a mãe, passava os fins de semana com o pai (e alguns dias da semana), e era isso. Não era uma situação tão absurda assim. É claro que ela preferia que eles ainda estivessem juntos, mas todos os seus colegas com pais separados lhe falaram a mesma coisa: às vezes é melhor assim para todo mundo. E às vezes você ganha dois presentes de natal, e essa possibilidade deixou Benedita bem animada.

Nem passava pela sua cabeça o drama interno pelo qual os pais especulavam. A rotina tinha mudado, o natal seria o mesmo, talvez mudasse depois, o importante é que ela ainda tivesse garantido seu presente e que Bartolomeu ainda ganhasse sua coxa de peru.

De fato, Bartolomeu ganhou sua coxa de peru, mas Benedita ganhou um presente só e considerou aquilo meio injusto, mas achou melhor não falar nada.

Aos nove anos, Benedita passou pelo Natal Que Não Deve Ser Nomeado, quando a avó decidiu adotar uma capivara que às vezes aparecia no terreno em frente à casa dela. Colocou um chapeuzinho de papai noel e a deixou sentadinha no sofá, para horror dos parentes e fascinação de Benedita. Bartolomeu ficou um pouco indignado por ter que dividir a atenção.

O problema foi que capivaras fazem cocô, e aparentemente não sabem que isso deve ser feito na grama do quintal, e não no meio da sala.

Quase ninguém comeu na ceia, com a exceção de Bartolomeu, que naquele ano, para sua felicidade, ganhou duas coxas de peru. Enquanto até os primos ficavam com nojo, Benedita morria de dar risada.

— Tem cocô de capivara espalhado pela casa inteira, Dita, não é possível que você ache isso engraçado! — Maria Pia reclamou, horrorizada.

Benedita deu de ombros.

— Todo natal acontece alguma coisa assim, nunca reparou?

— Nunca teve natal com cocô pela casa!

— Não, mas olha só, me acompanha aqui — e Benedita relembrou todos os acontecimentos natalinos dos últimos nove anos.

— Nossa! — Maria Pia estava impressionada. — Você lembra mesmo de tudo isso?

— Lembro — Benedita deu de ombros. — Eu adoro natal.

Com dez anos, Benedita quebrou o coração do tio Valter ao explicar que ele não precisava mais se fantasiar de papai noel. Não tinha na família nenhuma criança mais nova do que ela e, para ser bem sincera, Benedita nunca engoliu muito bem a ideia do papai noel porque sabia muito bem que seus presentes eram comprados pelos seus pais.

— Tá tudo bem, tio... não precisa se trocar — Benedita até tentou consolá-lo, e o tio bem que tentou respirar fundo e ser uma pessoa madura, mas passou o resto da noite resmungando que alguém da família precisava ter filhos urgentemente.

Enquanto Benedita brincava com os primos, Bartolomeu dormia no meio do tapete, de barriga para cima. Incomodado com o barulho, deu uma cabeçada de leve na menina, anunciando que iria dormir no quarto, onde era mais tranquilo. Benedita poderia levar a coxa de peru dele quando fosse a hora da ceia.

A troca de presentes entre os adultos daquele ano tinha sido um desastroso amigo secreto em que todo mundo fingiu que ficou feliz com o que ganhou, mas silenciosamente concordaram que nunca mais fariam algo assim novamente. Benedita e os primos acharam os adultos meio burros, porque era mais fácil cada um ter colocado no papelzinho o que exatamente queria ganhar, mas acharam melhor não dizer nada; adultos eram doidos e, como já dito muitas vezes, eles não tinham nada a ver com aquela bagunça.

Na hora da ceia, Benedita correu até o quarto com a coxa de peru de Bartolomeu, que dormia preguiçosamente bem no meio da cama. Ela chamou uma vez, duas, três. Estranhou um pouco, porque era só ele sentir o cheiro da comida que ficava atento na mesma hora, mas atribuiu aquela preguiça à velhice dele.

Foi até a cama, colocou a coxa de peru logo perto do nariz dele, e nada. O sono estava tão pesado assim? Devia ser cansaço. Deu um cutucão, dois, três, e nada. Não era possível. Tinha alguma coisa errada ali. Benedita saiu correndo do quarto, ainda segurando a coxa de peru.

— Mãe! O Bartolomeu não tá acordando! — ela reclamou, chamando a atenção da mãe, que conversava com alguns parentes no sofá.

— Deixa ele dormir, Dita. Ele já não é mais filhote, não aguenta seu ritmo — a mãe explicou.

— Não, mãe! Eu já cutuquei três vezes e ele não se mexe, tem alguma coisa errada, vai lá ver! — Benedita insistiu, puxando a blusa da mãe com a mão engordurada.

Anita pediu licença aos parentes e seguiu a filha, que foi correndo na frente. Lá, no meio da cama, bem confortável na colcha listrada de azul marinho e branco, estava Bartolomeu. Benedita ficou esperando na porta, enquanto a mãe chegava mais perto e dava uma examinada com calma no cachorro. Ela certamente saberia como acordá-lo.

Porque ele ia acordar, não ia? Era Natal. Ele tinha que acordar. A coxa de peru dele logo ia esfriar.

Anita suspirou e ainda de costas para Benedita esfregou o rosto com as mãos. O que ela ia fazer agora? Virou-se e foi em direção à filha.

— Dita, meu anjo, vem cá — ela chamou, colocando um braço em torno dos ombros da filha, tirando-a do quarto e levando-a até a sala. — Fica aqui um pouquinho que eu já venho.

— Mãe, ele vai acordar, né? — Benedita perguntou, aflita.

— Eu já volto, meu amor — Anita insistiu, e foi atrás do ex marido na cozinha. Benedita ficou sentada na poltrona, mexendo as pernas sem parar, apertando a coxa de peru na mão enquanto seus pais e a avó iam até o quarto dela.

— O que foi? — Rafael perguntou. — Volta lá na TV, a Maria Pia não quer mais jogar e se ninguém jogar comigo eu vou ter que desligar o videogame e colocar no especial do Roberto Carlos!

— Eu não aguento mais esse jogo chato de futebol, pelo amor de Deus, Rafael, você tem mil jogos diferentes e só joga esse negócio — Maria Pia reclamou fazendo cara feia.

— Pelo menos eu não tenho nome de lavatório de banheiro! — Rafael retrucou, soando infantil.

— De cozinha também — Maria Pia disse, revirando os olhos. Ela não tinha culpa que sua mãe tinha resolvido homenagear a bisavó portuguesa.

Benedita mal prestava atenção na discussão dos primos, focada no corredor que levava até os quartos. Alguns poucos minutos se passaram quando a avó de Benedita apareceu primeiro, andando em sua direção, limpando alguma sujeira imaginária do vestido florido que usava. Logo atrás dela vieram a mãe e o pai, ela meio

cabisbaixa e ele segurando algo enrolado na colcha da cama de Benedita.

— Dita — a avó começou, mas logo fechou a boca. Não sabia como contar. Os primos de Benedita se entreolharam.

— Bartolomeu não vai acordar, não é? — Benedita disse, respirando fundo, o rosto ficando vermelho não se sabia se de tristeza ou de nervoso. — Ele morreu, não é?

A mãe sentou-se ao lado da filha em um dos braços da poltrona, enquanto o ex-marido chamava o tio Valter para acompanhá-lo até um veterinário 24 horas.

— Ele já era bem velhinho, filha — a mãe consolou, passando a mão pelos cabelos de Benedita. — Agora ele descansou.

Já tinha uns dois anos, desde que os problemas nos rins começaram, que Bartolomeu andava mais cansado, dormindo mais e com alguns problemas de saúde que demoravam mais do que o normal para passar. Ele ter morrido de velhice não era inesperado, mas aquilo ter acontecido justamente no natal...

Benedita respirou fundo mais uma vez, e marchou em direção ao seu quarto.

— Eu odeio natal! — declarou, jogando a coxa de peru no chão enquanto desaparecia pelo corredor.

Benedita não contou mais nenhum natal desde então.

— Ô mãe, dá pra senhora controlar seu filho aqui, faz o favor? — Benedita reclamou pela segunda vez em menos de meia hora.

— Adoraria, mas agora estou ocupada. Chama o Pedro — a mãe respondeu, passando pela sala de jantar enrolada numa toalha e usando outra para secar os cabelos.

— Pedro, vem cá, tenho uma surpresa pra você! — Benedita gritou, chamando pelo padrasto, que entrou

correndo na sala.

— O que ele esfregou na cara dessa vez? — ele perguntou, tirando Igor da cadeirinha.

— Tudo que era possível e mais alguma coisa que ele cuspiu — Benedita respondeu, olhando com um pouquinho de nojo para o irmão de dois anos e meio, que estava sorrindo e se chacoalhando todo com o rosto quase completamente coberto de papinha de nenê.

Pedro fez cara de sofrimento enquanto levava Igor até o banheiro. Benedita tomou seu suco sem pressa e sem fazer muita questão de ajudar. Gostava muito do irmão mais novo, mas só quando ele estava limpinho e cheiroso. Igor tinha uma energia sem igual e estava sempre se chacoalhando e tentando pegar e puxar tudo que estava ao seu alcance e, quando não conseguia, ele se jogava sem medo em direção ao objeto de desejo, para desespero dos pais. Benedita achava aquilo engraçadíssimo.

Pedro costumava levá-la até o colégio de carro, já que era caminho até o escritório em que trabalhava, mas como agora estava ocupado tentando dar banho em Igor, que protestava aos berros, Benedita avisou a mãe, pegou a mochila e aproveitou para ir a pé antes que pudessem impedi-la. Enquanto esperava o elevador, sentiu um chute de leve na panturrilha.

— Igor deu curto circuito de novo? — perguntou Domitila, largando a mochila pesada no chão.

— Tentou comer papinha pelos ouvidos. Não foi muito bem-sucedido — Benedita respondeu, dando de ombros.

Benedita e Domitila estudavam juntas desde a primeira série, mas só se aproximaram quando a Anita se casou com Pedro há três anos e eles se mudaram para o apartamento vizinho ao que Domitila morava com a mãe.

— Que negócio é esse na sua cabeça? — Benedita perguntou, apontando para alguma coisa preta enfiada no elástico que prendia os cabelos crespos de Domitila.

— Cabelo — respondeu Domitila.

Benedita fechou os olhos e respirou fundo, fazendo a amiga rir. Benedita adorava o riso de Domitila, mesmo quando ela era o alvo dele.

— É uma aranha de plástico. Tem outras atrás — Domitila virou de costas para mostrar o coque alto que usava. Tinha uma aranha grande no topo e duas menores perto da nuca.

— Eu nunca vou entender esse amor todo pelo Dia das Bruxas!

— Eu nunca vou entender a sua *falta* de amor pelo Dia das Bruxas. É a melhor data do ano!

— Você diz isso de todas as datas do ano.

Domitila deu de ombros. Era verdade. No carnaval, a garota mudava todos os toques do celular para marchinhas e jogava confete e serpentina na cara das pessoas no colégio (ela sempre acabava na diretoria por isso). No dia dos namorados, comprava flores para todas as amigas e amigos mais chegados e andava pelos corredores da escola jogando coraçõezinhos de papel vermelho com glitter na cara dos casais (ela sempre acabava na diretoria por isso também). Na época de festa junina, era sempre a primeira a se candidatar para coordenar as barraquinhas da festa do colégio e coreografar a quadrilha, e era sempre eleita por unanimidade. No dia das crianças, usava meias coloridas e fazia maratonas de desenho animado. No Dia das Bruxas, a maratona era de filmes de terror.

Domitila só tinha problema com duas datas. Páscoa, que ela não comemorava (e detestava) porque tinha alergia a chocolate, e Natal, por causa de Benedita.

Não era difícil conseguir arrastar a amiga para as outras comemorações, ainda que ela soubesse que Benedita só o fazia para agradá-la, tanto que ela até abriu mão de se empanturrar de chocolate em solidariedade a Domitila.

Domitila adorava receber aquele tipo de atenção de Benedita e não fazia questão de esconder. Mas, por enquanto, se contentava em esperar até que acontecesse

algum *Momento Especial* em que ela pudesse finalmente jogar um coração vermelho com glitter direto na cara de Benedita e comemorar um dia dos namorados de verdade. Só as duas. Afinal, tinha quase certeza de que a atenção que recebia de Benedita ia um pouquinho além de amizade.

Mas natal era um enorme problema, e ela não sabia muito bem a razão. Só sabia que tinha alguma coisa a ver com um cachorro, mas a amiga não falava sobre isso e a mãe de Domitila também não sabia.

Ela sempre poderia perguntar direto para a mãe de Benedita ou para Rafael ou Maria Pia, mas não queria saber algo que parecia importante assim por outras pessoas. Se um dia Benedita decidisse contar, então ótimo. Isso não impedia Domitila de tentar convencê-la a ter pelo menos um pouco de espírito natalino, mas acabava sempre sendo malsucedida. "Eu odeio natal", Benedita sempre dizia sendo o próprio Grinch.

Domitila intuía que tinha alguma coisa por trás desse desprezo natalino de Benedita, e não ia parar de insistir até conseguir descobrir o que era.

Afinal, Benedita sempre reclamava e resmungava, mas até aquele momento nunca tinha dito a Domitila que parasse de insistir.

— Todas as datas comemorativas do ano são sensacionais. Menos a Páscoa. Páscoa devia ser riscada do calendário! — Domitila declarou. — Se eu não posso comer chocolate, ninguém devia poder. Questão de solidariedade.

— É justo — Benedita concordou, enquanto caminhavam em direção ao colégio.

— Será que algum dia ele vai parar de me odiar? — perguntou Benedita, mais para ela mesma do que para Domitila e os primos.

— Duvido muito — disse Rafael, mexendo o milk-shake de baunilha com o canudo. Tinha sido um milagre conseguirem uma mesa livre tão rápido. Aquela lanchonete vivia lotada. — Você foi bem babaca com ele.

— Não foi minha intenção e ele não me deixou explicar! — Benedita se justificou, tentando enfiar uma batata-frita no milk-shake do primo e tomando um tapa na mão por isso.

— Isso não importa muito, o fora que você deu nele foi meio grosseiro — Maria Pia comentou, e Domitila concordou com a cabeça.

— Mas eu não gostava dele o tanto que ele esperava que eu gostasse. O que vocês queriam que eu fizesse?

— Que não terminasse com o Júlio no aniversário dele? — Domitila afirmou, surpresa exatamente em ter que apontar o óbvio.

— Mas eu nem sabia que era aniversário dele! — Benedita tentou se defender, mas pareceu perceber que aquilo não era exatamente uma defesa muito válida. — E fazia só dois meses que estávamos saindo, não era nem namoro.

— Irrelevante — Rafael disse, batendo a mão na mesa. — Você foi babaca. Devia pagar nosso almoço por isso.

Benedita soltou um riso falso, e apesar de não querer admitir, no fundo sabia que tinha mesmo sido insensível com Júlio. Mas agora não havia nada que ela pudesse fazer: ele a odiava e ela ia ter que lidar com isso. Ela achava ele um cara legal e, talvez, com o tempo, ela pudesse gostar dele da mesma maneira que ele gostava dela. Isso se os sentimentos de Benedita já não estivessem há um tempo virados na direção de Domitila, que ainda não sabia disso, e nem ia saber tão cedo. Talvez. Um dia. Benedita ainda não sabia quando.

Se fosse alguma outra garota, talvez se declarar fosse mais fácil. Ou talvez dar algumas indiretas e ver como Domitila reagiria, mas sempre havia a possibilidade de dar

tudo errado e a amizade entre as duas nunca mais ser a mesma. Benedita podia lidar com uma possível rejeição amorosa dela (ainda que não seria fácil e a ideia lhe desse dor de estômago), mas não com um possível afastamento da amiga por causa de uma declaração desastrosa.

Benedita não teve tantos problemas assim para perceber que gostava de garotos e de garotas, e parte disso foi graças a seus pais. Os dois sempre a deixaram confortável o suficiente para conversar com eles sobre tudo o que achava necessário e em seu próprio tempo, então a descoberta da palavra “bissexual”, do que ela significava e de que era assim que ela se identificava, tinha sido tão tranquila quanto poderia. Infelizmente isso também significou alguns sustos ao perceber que as pessoas fora de sua casa às vezes não eram tão compreensivas assim como seus pais, mas não havia nada que ela pudesse fazer além de lidar com as situações conforme elas fossem acontecendo.

Nesse momento da vida dela, lhe bastava saber que vários de seus colegas não se importavam, que Maria Pia e Rafael continuavam gostando dela como sempre e que Domitila continuava sua amiga.

O celular de Maria Pia apitou pela décima vez desde que eles estavam sentados na lanchonete do shopping, e os hambúrgueres nem haviam chegado ainda.

— Qual é a do desespero? — Benedita perguntou.

— Minha mãe. Mal estamos em novembro e ela já começou as decorações de Natal, e fica pedindo minha opinião o tempo todo — Maria Pia respondeu enquanto lia a mensagem.

Benedita fez o melhor que pôde para não fechar a cara. Ela tinha sobrevivido à ida até a lanchonete, aguentando toda aquela decoração de natal cafona das lojas e dos corredores, podia aguentar uma breve pausa na conversa por causa daquele assunto. Pelo menos ela não era mais o alvo do julgamento deles.

— Domi, vai ficar por aqui pro natal? — Rafael perguntou. — Nós quatro podíamos fazer alguma coisa dia 25 depois do almoço.

— Eu vou passar na casa da minha tia em Salvador — Domitila respondeu. — Viajo no meio de dezembro e volto só no fim de janeiro.

— Acho que nunca passamos o natal longe da família — Maria Pia comentou. — No máximo muda a casa do anfitrião. O tio Marcelo vem pro Brasil esse ano? — ela perguntou para Benedita. Se o pai da prima viesse, sempre havia a possibilidade de ganhar mais presentes por causa das lembrancinhas que ele poderia trazer do México.

— Vem, mas só dia 23 de dezembro, aí fica até um pouco depois do ano novo — Benedita respondeu, impaciente.

No ano anterior, o pai de Benedita tinha recebido uma promoção na empresa em que trabalhava e, como consequência, teria que passar três anos trabalhando na adaptação da nova filial mexicana. Marcelo só conseguiria vir para o Brasil uma vez por ano, emendando o natal e o ano novo, mas ele e a filha se falavam e trocavam mensagens todos os dias.

— A vovó vai gostar. Será que ela vai virar a doida do natal esse ano de novo? — Rafael comentou, despertando a curiosidade de Domitila.

— Doida do natal? — ela perguntou.

Benedita aproveitou a chegada da comida para bloquear a conversa entre os primos e Domitila. Não ia demorar muito para que logo começassem a trocar histórias de natal, e aquele era o último assunto com o qual ela se importava ou queria participar.

Desde *aquele* natal desastroso, ela havia parado de se importar com a data. Continuava indo com a família todos os anos, porque não tinha se tornado tão coração de pedra a ponto de decepcionar os avós, mas não fazia questão de realmente participar da comemoração. Ia sempre vestida de

qualquer jeito, mesmo diante dos protestos da mãe, e passava o tempo todo sentada no sofá mexendo no celular ou jogando videogame com Rafael. Não chegava a ser mal-educada com os parentes, mas não fazia muito esforço para manter uma conversa decente. Era a troca de presentes, a ceia, os cumprimentos à meia-noite e então dizia que estava com sono e fingia que ia dormir, aproveitando o sossego para assistir alguma coisa pelo notebook.

Talvez esse ano ela fingisse que estava passando mal, quem sabe assim a mãe a deixaria ficar em casa ou ir embora mais cedo.

Maria Pia, sendo muito boa em fazer várias coisas ao mesmo tempo, participava ativamente da conversa com Rafael e Domitila e prestava atenção na prima. Ela e Rafael já tinham conversado uma vez sobre o trauma de Benedita com a morte de Bartolomeu. O primo até se importava, mas achava que era besteira ficar triste e revoltada por tantos anos e que já era hora de Benedita superar, mas Maria Pia entendia que a coisa ia um pouco além de só não superar a morte do cachorro.

Bartolomeu estava presente na vida de Benedita desde que ela nasceu. Ele já era de estimação da tia Anita há anos, e pelo que sua mãe contava, sempre foi grudado em Benedita desde que a tia ainda estava grávida. O cachorro era uma parte importantíssima da vida da prima, sendo protagonista de muitas das cenas natalinas mais bizarras da família — isso contando só as festas de fim de ano. As histórias do que aquele cachorro aprontava quando chegava a páscoa e a festa junina as pessoas só acreditavam quando Benedita mostrava os vídeos que a mãe tinha gravado. Não era à toa que todo mundo sempre deixava que ele ficasse com uma coxa de peru inteira só para ele no natal.

Benedita não conhecia uma vida que não tivesse Bartolomeu nela e, de repente, numa data com aquela importância para os dois, ele não estava mais lá. Um

pedacinho da prima tinha ido embora naquele dia, e ela ainda não tinha encontrado com o que preencher.

Não foi por falta de tentativa. No ano seguinte a avó tinha se transformado na doida do natal exatamente para ver se a neta se animava com a data, mas não tinha dado certo. Rafael e ela também tentaram, mas eventualmente desistiram de fazer a prima se importar com natal de novo. Maria Pia tinha esperanças de que o casamento da tia Anita e o nascimento de Igor pudessem fazer alguma diferença, já que Benedita adorava o irmãozinho, mas nem isso tinha conseguido fazer a prima parar de torcer o nariz quando o fim de ano se aproximava.

As expectativas de Maria Pia passaram então para Domitila, que era praticamente um furacão comemorativo e arrastava Benedita em todas as ideias doidas que tinha. E a parte boa era que Benedita ia, e mesmo que de início fosse só para agradar à amiga, era evidente que acabava se divertindo junto. Maria Pia inclusive desconfiava que a razão pela qual Benedita sempre cedia ao furor comemorativo de Domitila ia um pouquinho além de só amizade. Essa desconfiança aumentou ainda mais depois do fora que a prima havia dado em Júlio e depois de descobrir que a birra esquisita que Benedita tinha de uma garota do colégio era porque ela era ex de Domitila.

E, claro, ela sempre podia tentar acelerar as coisas contando de uma vez a Domitila qual era o motivo de Benedita detestar tanto o natal, mas no fundo sabia que não tinha o direito de fazer isso.

Por enquanto, nem mesmo Domitila tinha conseguido levar a prima de volta ao lado natalino da força. Para quem visse a situação de fora, talvez parecesse chato que tanta gente ficasse enchendo o saco de Benedita com isso de natal, afinal algumas pessoas gostam, outras não, outras gostavam e deixavam de gostar, e por aí vai, mas o que Maria Pia queria era que a prima conseguisse encontrar a parte dela que estava faltando.

A mãe de Domitila, com a ajuda do porteiro, colocava as malas no táxi que as levaria ao aeroporto, enquanto Benedita e Domitila estavam sentadas no meio-fio da calçada apenas observando em silêncio.

— Vou encher você, o Rafa e a Maria Pia de mensagens e de fotos, então já deixo avisado que é melhor tirar o som das notificações do celular porque não me responsabilizo.

— É bom que mande mesmo, a mamãe vai querer ver. Ela adora fotos de viagens.

— Você bem que podia ter aceitado meu convite de ir com a gente — Domitila fez uma expressão de chateada.

Benedita revirou os olhos.

— Eu não ia ser boa companhia, você sabe que eu detesto essa época do ano.

— Olha — Domitila começou —, eu não vou te forçar a contar nada que você não queira, mas eu tenho curiosidade sobre isso já faz tempo, então vou perguntar de uma vez: por que você detesta tanto natal?

Benedita torceu a boca, mexendo num pedacinho de grama da calçada.

— Porque pelas histórias que seus primos contam, e algumas delas te envolvem, eu sei que você já teve uma época em que aproveitava bastante, então queria saber o que aconteceu de tão sério para criar essa aversão — ela fez uma pausa, suspirando. — Se você quiser contar, é claro.

Benedita cruzou os braços em volta dos joelhos, trazendo-os para mais perto do corpo, e encaixou a cabeça neles, olhando para algum ponto qualquer na rua. Tinha decidido ser covarde com relação aos seus sentimentos por Domitila, mas talvez pudesse dar pelo menos um passo em direção a passar de “covarde” para “medrosa”. Era menos pior, não era?

— Eu tinha um cachorro. Acho que o Rafael ou a Maria Pia já devem ter mencionado alguma coisa do tipo, porque eu e ele aprontávamos bastante mesmo sem querer.

Domitila afirmou com a cabeça, sua atenção completamente focada em Benedita.

— Eu adorava o Bartolomeu, e ele me adorava também. Era sempre nós dois, inseparáveis. Quando eu ia fazer xixi, tinha que deixar ele entrar no banheiro comigo, senão ele ficava arranhando a porta. Éramos bem assim o ano todo, mas no natal... não sei, no natal era diferente. Quase não tem histórias de natal sobre mim que não envolva o Bartolomeu, e não tinha nada que ele fizesse que eu não estivesse por trás. O ano todo assim, você precisa um dia saber das coisas que aprontávamos quando era festa junina, mas natal era *especial*. Natal era a família toda junta, e ele era da família, sempre foi, desde antes de eu nascer — Benedita fechou os olhos, apertando-os. Ela não queria chorar. — Sabia que quando minha mãe estava grávida, ele andava atrás dela o dia inteiro? E quando ela sentava no sofá ou deitava na cama, ele corria e apoiava a cabeça o mais perto possível da barriga dela. A primeira vez que minha mãe sentiu um chute meu, Bartolomeu sentiu também porque estava encostado na barriga, e ele ficou correndo feito louco pelo quarto. No dia do parto, minha vó disse que ele passou o dia inteiro agoniado, sentado na frente da porta, esperando minha mãe voltar. E quando ela voltou e me colocou no chão dentro da cadeirinha, ele ficou quietinho sentado, olhando para mim e para minha mãe, e depois desse dia começou a dormir sempre do lado do meu berço.

Domitila arregalou os olhos ouvindo Benedita. Parecia aqueles relatos sobrenaturais que tinham em sites como o *Buzzfeed* ou outros especializados em animais. Ela conhecia pessoas que tinham uma conexão muito forte com seus bichos de estimação, mas nenhuma chegava nem perto da que Benedita estava descrevendo.

— Bartolomeu morreu no dia de natal, quando eu tinha dez anos. Eu que o encontrei. Ele parecia que estava dormindo na minha cama, mas já tinha morrido, dormindo mesmo, provavelmente. Nessa época ele já era mesmo bem velho e estava com alguns problemas de saúde, mas... sei lá, sabe — Benedita esfregou a mão na nuca, bagunçando os cabelos curtos.

— A gente nunca acha que um dia nossos bichos de estimação vão morrer — Domitila comentou, entendendo o que Benedita queria dizer.

— E ele morreu, assim, deitado, dormindo. E sozinho no quarto. Nunca ninguém próximo de mim tinha morrido. Eu ainda tinha quatro avós, duas bisavós ainda eram vivas. Desde que eu me conhecia por gente, ninguém tinha ido embora. Isso era uma coisa muito distante, de um dia, de quando. Não de agora, de já. Bartolomeu tinha morrido de velhice. Meus avós eram velhos, então a gente corria o risco de no dia seguinte eles também estarem deitados pra nunca mais acordar? Quer dizer, isso não ia acontecer, mas *podia*. Essa possibilidade não existia antes e, de repente, ela estava lá, levando meu cachorro embora e eu só tinha dez anos.

Domitila sentou um pouco mais perto da amiga, até suas pernas se tocarem. Benedita sentiu o coração acelerar com a proximidade da garota.

— Eu tinha passado minha vida inteira com Bartolomeu e de repente não ia mais. Nossas zoeiras natalinas tinham acabado, então não tinha mais nada ali pra mim. Eu consegui ficar bem no resto do ano, mas foi só as decorações natalinas aparecerem que eu fiquei de mau humor e não queria nenhuma participação naquilo, nada além do que fosse realmente obrigatório pros meus avós não ficarem chateados. E eu continuo não querendo — Benedita suspirou. — Eu odeio natal. Nunca falo feliz natal pra ninguém.

As duas ficaram em silêncio por alguns minutos, Benedita arrancando pedacinhos de grama e Domitila

observando a amiga, sem falar nada. Mas foi ela que quebrou o silêncio primeiro.

— Meu pai morreu em um dia de natal.

Benedita deixou de mexer na grama e arregalou os olhos em direção à amiga. Ela sabia que a mãe de Domitila era viúva e que o pai tinha morrido por causa de um aneurisma cerebral, mas não sabia que tinha sido no dia de natal. Ela abriu a boca para falar alguma coisa, mas antes que pudesse, Domitila ergueu a mão, interrompendo-a.

— Eu não tô te contando isso pra que você fique com pena, ou pra fazer algum tipo de competição de desgraça pra ver qual é a pior ou, sei lá, pra te dar perspectiva de coisas importantes ou qualquer porcaria do gênero que vá te fazer ter uma epifania de qualquer coisa que seja. Mas meu pai morreu no natal. Eu tinha sete anos, ele estava ótimo pouco antes da ceia e aí, de repente, não estava mais. Meus tios o levaram às pressas pro hospital, mas ele não resistiu durante o caminho. Foi rápido assim. E foi horrível. Eu fiquei super confusa, minha mãe ficou mal por meses e minha vó precisou morar no apartamento com a gente por um tempo, até minha mãe se recuperar e a gente se adaptar à nova vida sem meu pai. E a nova vida sem meu pai era um saco. Ainda é.

— Caramba, Domi, eu sou uma amiga de merda... — Benedita disse com remorso. — Eu não sabia que tinha sido assim.

— Você não tinha como saber porque eu nunca tinha contado os detalhes, assim como eu não sabia do Bartolomeu porque você também nunca me contou. Mas a questão não é essa. Presta atenção. — Domitila se virou para a amiga, com a expressão séria. Benedita encarou a menina sentindo seu estômago se revirar. — O natal seguinte foi horrível, porque todo mundo estava triste por ser o primeiro sem meu pai, mas a vida das pessoas já tinha seguido em frente. Minha mãe e eu ainda não, então foi meio constrangedor. Foi bem ruim. O próximo não foi dos

melhores, mas foi o dia em que minha tia anunciou que estava grávida. Ela e meu tio vinham tentando há anos, mas minha tia já tinha tido dois abortos espontâneos e eles estavam quase desistindo. E naquele natal eles deram a notícia: minha tia já estava entrando no quinto mês, e até aquele momento tudo estava indo bem tanto na saúde dela quanto na do bebê. Todo mundo comemorou, e minha mãe começou a chorar e celebrou junto. Porque ela ainda não tinha superado a morte do meu pai em pleno natal, mas estava feliz que justamente naquela data a irmã tinha dado uma notícia maravilhosa daquelas.

Benedita ouvia tudo com atenção, ainda sem saber onde Domitila queria chegar.

— Minha mãe acabou precisando de terapia e faz relativamente pouco tempo que ela finalmente superou a morte do meu pai. Isso não significa que a época do natal não traga mais um pouco de tristeza, mas ela tem outras lembranças também associadas ao natal depois da morte do meu pai. Lembranças boas, como a gravidez da minha tia. Lembranças bonitas, como quando meu primo e o marido levaram pela primeira vez o filho adotivo deles para passar o primeiro natal em família. Lembranças bizarras, como a vez que eu nem sei o que foi que eu aprontei, mas fiz dar curto circuito no pisca-pisca e a árvore de natal pegou fogo.

— Você colocou *fogo* na árvore de natal? — Benedita perguntou, incrédula.

— Disse a garota que quase matou o papai noel com um martelinho de bater carne. É, eu fiquei sabendo! — Domitila rebateu ao ver a expressão de surpresa de Benedita. — Mas você entende o que eu quero dizer?

Benedita entendia, pelo menos na teoria.

— Você tem quinze anos. Passou por catorze natais até agora. O natal de número dez foi horrível, mas como foram os anteriores? Os próximos não tiveram nada legal? Nenhuma lembrança boa? Nenhumazinha?

A cabeça de Benedita começou a latejar. Domitila tinha lhe dado coisas demais para pensar em pouco tempo, e a pior parte é que logo ela ia para Salvador e não ia voltar tão cedo.

Benedita encostou a cabeça no ombro da garota, que passou um braço em volta dos ombros dela. Ficaram lá em silêncio, até a mãe de Domitila anunciar que era hora de irem. Benedita e a amiga se abraçaram apertado, nenhuma das duas muito animada em ficarem tanto tempo sem se ver.

Como previsto por Rafael, a avó tinha encarnado a doida do natal. A casa parecia a filial da fábrica do papai noel no Polo Norte. Nem mesmo o quintal tinha escapado, e todo mundo estava em estado de alerta, esperando uma família de capivaras com chapeuzinhos aparecer do nada para cagar o natal inteiro, *literalmente*.

— Minha nossa! — exclamou o padrasto de Benedita.

— É — concordou Benedita com um muxoxo.

Mal entraram e Igor já começou a se jogar do colo do pai em todas as direções. Era tudo muito bonito e muito colorido e muito piscante, e ele queria pegar tudo na mão e, de preferência, se o pai se distraísse o suficiente, colocar na boca.

— Acha que é mesmo seguro colocar o Igor no chão? — Pedro perguntou para a esposa, meio aflito.

— Não acho que temos muita opção. Deixa ele no chão e seja o que Deus quiser!

Pedro engoliu em seco e fez o que a esposa sugeriu. Na mesma hora, Igor saiu correndo pela sala na maior velocidade que seus passinhos tortos e inseguros permitiam e, para a surpresa de todos, mas não de Benedita, ele era

excepcionalmente rápido e completamente desprovido de limites.

Olhando em volta, Benedita notou que a casa estava mais cheia que o normal. Algumas daquelas pessoas ela não tinha certeza se sabia quem eram. Não era fora do comum que os natais passados na casa dos avós recebiam uma quantidade razoavelmente grande de amigos e outros agregados da família, mas esses geralmente passavam, ficavam um pouco, desejavam boas festas e iam embora para seja lá onde eles precisavam estar naquela noite.

Mas aquelas pessoas ali não pareciam agregados ou amigos, e nem pareciam que iam embora num futuro próximo.

— Sério que você só percebeu agora? — Rafael disse, tirando sarro. — Nos últimos dois anos deu um pequeno surto de casa-descasa-casa-de-novo com alguém que também já tem filhos e por aí vai. Sem contar a parte do irmão do vovô, que agora que voltou de viagem, aumentou um pouco o número de familiares.

Como é que ela não tinha percebido isso antes? Ou talvez tivesse percebido, mas sua mente arquivou esse aumento demográfico em alguma gaveta e a informação ficou lá, esquecida. A casa estava mesmo muito cheia, e por todos os lados se ouvia conversas altas, o cheiro de comida parecia estar em todos os cômodos, bem como o especial do Roberto Carlos passando na televisão, que Rafael provavelmente tinha sido obrigado a abrir mão do videogame por aquele *programão*.

Era tudo muito. E por todos os lados! As mãos de Benedita começaram a suar e a garota sentia que ia sufocar se não saísse dali.

— Mãe, eu vou lá fora um pouco e já volto! — ela avisou, pegando rapidamente um moletom e saindo antes que a mãe pudesse protestar.

Benedita sentou-se na calçada, não muito longe da casa da avó. Todas as casas da rua estavam com as luzes

acesas, e dava para ouvir de longe o barulho de música e de conversa alta. O índice de piadas de pavê devia estar altíssimo.

Como seria o natal naquelas casas? Seria porque gostavam ou porque eram obrigados a comemorar? Faziam a ceia tradicional ou tinham algum prato diferente? Muita gente ou pouca gente? Teriam histórias engraçadas de fim de ano? Ou histórias tristes? Alguém ali também tinha cachorro, ou algum outro animal de estimação que acabava roubando a cena?

Lembrar dos natais anteriores à morte de Bartolomeu não era difícil, e todas as lembranças eram alegres e divertidas. Então ela chegava no natal de número dez e tudo desmoronava.

Lembrou-se de Domitila contando a história da gravidez da tia. Será que Benedita teria perdido alguma coisa assim? Tinha deixado de prestar atenção, será que tinha sobrado alguma memória? Uma lembrança pequena que seja que não fosse ela mesma se sentindo miserável e querendo ir embora?

A decoração desse ano estava um exagero, mas mesmo assim perdia se comparada à do natal de seus onze anos. Não apenas nem o quintal escapou, mas a avó ainda pediu a ajuda dos filhos para decorar o quintal dos vizinhos para não destoar tanto. Tinha um papai noel enorme ao lado da árvore de natal. Tio Valter ficou bêbado e passou parte da noite abraçado ao boneco inflável, chorando sobre como as crianças de hoje em dia não acreditavam mais nele. Alguém filmou e mandou para todo mundo da família. O tio ficou puto da vida.

Rafael também ficou, porque Maria Pia finalmente ganhou dele em todos os jogos de futebol que os dois jogaram, mas apenas porque Benedita discretamente passou a ela todos os códigos secretos que tornavam o time dela mais rápido e mais ágil e garantia que a bola sempre ia para o gol mesmo que o chute fosse todo errado. Rafael

nunca percebeu. Talvez não soubesse disso até hoje, senão já teria tirado satisfação com ela. Rafael era ótimo em guardar rancor por detalhes insignificantes.

Já ia pular o natal de doze anos quando lembrou que esse foi o primeiro que o irmão de seu avô passava com a família. Esse tio avô tinha saído de casa quando era adolescente, mas mantinha contato com a família até que um dia parou e ninguém nunca mais soube nada dele. O avô sempre ficava triste quando lembrava disso, porque não saber se o irmão estava vivo ou não o deixava angustiado.

De repente, no meio de setembro, ele recebeu uma ligação de uma mulher. Era uma prima distante, dizendo que, depois de mais de trinta anos desaparecido, tinham encontrado Adauto, o irmão do avô.

Todo mundo tinha ficado em estado de alerta, porque aquilo podia ser trote, uma piada de mau gosto, ou uma informação equivocada, como já tinha acontecido algumas vezes. Mas era real. Uns dias depois da ligação da mulher, quem ligou foi o próprio irmão do avô.

O avô de Benedita fez um esforço hercúleo para não chorar enquanto o irmão contava o que tinha feito naquelas mais de três décadas sumido. Ele viajou por todo o nordeste e norte do país, e um dia parou numa tribo indígena onde conheceu uma pesquisadora chamada Ercília, que morava lá por conta de sua dissertação de doutorado que pretendia preservar os costumes e memórias daquele povo. E o tio-avô ficou lá com ela, ajudando no que precisava.

Agora, décadas depois, Ercília finalmente tinha material suficiente para começar a escrita do seu livro, o que significava que eles iriam morar em Minas Gerais, onde ela vivia antes.

O avô perguntou se Adauto aceitaria trazer a família para passar o natal com a família dele em São Paulo.

Adauto disse que sim.

O reencontro entre os dois irmãos tinha sido presenciado apenas pela avó e por Ercília, e as duas

contaram que foi a coisa mais emocionante que elas já tinham visto. Ercília tinha três filhos e duas filhas, todos casados, e todos vieram junto com eles. Contando a história inteira para o dono de um restaurante que era conhecido deles, os avós de Benedita conseguiram convencê-lo a alugar o espaço para o natal em família daquele ano. Tinha sido o maior natal em todos os sentidos.

Benedita lembrava-se de como os olhos do avô brilhavam toda vez que ele olhava para o irmão, e como mais de uma vez ele teve que tirar o lenço cinza que sempre tinha no bolso da calça e limpar uma lágrima que insistia em querer cair.

Como é que ela tinha se esquecido disso?

Aos treze anos foi o primeiro natal de Igor. Sua mãe e seu padrasto acharam que, por ele ser ainda muito pequeno, não aproveitaria tanto assim as decorações, então tudo poderia ser mais simples. Obviamente os avós não concordaram e decidiram que exatamente por ser o primeiro natal do pequeno Igor teria que ser *grandioso*. E lá ia a casa dos avós rivalizar com a decoração natalina do maior shopping da cidade (Benedita desconfiava que a avó tinha até entrado em contato com os mesmos fornecedores de decoração).

Todos estavam errados. Igor aproveitou até não poder mais, e a decoração realmente não precisava ter sido tudo aquilo que foi. Bastavam os enfeites que ele pudesse puxar sozinho quando quem estivesse com ele no colo ficasse distraído por mais de um minuto. Igor puxou todas as guirlandas, todos os enfeites das paredes, jogou parte do presépio no chão e arrancou uma quantidade surpreendente de brincos e colares e algumas mechas de cabelo de todas as mulheres que tentaram acalmá-lo. Ninguém mais queria arriscar pegar o moleque no colo e, por um tempo, sobrou para Benedita.

Que levou, no colo, para perto da árvore de natal, o pequeno Igor de cinco meses.

Que se contorceu tanto que conseguiu se jogar longe o suficiente para agarrar um fio de pisca-pisca que estava meio enrolado.

Que derrubou a árvore de natal em cima da mesa da ceia. Em cima da famosa torta de bacalhau da sua mãe.

Benedita tentou lembrar onde ela tinha visto uma cena parecida, mas deixou para lá.

O natal anterior, o de 14 anos, teve um começo um pouco tenso. Afinal seria o primeiro desde que Benedita tinha contado para uma parte da família que era bissexual. A mãe e o pai não ficaram surpresos. Desde o incidente na escolinha, quando ela tinha seis anos, eles já desconfiavam que a filha gostava de garotos e de garotas, mas nunca comentaram nada diretamente com ela. Criaram dentro de casa um ambiente em que Benedita sabia que podia contar aos pais o que precisasse, então eles sabiam que, quando ela se sentisse confortável, falaria com eles. O padrasto seguiu a mesma linha, já que o importante era o emocional de Benedita, e ficou feliz por ela confiar nele também (talvez ele tenha chorado um pouquinho por isso). Os primos simplesmente levantaram a plaquinha hipotética do “eu já sabia” e os avós, apesar de ficarem surpresos no começo, iam se acostumar com a ideia com o tempo.

A notícia foi se espalhando pelo resto da família, e esse era exatamente o problema. Porque toda família tem o famigerado Tio do Pavê, que faz as piadas infames, e a Tia dos Namoradinhos, que faz as perguntas constrangedoras sobre o estado civil de basicamente todo mundo. Por isso a tensão no começo das comemorações do natal quando todos os parentes foram chegando: não dava para saber qual deles acabaria fazendo algum comentário de mau gosto ou ofensivo. E Benedita já não era apegada ao espírito natalino, então provavelmente poderia virar uma discussão e a sobremesa ser a clássica Torta de Climão.

E de fato a Torta de Climão foi servida exatamente na hora da ceia, e pelo Tio do Pavê, que era o marido da prima

da mãe de Benedita e tinha zero intimidade com ela. Depois de criticar como bolsistas de faculdades queriam viver de graça sem trabalhar às custas dos bons cidadãos, virou-se para Benedita com um sorriso, mexendo as sobrancelhas para cima e para baixo, e perguntou:

— E os namoradinhos, hein? Hahahahaha!

Algumas pessoas pararam de conversar, prestando atenção à cena. Benedita não pareceu se abalar.

— Não tem namoradinho esse ano, tio — ela respondeu, enquanto sofria com o fato de que teria que comer tender com calda doce. Por que as pessoas cismavam em misturar doce com salgado?

A conversa poderia ter terminado ali e a ceia continuado, mas o Tio do Pavê ainda não tinha terminado a piada. Ele respirou fundo, fez a mesma expressão de antes, e soltou:

— E as namoradinhas, então? Namoradinhas tem? Hahahahahaha!

Bocas pararam de mastigar, talheres pararam de fazer barulho e ninguém sabia se mudava de assunto ou se escondia debaixo da mesa. A esposa do Tio do Pavê reagiu por todos, dando um beliscão no braço do marido, que era para ter sido discreto, mas não foi por causa do escândalo que ele fez.

— AI! O que foi? Qual o problema? Ela gosta dos dois, não é isso? Eu não posso atualizar a minha piada? — ele reclamou, segurando o braço beliscado como se estivesse prestes a cair.

Ela gosta dos dois. Benedita apenas respirou fundo, cansada.

— Não, tio. Também não tem namoradinha. Mas vamos ver mais pra frente — Benedita respondeu, voltando a comer o tender com a calda doce que ela detestava.

— Tá vendo? — o tio do pavê reclamou. — Ela nem ligou. Vocês, viu. Vou te contar! — e voltou a beber sua taça de vinho como se nada tivesse acontecido.

Não tendo uma discussão maior, todos voltaram a comer normalmente, ainda que meio ressabiados. Benedita, ainda que se recusasse a demonstrar, tinha ficado feliz com a piada do tio.

Apesar de ser sem noção, se o tio tinha se dado ao trabalho de adaptar uma piada infame para melhor acomodar a sexualidade dela, então talvez as coisas dentro da família fossem ficar bem em relação a isso, nem que levasse um tempo até que todo mundo se acostumasse com a possibilidade de um dia ela apresentar uma garota num jantar de família.

E agora tinha esse natal, em que Domitila tinha lhe dado muita coisa para pensar.

Eram poucas coisas relevantes que ela lembrava que tinham acontecido, mas sabia que não deveria ser só isso. O que mais ela tinha perdido? O que Rafael e Maria Pia teriam para contar se ela perguntasse?

— Minha mãe falou que não pode ficar no sereno.

Benedita tomou um susto com a vozinha de criança que apareceu do nada logo ao lado dela. Era uma garotinha de vestido vermelho e gorro de papai noel que parecia ter talvez uns seis ou sete anos.

— Sua mãe é uma mulher sábia — Benedita respondeu, sem dar muito papo.

— Sua calça tá rasgada — a garotinha insistiu, apontando para um rasgo no joelho do jeans de Benedita.

— Você é muito observadora — Benedita decidiu não dar mais bola, na esperança de que a garotinha voltasse para casa dela. Ela tinha coisas demais para pensar e não podia dar atenção para alguém que ela nem conhecia.

— Tem um cachorrinho dentro de uma caixa ali.

— Oi? — Benedita não tinha certeza se tinha escutado direito. A voz da garota saíra baixa e o vento cortante atrapalhava a comunicação.

— Ali, naquele mato. Tem uma caixa com um cachorrinho dentro. Eu que achei, mas minha mãe não me

deixou pegar — a garotinha explicou, puxando a barra do vestido, chateada.

Três casas adiante, alguém chamou e a garotinha foi embora correndo e desejando feliz natal, que Benedita respondeu apenas com um aceno desajeitado.

Um cachorrinho no meio do mato? Devia ser mentira da menina.

O lugar para onde a garotinha tinha apontado era um terreno enorme e vazio, perto de um riozinho e de onde a capivara do famoso Natal que Não Deve Ser Nomeado costumava ficar (naquela época seu avô acabou não deixando sua vó ficar com a capivara como animal de estimação, mas isso não a impedia de visitá-la sempre que ela aparecia). Não chegava a ser mato alto, mas era bem incômodo e bagunçado.

E sujo.

E cheio de outros bichos.

E se começasse a ventar mais? Ou chover?

E se tivesse mesmo no meio daquele mato um cachorrinho dentro de uma caixa?

Benedita decidiu pagar para ver. Levantou-se da calçada e foi na direção em que a garotinha tinha apontado. Não teve que andar muito até começar a ouvir um chorinho, e depois de mais alguns passos encontrou.

Era uma caixa de papelão sem tampa que tinha cheiro de xixi e dentro dela tinha um cobertorzinho velho e uns flocos de ração espalhados.

E um cachorrinho.

Um cachorrinho magrelo, preto com algumas manchas caramelo, e não dava para ter certeza, mas não devia ter mais de um ou dois meses de vida.

Benedita ficou parada, olhando, quando o cachorrinho percebeu que não estava mais sozinho por ali. Assim que viu Benedita, ele choramingou mais alto, ficando de pé apoiado em um dos lados da caixa, tremendo de frio. Ela olhou em volta, mas não viu mais nenhum filhote e nenhum cachorro

que pudesse ser a mãe. Também não tinha mais ninguém por perto.

Quem tinha deixado aquele filhote ali, e daquele jeito ainda por cima, e quando? Ela não acreditava que a mãe da garotinha não tinha tirado ele dali, nem que fosse só por uma noite, ou para levá-lo até um veterinário que depois pudesse acionar a ajuda de alguma ONG de adoção. Como alguém poderia ser tão coração de pedra assim? O filhote podia se machucar se saísse da caixa. Podia ser mordido ou picado por algum bicho. Ou morrer de sede, já que não tinha água por perto, ou de fome, considerando que não tinha mais quase nada de ração dentro da caixa e ele estava bem magrinho.

Benedita lembrou de Bartolomeu e de como ele tinha sido grande, feliz e bem alimentado, e não precisou de mais do que isso para pegar o cachorrinho no colo. Ele pareceu aliviado de sair de dentro daquela caixa fria e fedida e ir para um colo quentinho, tentando de todo jeito esconder a carinha entre os braços de Benedita. Ela não se deu ao trabalho de pegar a caixa e foi direto para a casa dos avós.

— Dita, você perdeu, o Igor fingiu que comeu uma bola de natal e deixou o Pedro desesperado... que que é isso? — Maria Pia acompanhou a prima sem conseguir ver o que ela trazia escondido junto ao peito, mas seja lá o que fosse, ficava se mexendo sem parar.

Benedita pediu que a prima pegasse algum shampoo neutro, enquanto ia até o banheiro pela porta dos fundos para ninguém vê-la.

— Benedita, o que foi que você apront... *ai meu deus que coisa fofa*! — Maria Pia deu um gritinho agudo quando viu a prima colocar dentro da banheira o cachorrinho magrelo, pretinho e caramelo. — Onde você achou? De onde ele veio?

— Do meio do mato — Benedita respondeu enquanto abria a torneira e ligava o chuveirinho, esperando até

acertar a temperatura da água para que ficasse morna. — Sozinho, dentro de uma caixa de papelão fedida.

O cachorrinho assim que viu a água saindo do chuveirinho correu com as patas curtas até ele e bebeu até cansar. Maria Pia ficou surpresa de ver o quão animado ele parecia, enquanto ela segurava o chuveirinho e a prima com cuidado espalhava e esfregava o shampoo de lavanda nele.

— Bartolomeu também adorava tomar banho. Nunca deu trabalho.

As duas deixaram que o bichinho se chacoalhasse o quanto quisesse antes de pegá-lo e enrolá-lo numa toalha grande e felpuda. Ele estava limpo, quase seco e já tinha matado a sede, agora só faltava matar a fome. Elas só não sabiam com o quê.

Não conseguiram chegar até a cozinha sem que a mãe de Benedita descobrisse o que a filha tinha no colo.

— No meio do mato, mãe. Sozinho lá fora. Não dava pra deixar lá.

Anita não sabia o que fazer com aquela situação, mas um olhar cortante de Maria Pia a fez entender. A filha estava quieta, parecia ter o pensamento perdido em alguma coisa enquanto entrava na cozinha com o cachorrinho abraçado no peito. Benedita conversou com a avó, que viu o bichinho choramingar mais uma vez, e apontou para cima do forno, onde o peru dentro da travessa só esperava ser levado até a mesa.

A avó de Benedita tirou a coxa do peru com cuidado e entregou para a neta, que sentou-se no chão, colocou o cachorrinho no colo e se pôs a tirar a carne do osso em pedacinhos bem pequenos, o suficiente para que ele conseguisse comer sem problemas. Não era a refeição ideal para um filhotinho daquele tamanho, mas teria que servir até que eles pudessem comprar ração adequada.

A mãe, a prima e a avó de Benedita saíram da cozinha, deixando a garota sozinha com seu novo amigo. Maria Pia disse que também não tinha entendido muito bem

de onde ele tinha vindo, e que era melhor deixar Benedita decidir o que iam fazer. A mãe de Benedita concordou, até porque já estava tarde e obviamente ela não ia deixar um filhotinho sozinho no meio da rua.

Mas queria muito saber o que a filha estava pensando. Não dava para adivinhar muito olhando no rosto dela, que parecia estar congelado naquela mesma expressão de concentração, as sobrancelhas meio franzidas como se estivesse tentando resolver um enigma complicado.

Não demorou muito e Benedita voltou da cozinha, novamente com o cachorrinho no colo. Ele parecia agora bem mais calmo e feliz, limpo, quentinho e de barriga cheia. Ela sentou-se com ele no tapete da sala, colocando-o no chão e deixando que ele fosse cheirando tudo que aparecia em sua frente, meio assustado, meio curioso naquele lugar tão cheio de gente.

Então veio Igor, o pequeno furacão, correndo em direção à Benedita. Quando ele viu o cachorrinho, todos em volta se prepararam para tirá-lo de perto caso fosse necessário. Igor era um desastre e não tinha limites, então para que ele corresse desembestado até o filhote, assustando o coitadinho, não precisaria de muito.

Só Benedita não parecia preocupada. Pelo contrário, ela estava calma, como se soubesse exatamente o que ia acontecer.

Igor correu até Benedita dando gritinhos de felicidade, sentou-se ao lado dela (talvez o melhor termo seja “se jogou com tudo de bunda no chão”), esticou os bracinhos e abriu e fechou as mãozinhas em direção ao filhote, que atendeu prontamente ao pedido do menino e meio correu, meio cambaleou em direção a ele. O cachorrinho pulava e corria e abanava o rabinho, enquanto Igor ria alto e chacoalhava os braços a cada lambida que levava do bichinho. E o cachorrinho latia, e Igor ria mais alto, o que fazia o cachorrinho latir ainda mais, e Igor rir ainda mais, e Benedita continuava quieta, observando os dois.

Dando-se por satisfeita com alguma coisa, Benedita levantou-se e deixou os dois pequenos sozinhos, sentando-se no sofá ao lado dos primos.

A mãe e o padrasto de Benedita tinham assistido a tudo de longe.

— Esse cachorrinho vai ficar, não vai? — perguntou Anita, conformada.

— Vai — respondeu Pedro, balançando a cabeça. — Com certeza.

— Ele vai precisar de uma visita ao veterinário rápido.

— Sem dúvidas.

— E vai precisar de um nome.

— Aí já acho que é com Benedita e Igor.

Já era quase meia-noite quando Igor e o cachorrinho gastaram o que tinham de energia e caíram no sono. Pedro levou o filho e o filhote até uma cama no quarto de hóspedes e deixou os dois confortáveis e roncando baixinho.

Os fogos começaram meia-noite em ponto. Enquanto a família toda se cumprimentava e trocava os presentes, Benedita escapou de fininho até o quarto em que o irmão e o cachorrinho estavam. Ficou parada na porta, observando os dois. Igor estava de barriga para baixo e o cachorrinho, esparramado quase em cima da cabeça dele, os dois dormindo pesado, sem ligar para todo o barulho e bagunça que acontecia do lado de fora. Benedita lembrou de quantas vezes tinha dormido daquele jeito com Bartolomeu. O cachorro preferia dormir agarrado ao braço dela, que às vezes ficava meio dormente, mas ela preferia cortá-lo fora a ter que mexer e correr o risco de deixá-lo desconfortável.

Nenhum dos dois, nem Igor nem o cachorrinho, parecia desconfortável naquele momento. Pareciam felizes.

Benedita saiu até o quintal com o celular na mão sem que ninguém a visse e apertou as teclas do único número que sabia de cor.

— Benedita? Aconteceu alguma coisa? — a voz de Domitila soou do outro lado da linha, meio preocupada, meio curiosa. Já era quase tradição entre elas que Domitila lhe mandasse uma mensagem enorme e cafona de feliz natal, cheia de clichês e emojis, e Benedita lhe respondesse alguma coisa mau humorada de volta.

Todo ano Domitila tentava ao máximo superar a breguice da mensagem do ano anterior, já que Benedita sempre lhe prometia dar um pacote de balas de morango caso ela conseguisse a proeza. Quem sabe esse ano ela pedisse alguma outra coisa caso conseguisse.

Tipo um beijo.

— Benedita? — Domitila perguntou novamente, pensando se devia realmente ficar preocupada.

— Domi?

— Oi, fala.

— Feliz natal.

E Benedita não podia ver Domitila sorrindo do outro lado da linha, mas sentiu na respiração dela o quanto estava feliz.

Créditos

VITOR MARTINS

Vitor Martins nasceu em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, e atualmente mora em São Paulo. É formado em Jornalismo pela Universidade Cândido Mendes, trabalha como ilustrador editorial em projetos didáticos e publicou seu primeiro romance *Quinze Dias* em junho de 2017, pela Globo Alt. Acredita que a diversidade na literatura jovem é uma arma poderosa, e seu principal objetivo como escritor é contar histórias de pessoas que nunca conseguiram se enxergar em um livro. Mantém um canal no YouTube, que leva o seu nome, onde fala sobre literatura, cultura pop e ilustração. No momento, o autor está trabalhando no seu próximo livro ainda sem previsão de lançamento.

BARBARA MORAIS

É formada em Economia pela UnB, dona do blog Nem Um Pouco Épico e já publicou contos em diferentes coletâneas. Seu primeiro romance, *A Ilha dos Dissidentes*, foi lançado em agosto de 2013 pela editora Gutenberg, e conta a história de Sybil Varuna, uma adolescente que precisa aprender a viver em um mundo futurista e atormentado por conflitos entre humanos e anômalos. O segundo volume da Trilogia Anômalos, *A Ameaça Invisível* saiu em setembro de 2014 e *A Retomada da União*, o último livro da saga, foi publicado em agosto de 2015. No momento, Barbara se

dedica a diversos projetos, como o seu próximo livro solo de ficção científica.

LUCAS ROCHA
O autor é formado em Biblioteconomia e Documentação pela UFF e fez mestrado em Ciência da Informação. Publicou contos em três coletâneas lançadas pela editora Draco e, em abril de 2015, seu conto *O Rei e a Deusa* foi lançado no projeto *O Outro Lado da Cidade*, coordenado pela Taissa Reis. Atualmente, o autor se dedica ao seu primeiro romance, ainda sem previsão de lançamento.

ALLIAH
É uma máquina assombrada que habita os multiversos da ficção especulativa, do estranho, da internet e da cultura pop. Queer e pessoa trans de gênero fluído, é autor de vários contos publicados em coletâneas e sites e do livro ilustrado de contos Metanfetaedro. Atualmente trabalha em seu novo livro, ainda sem previsão de lançamento.

MARESKA CRUZ
Mora em Campinas, se formou em História pela Unicamp e trabalhou em livrarias e na Bienal do Livro de São Paulo. Além de ser fã de gatos, também ama literatura infantil e juvenil. Escreve textos e artigos em seu blog, e atualmente está escrevendo seu primeiro romance.

Idealização do projeto: Vitor Martins
Organização: Agência Página 7
Ilustrações: Vitor Martins
Revisão: Gui Liaga e Taissa Reis
Diagramação: Lucas Rocha

Table of Contents